Thalita Rebouças
ELA DISSE, ELE DISSE
ROCCO
JOVENS LEITORES

Thalita Rebouças

ELA DISSE, ELE DISSE

ROCCO JOVENS LEITORES

Para Scholte e Chico, minhas
fontes de inspiração e paizões
de meninos muito sortudos.

E para o Carlos,
amor da minha vida, pelas
preciosas dicas masculinas e,
principalmente, pela paciência.

Rosa

Assim que fechei a porta do carro da minha mãe bateu aquele frio na barriga. Respirei fundo e caminhei na direção do enorme portão de ferro. Era meu primeiro dia de aula na Dinâmica, minha escola nova. Claro que estava tensa. Onde sentar? O que conversar? Como puxar assunto? Com quem puxar assunto? Antes de ir embora minha mãe deu uma buzinadinha, mandou um beijo e um sorriso fofo, e eu entrei.

A escola era grande, tinha piscina, quadras de basquete, muito verde e ocupava um casarão antigo no coração de Botafogo, aos pés do Cristo Redentor. Bonitona. Bem maior do que a que eu estudava em Vitória, no Espírito Santo, onde morei seis anos. Eu fui para lá com 8 anos, quando meu pai teve de se mudar de mala, cuia e família depois de ser transferido para a filial capixaba da empresa em que trabalhava.

Gostava muito das minhas amigas de Vitória, a maioria eu conhecia desde que cheguei lá. Algumas eram como irmãs para mim. Por isso, fiquei com o coração partido na hora de voltar para o Rio, a cidade em que nasci. Mas fiz questão de vir para a Cidade Maravilhosa com a minha mãe, ela precisava da minha companhia, ainda mais depois que se separou do meu pai.

Não, não fiquei triste com a separação. Juro! Os dois viviam brigando, discutindo, dizendo coisas horrorosas um para o outro. Eu chorava, eles choravam, batiam porta, gritavam, ficava o maior climão pesadão lá em casa... A decisão de cada um seguir para um lado foi mais do que acertada. E tomada civilizadamente, o que eu achei muito legal.

O meu pai voltou para Vitória depois de passar três meses de férias no Rio aproveitando a família (entenda-se por família eu, ele, mamãe, vovó, vovô... Não disse que a separação foi civilizada? Pois é, meus pais mantiveram a amizade, o que é maravilhoso). Ele foi embora na véspera do meu primeiro dia de aula e prometeu me visitar sempre. Sabia que não o veria mais com a frequência que gostaria, mas optei por ficar com a minha mãe e estava muito feliz perto dela.

Enquanto caminhava à procura da sala de aula, pensava que era chegada a minha hora, a minha virada, a minha vez de encarar o desconhecido. Do alto dos meus 14 anos, vi minha vida mudar por completo de uma hora pra outra, e precisava olhar para o futuro de frente, sem medo, sem vergonha, sem constrangimento. Porque primeiro dia de aula em colégio novo é ridiculamente difícil.

Será que iam implicar comigo porque eu tinha morado em Vitória? Pô, adolescente implica com tudo, por qualquer motivo — e sem qualquer motivo também, vamos combinar. Será que me deixariam de lado, sozinha num canto? Será que me tachariam de chatinha? Será que achariam meu nariz muito grande, minhas canelas muito finas, meu cabelo ressecado, minha voz esganiçada? Será que a comida da cantina era boa?

Antes de entrar na minha sala, fiquei na porta observando as pessoas que conversavam animadamente lá dentro. Eram amigos se revendo depois dos meses de férias, mostrando fotografias, falando dos presentes que ganharam no Natal, todo mundo alegre, todo mundo rindo muito. Ninguém com cara de peixe fora d'água. Só eu.

Entrei e logo tive a nítida sensação de que era invisível. Ninguém me viu, ninguém reparou em mim, ninguém sequer fingiu ter me visto. Desviei dos vários grupinhos espalhados pelo lugar e escolhi uma mesa perto da janela. Fiquei ali sozinha por um bom tempo, com vergonha de me aproximar de algum grupo. Fingi procurar alguma coisa na minha mochila e tirei tudo lá de dentro. Torcia para que alguma pessoa viesse me dar um oi, um sorriso, qualquer coisa para me tirar daquela aflição de estar completamente sozinha numa sala cheia de gente.

— Oi. Beleza?

Não creio! Alguém falou comigo! Alguém falou comigo! Não posso perder tempo, tenho que ser simpática, que sorrir mostrando os dentes, preciso me mostrar interessada, engrenar um diálogo incrível!, planejei.

— Arrã.

Nossa, nota zero para mim. Zero, zerésimo. Eu sou uma anta mesmo. Louca para fazer amizade, para não me sentir deslocada, para me sentir alguém no mundo e mandei um "arrã" logo no primeiro contato. Péssima aluna na matéria "relacionamento com gente nova". Em pouco tempo, com certeza, eu viraria "a antipática do arrã". Meu apelido em toda a escola seria "Arrã". "Olha a roupa que a Arrã veio hoje!", "Repara só na Arrã comendo". "Nossa! Arrã não sabe escolher perfume!", "A letra da Arrã é medonha!", eles diriam, às gargalhadas. Triste. Para piorar meu sofrimento, de "Arrã" eu viraria "a rã", de "rã" pra "sapa" seria um pulo e "sapa" seria o fim. O fim! Que futuro terrível me esperava!

Claro que depois dessa recepção gélida (com direito ao arrã estúpido que me fadaria ao insucesso escolar) seria praticamente impossível o menino continuar puxando assunto.

— Você é nova aqui?

Ai, que fofo! Ele puxou assunto! Ele insistiu! Ele queria mesmo falar comigo. Oba!, comemorei por dentro.

— Sou, é meu primeiro dia — respondi.

Que avanço! Uma, duas, três, quatro, cinco! Cinco palavras! Eu estava

melhorando. Tudo bem, podia ter perguntado "E você?". A minha timidez atrapalhou, mas ele deve ter lido meus pensamentos.

— É meu primeiro dia também. Onde você estudava antes?

Ufa! Que bom conhecer alguém na mesma situação. Um parceiro de ADPD (Angústia Do Primeiro Dia), uma pessoa tão peixe fora d'água quanto eu. Eu não estou só!, comemorei, brega, dramática e internamente.

— Numa escola em Vitória, no Espírito Santo. E você?

— Em Copacabana, mas meus pais cismaram de me botar nesse colégio. Além de ser bem mais perto da minha casa, eu gosto de colégio novo. E falam benzão daqui, dizem que é um dos melhores do Rio. Os alunos gostam, os pais gostam.

— É?

Caraca! Eu estava péssima no quesito diálogo. Péssima! Pior: com o menino que seria meu parceiro, meu brother de primeiro dia, meu salvador! Ele desandou a falar e eu só falei "é". "É"!!! E pensar que eu estava feliz da vida por ter alguém para conversar, era incrivelmente maravilhoso não estar mais sozinha e deslocada... Pena que eu não conseguia traduzir essa ótima sensação em palavras. Coitado do garoto, ele parecia ser tão legal...

— É, dizem que é uma escola muito boa. Meu pai falou que os professores daqui são excelentes. E o lugar é irado, né?

Eu precisava continuar o diálogo decentemente! O garoto era fofo e conversador, não podia deixá-lo na mão! Não podia espantá-lo e expulsá-lo pra longe de mim. Precisava unir forças com ele. Mais um fora e ele não puxaria mais papo nenhum comigo e passaria o resto do ano me achando antipática, metida e nojenta. Ou burra, sem assunto e sem cultura geral.

— Com certeza.

"Com certeza"? O que é isso, Rosa?, recriminei-me. De onde eu tirei "com certeza"? Que coisa mais ridícula!

Ele sentou-se na mesa ao lado da minha e fechou a boca.

Claro, eu também calaria a minha depois de um "com certeza" desses. Precisava fazer algo, precisava voltar a conversar com ele. E já que ele tinha comentado o quão irado era o colégio...

— Irado é você — eu disse, perdendo uma ótima chance de ficar calada. Por que eu disse isso? Por que não perguntei o nome dele, que eu ainda não sabia? "Irado é você." Que frase era aquela? Agora parecia que eu estava a fim dele. Mas eu não estava a fim dele. Eu nem conhecia ele!

Ele ficou vermelho.

— Pô, que é isso...

Droga! Ele agora ia ficar metido, ia falar pra todo mundo que eu dei em cima dele, que eu estava derretida por ele, que eu estava apaixonada, que eu o achava irado. E ele era zero irado. Mas eu disse que ele era irado. Com

todas as letras: i-r-a-d-o. Onde eu estava com a cabeça? Era preciso consertar o estrago.

— Irado é modo de dizer, viu? Nem te conheço, como é que vou saber se você é irado, né? Eu só quis dizer que você é simpático por ter vindo falar comigo. Simpaticão.

Meu Deus! Alguém podia enfiar uma rolha tamanho GG na minha boca? Simpaticão? Que coisa de vó! Minha avó que tem mania de tascar um "ão" nos adjetivos. Ai, que vergonha. Agora foi a minha vez de ficar vermelha.

— Meu nome é Leonardo, mas pode me chamar de Leo. E o seu?

Ufa! Ele passou batido pelo meu insano comentário.

— Rosa. Mas pode me chamar de Rosa mesmo — tentei fazer graça.

Inacreditável! Eu nunca tinha ido tão mal numa conversa! O menino certamente ia sair dali me achando maluca!

— Rosa puro? — quis saber.

— Isso. Não sou Ana Rosa, Rosa Maria, nem Rosa Isaura. É Rosa puro. E pura. Sou uma menina muito pura, mamãe vive dizendo.

"Rosa pura"? "ROSA PURA"!? De onde essas palavras estavam surgindo? Quem era essa pessoa que estava dentro de mim? Primeiro dia em escola nova causa tantos efeitos colaterais assim?, eu me questionei enquanto fazia cara de paisagem e tentava agir normalmente.

— Dizem que as gincanas daqui são sempre muit...

Nessa hora, Leo foi cortado por um loirinho de olhos azuis que era o menino mais branco que eu já tinha visto em toda a minha vida.

— Aí, beleza? Você joga bola?

— Jogo.

— A gente tá precisando de um lateral direito pra completar o time da turma, tá a fim?

— Tô dentro.

— Aí, gente, fechamos o time! Qual é seu nome?

— É Leo.

— Vem pra cá, Leo! Chega mais! — chamou um outro garoto.

Leo levantou-se e foi. Nem se despediu. Nem sequer deu um aceno. Deixou-me ali sozinha de novo, olhando para o verde bonito do lado de fora da janela. Eu não podia correr o risco de esbarrar com outra pessoa e fazer tudo errado de novo.

Leo

Primeiro dia de aula numa escola nova é sempre meio estranho, afinal você está indo para um lugar onde não conhece ninguém. Mas eu gosto.

A Dinâmica era enorme, bem maior que a minha antiga escola. Maior e, como vou dizer?, mais arrumada que a outra. Cheia das frescurinhas, as quadras maneiras, as cestas de basquete tinham redes novinhas, as carteiras não tinham um rabisco, os professores andavam embecados... Na minha outra escola era tudo meio esculhambado, meio caindo aos pedaços, paredes descascando. E eu gostava. Mas meus pais botaram na cabeça que eu tinha que estudar numa escola melhor, então lá fui eu.

Entrei na sala procurando logo um lugar para sentar. Todo mundo conversava animado, claro, deviam ser amigos há muitos anos. Tinha uma carteira vazia perto da janela e eu fui direto para lá. Para evitar ficar calado e com cara de desentrosado, puxei logo papo com uma menina que parecia estar sozinha.

— Oi, beleza?

— Arrã.

Que recepção gélida! Mas não me deixei abater e continuei puxando papo com ela. Descobri que se chamava Rosa, tinha vindo do Espírito Santo e também era aluna nova. Acho que ela gostou de eu ter ido puxar assunto, mas parecia nervosa. E meio boba também.

Ficamos conversando mais um pouco, mas um garoto branquelo perguntou se eu jogava bola e eu, claro, fui lá falar com ele.

Rosa

Em pouco tempo Leo já batia papo animadamente com seus novos melhores amigos. Meninos me irritam com esse negócio de futebol. Uma partida e pronto, eles viram parceiros, amigos fiéis, confidentes, irmãos pra toda vida, uma união de dar inveja a qualquer grupo de amigas de infância. E olha que eles nem tinham jogado ainda, tinham só *combinado* de jogar. Garotos... humpf!

Tocou o sinal, a aula finalmente iria começar. Já não era sem tempo. Alguns minutos de silêncio viram uma eternidade quando você está deslocado. Todos foram para seus lugares, e Leo voltou para a mesa ao lado da minha. Pelo menos ele não tinha decidido mudar de lugar definitivamente. Não quis me deixar sozinha, estávamos no mesmo barco, afinal. Ambos éramos novatos, era nosso primeiro dia na escola, não

conhecíamos ninguém, mas tínhamos um ao outro. Bacana ele deixar claro que eu podia contar com ele. Que pessoa querida! Que pessoa que pensa nos outros! Que pessoa de luz!, concluí.

— Ô, Leo! Senta aqui com a gente. O Yuri troca de lugar com você, né, Yuri? — chamou o branquelo.

Como um foguete, Leo pegou sua mochila e, sem a menor cerimônia, sem emitir nenhuma palavra para a minha pessoa, partiu feliz rumo à companhia de seus novos, maravilhosos e futebolísticos amigos, sem nem olhar pra trás. E eu fui abandonada pela segunda vez consecutiva naquela manhã. Que lástima! Era fato: Leo me odiava.

O tal do Yuri, sem discutir, levantou-se e veio na direção da minha carteira. Era um menino magro e comprido de olhos puxadinhos, cabelos pretos bem lisos, cara de sono, lábios finos, nariz afilado. Calado levantou-se, calado caminhou, calado sentou-se e calado permaneceu.

A professora entrou e se apresentou. Agora, sim, eu não me sentia mais sozinha, teria que ficar calada não porque não tinha com quem conversar, mas para prestar atenção na aula, como toda a turma. Gostei dela. Valéria era seu nome. Professora de Geometria. Calminha, de fala mansa, olhos verdes... Depois veio a Fátima, de Língua Portuguesa, uma moça de cabelos pretos curtos e lisos, óculos discretos, uma pinta sobre os lábios finos, voz grossa e tênis divertidos quase escondidos sob uma calça jeans mais comprida do que deveria.

Depois... recreio. Era o que eu temia.

Leo

As aulas foram boas, mas o recreio foi ótimo. Joguei uma pelada com os caras da minha turma e eles puderam constatar que eu mando muito bem nas quatro linhas: marquei dois gols! Mesmo jogando de lateral! Como estava todo mundo querendo me zoar, já que eu era novato, a cada gol eles pulavam em cima de mim como se eu tivesse feito o gol da final da Copa do Mundo, no último minuto. Foi divertido. No vestiário, depois da pelada, eu já me sentia parte do grupo. Aquela escola tinha sido feita pra mim.

Rosa

O recreio não foi nada constrangedor, como eu esperava.

Fui direto para a fila da cantina e uma menina de longos cabelos cor de mel presos em tranças e expressivos olhos castanhos puxou assunto:

— Você é nova aqui, né?

— Sou.

— É, percebi na sala. Estava tão empolgada conversando com as minhas amigas que nem tive tempo de me apresentar. Luana, prazer.

— Oi, Luana. Meu nome é Rosa.

— Ai, que nome lindo!

— Obrigada — agradeci, feliz, com um sorriso enorme na boca. Sorriso que dizia: "Fica aquiiii! Não sai daquiii! Não me deixe sóóó!" Sim, eu sou dramática de vez em quando.

— Vou chamar as meninas pra te conhecer, peraí.

Oba! Mais gente! Iupi!, comemorei cafonamente. Sim, além de dramática eu sei ser bem cafona de vez em quando. Só de vez em quando.

Fofa, a Luana. Tive a gostosa certeza de que minhas horas de invisibilidade colegial estavam mesmo prestes a acabar.

— Essa aqui é a Carol e aquela no fim da fila dando tchauzinho pra você é a Júlia.

— Bem-vinda — saudou Carol.

— Tudo bem? Olha, a comida da cantina é, tipo assim, péssima, não sei se já te avisaram — fofocou Júlia, que veio correndo de onde estava, só para se apresentar. Uma graça.

— Não é nada, o sanduíche de frango desfiado com milho é bonzão.

— Só você que gosta daquilo, Luana — zoou Carol. — Tem gosto de purê de papel reciclado.

— Ah, não pira! Que gosto tem purê de papel reciclado?

— Sei lá, Luana. Só sei que deve ser ruim à beça.

— Como era a cantina da sua escola? — perguntou Carol.

— Onde você estudava? — quis saber Júlia.

— Era maneiro, lá? Melhor que aqui? — Luana ficou curiosa.

— Era grande ou pequena? Tá com saudade de lá? Os garotos deviam ser bem mais bonitos do que os daqui, né? — indagou Carol, a mais perguntadeira de todas.

— Gente, quantas perguntas! Assim ela não vai conseguir responder nenhuma! — disse Luana, defendendo-me da enchente de interrogações que, cá entre nós, eu estava amando!

— Eu estudava no São Jerônimo, um colégio em Vitória. Fui pra lá com 8 anos e fiquei até o ano passado. Estou com muita saudade das minhas

amigas, dos meus professores, das tias que trabalhavam limpando a escola...

Fiquei triste ao lembrar o que eu tinha deixado para trás. Cheguei a ficar com os olhos cheios d'água. Mas logo elas me confortaram com um abraço coletivo. E eu me senti abraçada por um polvo muito amoroso. Achei fofo.

— Você não vai mais sentir saudade delas. A gente tá aqui e você vai ser nossa amiga a partir de agora — disse Luana, carinhosa.

A fila andou. Quando só faltava uma menina na minha frente, Júlia pediu:

— Rosa, tipo, você pode comprar um chocolate pra mim? Tá aqui o dinheiro — pediu, me dando o dinheiro discretamente, para as pessoas não verem e não se irritarem com a furada de fila.

— É muita folga, né? Estava lá no fim da fila e só porque agora conhece a Rosa está querendo se aproveitar da boa vontade dela — criticou Luana. — Não compra nada pra essa folgada, não, Rosa. Como você é cara de pau, Júlia!

— Para, Luana! Não sou nada folgada. Compra, Rosa? Por favoooooor!

Comprei. E voltei para a sala aliviada por ter novas amigas. Apesar de ter achado a Júlia uma folgada, mesmo. Mas tudo bem, não me matou comprar um chocolate pra ela.

Se dentro de mim existisse um céu, no começo da manhã ele estaria todo preto, cheio de nuvens carregadas e trovões barulhentos. Agora ele estava começando a ficar azulzinho, um azul delícia. Nossa, como eu sou boa de metáforas, fiquei com orgulho de mim mesma, vibrei com minha inteligência. Mas peraí... isso é metáfora ou analogia? Bom, sendo o que for, eu sou ótima nisso. Se bem que ficou meio cafona esse diminutivo. "Azulzinho"? E essa coisa de céu e de nuvens carregadas? Uó. E "azul delícia"? Cafooona... Metáfora ou analogia, eu sou péssima nisso. Péssima!

— Já vi que se enturmou. — Leo, que voltava do recreio comendo uma bananada, se aproximou, me tirando do pensamento azulzinho. Viva o Leo!

— Pois é. Não tão rápido quanto você, vocês viram *brothers* um do outro em questão de segundos.

— Ah, isso é. Acho que vocês são mais complicadas que a gente para fazer amizade.

— E aí? O povo é maneiro?

— São todos gente boa. E as meninas?

— Legais, bem legais. Agora já não estou me sentindo mais tão deslocada — confessei.

— Onde você mora? — perguntou ele, mudando bruscamente de assunto.

— Aqui perto, por quê?

— Vai a pé ou seus pais vêm te buscar?

— Eu moro só com a minha mãe. Meus pais são separados.

— Os meus também! — disse ele, empolgadíssimo, como se fosse ótimo ter pais separados. É por essas e outras que digo que garotos são feitos de outro tipo de massinha. — E eu moro com meu pai.

— Arrã.

Droga! Lá veio o arrã para me marcar como a-menina-nova-sem-vocabulário. Precisava consertar aquilo, rápido!

— Arrã, arrã.

Eu sei! Sou uma idiota, mesmo.

— Mas e aí? Sua mãe vem te buscar no fim das aulas?

— Não. Ainda estou pensando se vou voltar a pé ou de ônibus.

— Beleza. Vamos sentar que a professora chegou!

Nossa, que legal esse garoto!, constatei. E parecia interessado, queria voltar comigo pra casa, me conhecer melhor, me fazer companhia, saber onde eu morava... Hummm...

Depois da conclusão de que Leo estava realmente querendo se aproximar de mim a todo custo, acabei prestando mais atenção nele. Não muita, porque não costumo perder meu tempo analisando um garoto. Olho no geral e pronto. Detalhes nunca foram meu forte. Só deu para notar os cabelos castanhos lisos e fininhos, queimados de sol nas pontas, a raiz um pouco oleosa — mas nada que não tivesse jeito com o xampu certo —, a sobrancelha falhada do lado direito, os olhos grandes esverdeados, pupilas enormes, os cílios fartos e compridos, o cotovelo um tantinho desidratado, o nariz mais para grande que para pequeno, os dedos longos, as unhas limpas e bem cortadas, os ombros largos, a pinta charmosa no pescoço, o tênis descolado, a boca carnudinha com aparelho e um perfume delicioso, que resistira ao suor futebolístico. Não era nem gordo, nem magro, nem alto, nem baixo e estava com as bochechas rosadas de sol.

Bem bonitinho.

Leo

— Os meus também! — respondi, brincando, como se isso fosse uma grande surpresa. Na minha antiga escola mais da metade da turma tinha pais separados. — E eu moro com meu pai — completei.

Talvez esse fosse um assunto complicado para a Rosa, que não pareceu querer prolongar a conversa.

— Mas e aí? Sua mãe vem te buscar no fim das aulas?

— Não. Ainda estou pensando se vou voltar a pé ou de ônibus.

Estava começando a achar essa Rosa meio antipática. Eu ali, cheio de amizade pra oferecer, e ela toda monossilábica, caladona. Mas o que eu queria mesmo era uma carona para casa. Levei um pisão durante o jogo no recreio e na hora não doeu nada, mas estava começando a incomodar. Já tinha perguntado para todo mundo do time se eles poderiam me dar uma carona, mas todos voltavam para casa de ônibus.

— Beleza. Vamos sentar que a professora chegou! — encerrei a conversa, abrindo meu caderno.

Rosa

No último tempo, a poucos minutos de acabar a aula de Ciências, um garoto da nova turma de amicíssimos do Leo deu um arroto.

— Eca! — gritaram umas meninas. Os garotos caíram na gargalhada.

O mal-educado que arrotou ainda fez piada, gargalhando:

— E aí, professor? Arroto é uma parada biológica, né não? A maioria da turma parecia enojada. Mas um grupo de idiotas estava achando aquilo incrível, sensacional, muito divertido mesmo.

— Rá, rá, rá, muito engraçado. Estou morrendo de rir por dentro — debochou o professor.

E tentou voltar ao assunto da aula. Enquanto ele falava na frente da turma, risos ainda se faziam ouvir. E eu tive a infelicidade de escutar um diálogo:

— Caraca, o Cebola é irado! — disse um menino.

— Irado — acrescentou outro. — Ter coragem de dar um arroto no primeiro dia de aula, na cara de um professor novo, não é para qualquer um, não!

Os meninos continuavam a rir, orgulhosos do amigo, quando um deles perguntou ao Leo:

— E aí, Leo? Tinha um cara maneiro desses na sua outra escola?

— Não tinha, não. Hilário foi ver a cara de nojo das meninas. Que frescas! — divertiu-se Leo.

Droga! E eu que achei que ele era diferente dos outros. Maduro, com assuntos interessantes, culto, bom aluno, discreto. Além de bonitinho. Bem bonitinho. Que nada. Ele era mais um garoto bobão. Por isso as meninas preferem os mais velhos, de 16, 17 anos. São tão diferentes...

Quando tocou o último sinal, me despedi das minhas novas amigas e saí voada da sala.

À noite, minha mãe, claro, puxou assunto. Perguntou como foi o primeiro dia de aula, como eram as pessoas, as instalações da escola, os professores... como minha mãe é perguntadeira!

Contei detalhadamente sobre cada menina que conheci e dei minhas impressões sobre elas. Gostei mais da Luana. Com as outras, mal tinha tido tempo de conversar, mas pareciam do bem. Fora a Júlia. Com ela impliquei um pouco. Contei do Leo também. Ela logo se empolgou:

— Hummmm... Leo, é? Novato que nem você? Hummm...

— "Humm" o quê, dona Paloma?

— Ah, não vem com "dona Paloma", sua chata! Conta, Rosa! Rolou um clima? — quis saber, curiosa.

— Como assim, mãe?! Conheci o menino hoje!

— Ué, e daí?

— Eu não sou assim, você sabe. Além do mais, achei o Leo bobo.

— E você é chata.

— Você que é.

— Menino é bobo, Rosa. É assim. Todo menino é bobo, não é só ele. Aliás, homens são bobos. Melhor se acostumar logo com isso!

Fiz cara de saco cheio, que também valia como "mãe, como você tá sem graça" e fui para o quarto ligar o computador. Queria contar para minhas amigas de Vitória como tinha sido meu primeiro dia de aula em solo carioca. E detalhinhos reais do Leo, o bobo que era bem bonitinho.

Leo

Cheguei em casa já com o pé bem melhor e dei de cara com meu pai limpando uma mesa de botão com uma flanela cheia de talco. Parecia criança o meu velhão. Os olhos brilhavam.

— Lembra dessa mesa?

— M-mais ou menos...

— Mais ou menos? Você adorava jogar botão comigo. Botão não! *Butão*!

— "Butão", pai?

— É assim que carioca que joga botão fala! — explicou. — Você era craque! Até seus 8 anos, o melhor passatempo para você era jogar

com seu velho pai.

— Era?!

— Pô, Leo! Não lembra mesmo? Tá falando sério? — perguntou, parecendo triste.

— Lembro vagamente. Foi mal, pai...

Ele continuou limpando a mesa com lentidão e cautela, como se ela fosse uma joia rara, num silêncio de igreja. Achei melhor ir pro meu quarto. Mas pensa que ele deixou?

— Ô, mané! Não vai me contar como foi o primeiro dia na escola nova? E aí? Você se amarrou?

— Eu não me "amarrei", não. Quem se amarrava era você quando tinha a minha idade, *véio* — zoei. — Eu gostei da escola. Gos-tei. Gostar é o verbo. Aprendeu?

— Palhaço.

Eu ri do palhaço do meu pai.

— Mas e aí, conta mais!

— Foi maneiro.

— Maneiro como?

— Maneiro, pô.

— Mas e aí, o que rolou? Gente bacana, deu pra fazer amizade?

— Sei lá, acho que deu, os caras são legais.

— Que bom, agora me ajuda aqui, quero botar a mesa no centro da sala pra gente ter espaço.

— Se a mamãe estivesse aqui nunca que ela ia deixar a gente botar uma mesa de botão no meio da sala.

— Essa é a melhor coisa de ser separado, meu filho. A liberdade. A liberdade! — Ele se empolgou, levantando os braços pra cima.

Sempre fui muito ligado ao meu pai. Ele é engraçado, inteligente, tá sempre sorrindo, acha tudo ótimo, é um parceiraço. Um pai completo. Preocupado, mas sem ser chato, me pega tardão nas festas sem reclamar, me ajuda nas matérias mais complicadas, me leva ao Maraca pra gente torcer pelo Fluzão, joga tênis comigo, cismou que quer me ensinar a jogar golfe, me bota na garupa da sua moto para passear pelo Rio... Acima de tudo, meu pai é meu amigo.

Quando ele e minha mãe se separaram ela foi promovida no banco de investimentos em que trabalhava e teve de se mudar para Chicago, nos Estados Unidos. Isso já faz uns quatro anos. Depois de muita choradeira dela e muitos pedidos dramáticos de ambos os lados, eu pesei tudo na balança e preferi ficar com meu pai. Até porque assim que ela se mudou pra lá, conheceu o Paul, um narigudo, metido a

engraçadinho, que eu nunca fui com a cara. Agora que estavam juntos, por mais que ela pedisse, eu não arredaria o pé do Brasil, do Rio, onde estão meus amigos, meu futebol, minha praia. O bom é viajar com ela nas férias — e ainda tirar onda por ter uma casa em Chicago. A gente se fala sempre pelo computador. Apesar da distância, ela é presente, e quando vem visitar traz pra mim todos os eletrônicos que eu quero e que custam os olhos da cara no Brasil.

Enquanto minha progenitora não sabe nem fritar um ovo, meu pai faz a melhor moqueca de camarão do mundo. Além disso, me ensinou a gostar de Led Zeppelin, Pink Floyd, Beatles e outras coisas boas da época dele, e ainda me passa altos ensinamentos:

— Filho, o negócio é o seguinte: cola no cara boa-pinta da escola, aquele que é pegador. Meninas andam em bando, você sabe. Por isso, sempre que ele pegar uma menina vai sobrar uma amiga dela pra você. Rebarba de garoto pintoso sempre tira a gente do zero a zero.

No começo achava engraçado e sem sentido, mas não é que testei isso no outro colégio e deu certo? Em matéria de mulheres, era sábio o meu pai. Apesar de eu nunca demonstrar interesse em conversar com ele sobre o sexo oposto (tá pra nascer um cara que goste de falar com o pai sobre garotas), ele adorava me dar conselhos (mesmo sem eu pedir), como este:

— Fim de festa é uma ótima hora pra se dar bem. Tem sempre as menos bonitinhas que não ficaram com ninguém, que estão loucas pra beijar e beijam qualquer um. Não que você seja qualquer um, Leo. Mas beijo é beijo. E, olha, mulher feia às vezes é melhor, mais esforçada, beija mais gostoso...

Esse era o meu pai.

— Mulher é mulher, filho. Todas têm seu valor, as feias e as bonitas. Mas nunca tenha medo de chegar primeiro nas bonitas. Nas mais bonitas. As mais gatas de todas as gatas.

— Tá louco? As bonitas nem olham pra mim. Só querem ficar com os caras boa-pinta.

— Não diz asneira, Leo! Como ninguém tem coragem de chegar nas bonitas, elas geralmente ficam sozinhas, nunca reparou?

— Taí, você tá certo... Sempre tem umas garotas que ficam só com as amigas, conversando.

— Mulher bonita fica toda felizinha quando um cara dá bola pra elas. Seja ele bonito ou feio. Vai por mim.

Fui. E também deu certo. Ele sempre me deu dicas, me protegeu, gostava de cuidar de mim, me explicava como fazer para não ser considerado um... um “bundão”. É, meu pai gosta de dizer “bundão”. Ninguém é perfeito.

Mas as lições não se resumiam ao sexo oposto. Desde sempre ele estava ao meu lado, cheio dos ensinamentos:

— Filho, aprende o seguinte: se te meterem porrada na escola, mete porrada também. Se você não revidar, neguinho vai te fazer de saco de pancada toda semana. *Vambora* aprender a socar. Vai, defende o rosto, agora soca, soca com força! Soca que nem macho, moleque! Que soquinho é esse? *Tu* não é homem, não, *rapá*?

— Múcio, ele não é homem, ele tem só 4 anos, para de ensinar bobagem pro garoto! — irritava-se minha mãe.

O meu pai sempre foi o meu herói. Nos últimos tempos a gente se afastou um pouco, mas acho normal, afinal eu não sou mais criança.

Vendo que ele continuava felizão com a mesa de botão e já que eu estava de bom humor, joguei a mochila no sofá e puxei assunto:

— De que são feitos esses botões?

— De coco.

— Coco?!

— É. Os mais modernos são de galalite, mas seu avô fazia esses com casca de coco. E tem uns que são botões de verdade, roubados dos vestidos da vovó.

— Sério?

— Isso aqui eu herdei do seu avô e vai ficar pra você quando eu morrer. É relíquia de família, Leo — explicou, emocionado. Fazia muito tempo que ele não tirava aquela mesa do armário do quarto de empregada. — Bora jogar?

— Não sei se eu lembro...

— Ah, claro que lembra. Botão é igual a andar de bicicleta. A gente nunca esquece.

Começou o jogo. E o meu pai incorporou o Galvão Bueno. Comentava cada drible, cada passada de bola, suava e ficava tenso quando eu recuperava o tempo perdido e botava meus botões para fazer bonito, e vibrava como torcedor doente em final de campeonato quando fazia gol. Eu só ria.

— Pô, Leo, tá calado. Cinquenta por cento da emoção do jogo de botão está na narração. Narra aí em vez de ficar com cara de estátua.

Aos poucos, fui me entregando àquela partida...

— Edinho passa para Rivelino, Rivelino se prepara para chutar!

É, quando vi estava completamente envolvido com aquele jogo do século passado. Apesar da interação futebolística entre pai e filho, meu pai ainda conseguiu puxar um assunto mala:

— E aí? As meninas hoje estão fáceis, difíceis, como é que está

tudo?

É, meu pai era obcecado por esse assunto. Enchia o meu saco perguntando de meninas.

— Pai, não estou a fim de conversar sobre isso, vamos mudar de assunto?

— Tá bom, respeito você não querer falar.

— Que bom! Enche o saco isso! — desabafei, irritado. — Vamos falar de quê, então?

— Tinha alguma garota bonita na escola hoje?

— Isso é o mesmo assunto!

— Pô, Leo, hoje foi seu primeiro dia na escola nova. Eu estou orgulhoso de poder pagar uma escola mais bacana pra você, quero saber como foi.

— Ô, pai, tô feliz por você ter sido promovido e por estar ganhando mais dinheiro... Adorei a escola, foi ótimo meu primeiro dia, já não falei?

— Que bom. Quero que você seja um cara bem-sucedido, vou fazer tudo para te ajudar a ser bem-sucedido e feliz. Porque grana não adianta nada se a gente não é feliz.

— Ih! Falou bonito! — debochei.

— Agora conta: o que tinha mais, meninas bonitas ou meninas feias?

— Pai! — irritei-me. — Que conversa caída!

— Mais bonitas ou mais feias? Mais bonitas ou mais feias? — perguntou, ansioso. Quando queria me irritar, ficava repetindo a pergunta até eu perder a paciência.

— Sei lá! Nem reparei!!! Você acha mesmo que dá pra reparar em alguma garota num primeiro dia de aula?

— Se a menina for uma deusa, claro que dá.

— Então não tinha nenhuma... "deusa" na minha sala.

— Tá bom, tá bom... E os caras? Iradíssimos?

— "Iradíssimos"? Pai, na boa: que palavra é essa?!

— Palavra de jovens, pô. Qualé?

— Palavras de jovens meio idiotizados, né? — brinquei.

— Para, mané! Tô querendo saber dos caras...

— Eu entendi... Eles pareciam gente boa, se é isso o que você quer saber...

— E as garotas? É sério, sem segundas intenções envolvidas na pergunta. É pergunta inofensiva, quero saber de amizade.

“Pergunta inofensiva”? O meu pai era uma figura, mesmo...

— Mal conversei com elas. Conversei mais com uma aluna nova logo que eu cheguei.

— Bonita?

— Hum... Não exatamente. Mais simpática que bonita. Meio tímida. Meio esquisita.

— E os professores? — perguntou, para meu total alívio. O assunto garotas parecia finalmente ter acabado.

— O de Geografia é hilário! Tem um bigodinho esquisito e conta umas histórias inacreditáveis.

— E a sala de aula? O piso, as paredes...

— Ah, pai, fala sério! Cê acha que eu prestei atenção nessas coisas? Só reparei nas carteiras bem mais limpas e bem mais novas do que as da escola antiga.

— Beleza. Agora ajeita o goleiro que vou chutar pro gol.

— Peraí! Fica puxando assunto pra me distrair, é? Tô entendendo sua tática.

— Atenção... Gooool!

Vendo a minha irritação, ele filosofou:

— Distração não combina com *butão*, Leo.

— Botão! — impliquei.

— Se eu quero falar butão eu falo *butão*, bocó.

— “Bocó”?! Quantos anos você tem? 90? — debochei. — Que palavra é essa?

— Bocó é bobo, mané! E você é o típico bocó! Bocózão!

O dia passou divertido. Aquele jogo de botão era realmente viciante. Tanto que nem me deu vontade de ir para o computador. O meu pai estava de folga, então jogamos a tarde toda. Depois desci pra encarar uma pelada com a galera do prédio.

Só à noite fui para o computador, falei com a minha mãe no MSN, joguei, jantei um prato de leão esfomeado, vi um programa de esporte qualquer, li um pouco do último livro que meu pai tinha me dado, *As Aventuras de Sherlock Holmes*, e em poucos minutos peguei no sono.

Rosa

O segundo dia de aula foi bem mais agradável. Nada como não se sentir

deslocada. Assim que chegou, o Leo logo veio falar comigo. Ele tinha mesmo gostado de mim.

— E aí, Rosa? Beleza? Não vai sentar perto da janela de novo?

— Não, vou sentar com a Luana, a Carol e a Júlia. E você? Vai sentar perto dos seus amigos de novo? — respondi, sem esconder uma leve irritação. Ah! Eu continuava irritada com o comentário sobre o arroto do Cebola. E por ter sido abandonada por causa de um jogo idiota de futebol.

— Provavelmente.

— Rosa, guardei lugar pra você, vem pra cá — Luana me chamou.

Como o Leo havia feito no dia anterior, deixei ele no vácuo e nem me despedi. Vingança, teu nome é Rosa. Apostei comigo mesma que ele tinha ficado mexido por sentir na pele o que é ser deixado de lado. Eu sei ser má de vez em quando. Sofra, Leonardo. Sofra com o desdém alheio e prove do teu próprio veneno!, disse com o olhar.

Ui! Eu sei ser cafona de vez em quando também.

Leo

Assim que cheguei na escola dei de cara com a Rosa. Mesmo sem muita vontade de falar com ela, fui educado e puxei assunto. E fiquei feliz ao ver que, mesmo com aquele jeito esquisito, a garota tinha mesmo arrumado amigas novas. Sinal de que eu não teria que conversar muito mais com ela.

Em pouco tempo, eu estava com os caras falando sobre a mesa de botão do meu pai e sobre o microscópio novo que o Cebola ganhara do avô e seus planos para ver sob sua lente potente coisas como intestino de lagartixa, cabeça de barata, cuspe, catarro e meleca. Irado.

Rosa

Depois de abandonado por mim sem dó nem piedade (ah!, ele mereceu!), o Leo engoliu em seco (deu pra ouvir o glup!). Sem jeito, foi sentar de novo com aquele bando de garotos que se achavam especiais, mas que de especiais não tinham nada. Eram apenas meninos arrogantes que se consideravam melhores do que os outros, mais maduros que o resto da turma. Tudo porque o Rafa, repetente, alto à beça, endeusado por uns só porque dizia que fazia barba, era parte do grupo.

Tá bem, tá bem, sei que a gente não deve julgar as pessoas assim, eu mal conhecia aqueles meninos, mas minha intuição não costumava falhar e eles andavam com o nariz tão empinado que eu não tinha como não implicar com eles.

— O que você me diz desses meninos, Luana?

— O Cebola, o Tony e o Rafa? Fofos — intrometeu-se Júlia.

— Fofos? Não é porque você acha eles bonitos que eles são fofos, Júlia. Eles são um nojo. Se acham — rebateu Luana.

— Se acham, não! Eles *se* têm certeza! — brincou Carol, fazendo a gente rir.

— Eles têm mais é que se achar, mesmo. O Rafa, então, é "o cara". Ô, garoto bonito — opinou Júlia.

— Hum... Não acho. Ele fala cuspindo — contou Carol.

— Eca! — fizemos em coro.

— E o apelido dele é Rafa Confusão, você imagina por quê, né, Rosa? O cara tá sempre metido em alguma encrenca.

— Pois é, ele é mau, tem cara de mau, adoro garotos com cara de mau — derramou-se Júlia. — E a Samanta ficou com ele e disse que o beijo dele é molhado, lentinho, gostosinho, enfim, perfeitinho...

— Deve ser babadinho, isso sim! — implicou Carol.

Rimos juntas dos importantíssimos comentários sobre o Rafa. É... definitivamente, eu tinha achado a minha turma. Nada mal para um segundo dia de aula.

A Luana realmente era uma menina fofíssima, a Carol era a engraçada do grupo e a Júlia... bom, a Júlia era mais na dela. Fazia uma força para ser simpática, mas não deu muito papo pra mim e eu também não ficava puxando assunto.

Devo admitir que ao longo da manhã meu olho correu algumas vezes para o lado do Leo. E em 77,88% das vezes que eu olhei para ele, achei que ele estava olhando pra mim, de modo que nossos olhares se cruzavam, o que me deixava vermelha e sem graça, eu desviava rapidinho, voltava a prestar atenção na aula e pouco tempo depois lá estava eu olhando pro garoto de novo. Parecia que meus olhos tinham vontade própria, por mais que eu quisesse evitar olhar pro Leo, eles me contrariavam e encaravam o menino. Um saco!

Mas ele era tão bonitinho, precisava ser "dois is" (imbecil e insensível)?

Leo quase não puxou mais conversa na nossa primeira semana de aula, mas como eu ainda estava muito decepcionada com ele (que me deixou no vácuo, preferiu o futebol à minha companhia, elogiou arrotos alheios e, enfim, me ignorou por completo — tudo isso no primeiro dia de aula!), nem

liguei. Pra que conversar com um menino que não tem nada pra me acrescentar?

— Ô, Rosa, deixa de ser exigente! As pessoas erram, você pode estar perdendo a chance de conhecer um garoto bacana só por causa de um comentário equivocado que ele fez — tentou minha mãe.

— Não foi equivocado. Se ele estivesse arrependido, não teria continuado amigo dos caras.

— Como você é radical, Rosa, não sei de quem você puxou isso. De mim não foi. Acho que todo mundo merece uma segunda chance, até porque o garoto parece ser boa gente, pelo menos tem querido conversar com você.

— Ele me trocou por um bando de garotos por causa de um jogo de futebol! O cara me deixou sozinha! Abandonada! Largada! Rejeitada! E quase não fala mais comigo.

— Deixa de ser dramática! Ele é homem, Rosa! E homem troca tudo, tudo!, por futebol! Como é que você ainda não aprendeu isso? Além do mais, vocês nem eram amigos, tinham acabado de se conhecer!

Ai, minha mãe era chata quando atacava de consultora sentimental... O problema é que algumas vezes eu achava que o Leo queria conversar comigo por horas a fio, outras eu tinha a nítida impressão de que ele ignorava a minha presença.

E não é que, um belo dia, Leo puxou o seguinte assunto no fim do recreio, todo suado do futebol:

— E aí? — ele disse.

— E aí? — eu disse, sem alternativa.

— Beleza?

— B-beleza...

— Já viu *Morte Sangrenta na Casa de Praia 4*?

— Não vi nem o 1, nem o 2, nem o 3 e nem o 4. Não gosto de morte, muito menos de sangue.

— Poxa, ia te perguntar se tava a fim de ver. O povo da sala tá combinando, estavam a fim de chamar você, Luana, as meninas.

— Arrã...

— Não gosta de cinema, não?

— Só se for comédia romântica.

— Fala sério! Coisa mais mulherzinha.

— Eu SOU mulherzinha, Leo. Não dá pra perceber, não?

— Foi mal, não foi isso que eu quis dizer. É que acho todos os filmes desse gênero bobos, sem graça, sem emoção.

Bobo, sem graça e sem emoção é você, palhaço!, eu tive vontade de

dizer. Em vez disso...

— Sem emoção? Eu sempre me emociono com comédias românticas. A-do-ro chorar no cinema!

— Você *chora* no cinema? Sério? — riu ele. Insensível e Imbecil mesmo, não tinha jeito. — Mulher é um bicho estranho, viu?

— Bicho? Você me chamou de bicho?

— Ué, a gente não é animal? Todo mundo é bicho, eu, você, a Luana...

— Então tá, né, Leo? Acabei de descobrir que nunca vamos poder ir ao cinema juntos.

Que garoto sem noção! Qual era o problema dele?

Leo

Que garota estressadinha! Qual era o problema dela? Não dá pra entender mulher mesmo, pensei depois do diálogo cinematográfico. Menina chata!

Pô, convido a garota pra ver um filme e ouço na lata que nunca vou poder ir ao cinema com ela? Fala sério! Quem disse que vou querer ir ao cinema com ela sempre? Estava só dando um *help* pro Cebola, que queria chamar a Luana pra ver o filme. Do jeito que garota é, a Luana só iria se as amigas fossem também, por isso chamei a Rosa.

Desde o primeiro dia achei aquela menina meio estranha... Puxei papo, fui um cara gente boa desde o começo e ela nunca evoluiu... Na aula, antes do recreio, peguei a Rosa me olhando de um jeito tão esquisito que até pensei que meu nariz estivesse sujo. Ela realmente não ia com a minha cara.

Será que com todo homem é assim ou só eu que não entendo a mulherada?

Rosa

Os dias foram passando e eu nem lembrava mais que aquela era minha escola nova. Já estava totalmente íntima de cada cantinho. Tudo bem, confesso que me perdi no segundo dia de aula. Foi o mico mais ridículo da minha vida. Errei de sala depois que fui ao banheiro no fim do recreio. Entrei na turma ao lado, olhei para tudo e todos e, não reconhecendo

ninguém, me desculpei com um sorriso amarelo-ovo. Antes de sair, fui zoada por todos, até pelo professor, que rolou de rir.

Mas, ah!, o que é a vida sem um miquinho aqui, outro ali, né?

Uma manhã, na hora do recreio, eu e as meninas compramos nossos lanches na cantina e fomos para a quadra ver o que estava rolando. Será que preciso dizer quem estava jogando futebol?

— O Leo manda muito, hein? — comentou Júlia.

— Como os meninos levam futebol a sério, né? Só faltam se matar para roubar a bola um do outro — disse Luana, mudando de assunto.

— É. E o Leo fica vermelhinho quando soa.

— Quando sua! — corrigiu Carol. — O verbo é suar, Júlia.

— Ah, que se dane. Sua, soa... tanto faz. O fato é que acho lindo menino de bochechas vermelhinhas — disse Júlia.

— Jura? Acho suor um nojo! — Carol entrou no papo.

— Não no Leo. Ele é cheiroso.

—Como você sabe que o menino é cheiroso, Júlia? — perguntou Luana.

— Porque eu senti quando ele veio pedir meu caderno emprestado pra copiar uma coisa na aula de Matemática.

— O Leo pediu o *seu* caderno emprestado? Ele sabe que você é uma anta em Matemática? — zoou Carol.

— Ele sabe que você é uma anta, ponto final? — zoou mais ainda Luana.

— Ai, gente! Que chatas!!! — resmungou Júlia. — Eu tô melhorando, tá? Este ano vou ter professor particular e tudo.

— Posso te ajudar, Júlia. Sou boa em Matemática — eu disse.

— Valeu, Rosa, mas acho que vou chamar outra pessoa pra estudar comigo... — rebateu, cheia de segundas intenções.

— Mentira que você vai chamar o Leo!

— O que é que tem, Carol?

— Você mal conhece o menino...

— Ué, mas ele que sugeriu outro dia estudar comigo... O que eu posso fazer? Acho que aceitar a sugestão não tem problema nenhum — comentou, pausando para olhar pra mim e mandar a surtada frase: — Você fica chateada, Rosa?

Que pergunta era aquela? QUE PERGUNTA ERA AQUELA?!

— Por que eu ficaria chateada com você, Júlia? Que ideia!

— Ué, porque, tipo, achei que rolou um clima entre vocês na primeira semana de aula, por isso que...

— Imagina, que viagem!

— Mas vocês estavam tão juntinhos no primeiro dia, achei até que já se conheciam. Ou que você estava, tipo, dando em cima dele...

— Júlia, o Leo não é nada meu estilo. Jamais olharia pra ele e nunca daria em cima dele, eu não sei fazer essas coisas.

— Mas se soubesse, faria, né? – espetou Júlia.

— Não mesmo.

— Mas eu bem vi você olhando pra ele algumas vezes na sala — ela jogou na minha cara, sem me dar tempo pra pensar, pra respirar.

— Você anda vendo coisas demais, Júlia. Acho o Leo caidaço. Em todos os sentidos — menti descaradamente. É, eu sei mentir de vez em quando.

— Caidaço? Ele é tão bonitinho...

— Não acho, Luana — menti de novo.

— Hum, ele tem uma cara de safado, de que beija bem... Aquele tem pegada, viu? — riu Carol.

— Também acho. Mas além disso ele deve fazer o tipo romântico, deve ser um namorado fofo — acrescentou Luana.

— Ai, gente, que papo sem graça — irritei-me com o prolongamento do assunto Leo.

— Então, tipo, eu posso dar em cima dele, você libera?

— Se eu libero? Tá doida? Para de falar assim, Júlia! Eu não tenho nada com esse garoto! Faz o que você quiser com ele! Eu, hein! Tchau, povo, vou indo pra sala, quero dar um pulo no banheiro antes.

— Espera aí, daqui a pouco o recreio tá acabando e a gente vai junta — sugeriu Luana.

— É! Tipo... meninas não vão ao banheiro sozinhas! Temos que ir juntas pra falar das outras meninas! E dos meninos! E, tipo, de todo o resto! — acrescentou Júlia.

— Não, valeu! Tenho que ir agora, tô apertadaça.

— Não vai se perder de novo e entrar na sala errada, hein? — implicou Carol.

Forcei-me a rir com a piada sem graça mas nem respondi. Ah! Achei o fim da picada o tema da nossa conversa de recreio ser o Leo. Logo o Leo! Que coisa mais sem propósito! E falar do suor dele? Que garota nojenta a Júlia! Tô nem aí pras bochechas suadas e rosadas dele, pensei enquanto ela falava. Mas, analisando bem a situação, ele era a cara da Júlia mesmo. Ela se achava algo do outro mundo, ele se achava algo do outro mundo, ela era meio popular, ele estava no grupinho dos populares, ela era vazia, ele era vazio, ela gostava de suor; ele, de arroto... Casal nojento, porém perfeito.

Perfeitíssimo.

Na sala de aula, notei que o Leo não estava mais tão grudado com os garotos com quem jogara no recreio. Nem atrapalhava a aula conversando com os sem-noção. Amigos, amigos, futebol à parte. Confesso que fiquei bem felizinha ao ver que ele estava checando alguma coisa com o Yuri durante a aula de Geografia. Yuri era o nerd da turma. Deslocado, tímido, mas parecia ser gente boa. Foi aí que olhei o Leo com outros olhos.

— Professor, é verdade que vulcão tem cheiro de enxofre?

— Pergunta mais despropositada, Rafael, estou falando de uma coisa completamente diferente... De onde você tirou isso?

— Curiosidade, professor! Curiosidade que eu preciso matar agora. Pode ser?

— Bom, vulcões têm um cheiro forte e peculiar. Mas não só de enxofre. Os vulcões são estruturas geológicas formad...

— E o cheiro do enxofre, como é?

— Rafael, isso é algum tipo de brincadeira? Porque eu estou sem paciência pra brincadeira agora...

— É verdade que enxofre tem o mesmo cheiro daqueles gases que a gente solta de vez em quando sem fazer barulho? Porque alguém emitiu um desses gases aqui atrás e tá difícil prestar atenção na aula, impossível se concentrar assim.

Risos e mais risos. Uma gargalhada sem fim.

— Acho que foi o Yuri, ele tá conversando com o Leo pra disfarçar — comentou Cebola, doido para aparecer, assim que viu que a turma inteira gostara do showzinho de Rafa Confusão.

— Que eu saiba, quem acusa é que é o responsável pelo fedor. Acho que foi o Rafa que liberou um gás indevido aqui na sala... — disse Leo, muito bem dito, para risos imediatos da turma.

— É, foi o Rafa, dá pra ver daqui que ele tá com a mão amarela — gritou Homero, um menino bundudo e engraçado que se dava bem com todo mundo.

— Aí, Leouôôô! Mandou beeem! — meteu-se na conversa a metida da Júlia. Ai, que preguiça eu estava ficando daquela menina.

— Quem não mandou bem foi o Rafa. Né, não? — Leo encerrou o assunto, com um sorriso gaiato liiindo!

Rafa Confusão estava vermelho de vergonha — e de raiva, provavelmente. Amarrou a tromba e caprichou na cara de mau que lançou para o Leo. Dava pra ver nos seus olhos a mensagem "*Tu* vai ver o que te espera". Em compensação, nos meus olhos, Leo poderia ler "Nota dez pra você".

O melhor (ou pior, vai saber!) é que ele olhou pra mim bem na hora que

eu estava com a maior cara de orgulhosa por vê-lo reagir à piada infame do cara mais endeusado da turma. Rimos risos tímidos e cúmplices um para o outro e em alguns minutos estávamos de volta ao silêncio e ao segundo tempo de Geografia.

Na aula seguinte, a última do dia, o professor de História pediu que fizéssemos um trabalho em grupo sobre a Guerra Civil Espanhola. Leo escolheu Yuri e Homero.

— Posso ficar no seu grupo, Leo? Eu, tipo, sou boa em História! Assim você me ajuda em Matemática e eu, tipo, te ajudo em História. Uma troca justa, não acha? Justa e linda...

— Claro, Júlia. Estávamos precisando mesmo de meninas no nosso grupo.

Nossa, como o Leo estava dando espaço pra Júlia! Certamente estava todo-todo por causa do interesse dela por ele. Cheguei à conclusão de que ele também devia estar interessado nela. Tudo bem, apesar de metida e vazia ela era considerada bonita pela maioria (eu achava ela meio esquisita, alta demais, magra demais, meio desengonçada, boca enorme... e peitão. Droga, ela tinha peitão. E meninos amam peitões! Que ódio de peitão! Que ódio de quem tem peitão!).

— Rosa, não quer fazer o trabalho com a gente? — perguntou Leo, fazendo sumir meu ódio momentaneamente.

— Quero, claro — respondi na mesma hora, sem pensar.

— Ué, você não vai fazer com a gente? — Luana quis saber.

— É... Hum... Acho que não, meninas... Vocês ficam chateadas?

— Claro que não — disse a fofa da Carol.

— Que bom. Acho uma boa oportunidade para me aproximar da Júlia. Estou muito grudada em vocês, acho que ela está com um pouco de ciúme.

— Ah, bem provável, a Júlia é superciumenta — disse Luana.

— E superesquisita — complementou Carol.

— Carol! Que maldade! — ironizou Luana. — Sem problemas, Rosa — apaziguou, já chamando o João Victor e a Sofia para juntarem-se ao seu grupo.

Grupos acertados, a aula voltou ao seu rumo e a inevitável conversa entre lápis e cadernos aconteceu entre mim e Luana (afinal, duas meninas juntas nunca ficam em silêncio. É difícil, poxa!). Mas o diálogo, dessa vez, me pegou de surpresa:

— Rosa, posso te contar uma coisa?

— Conta!

— Acho que o Leo tá a fim de você — cochichou ela.

— Claro que não, Lu. Imagina se ele ia me chamar pra fazer um

trabalho com tanta naturalidade se estivesse a fim de mim?

— Eu não costumo me enganar com essas coisas, hein?

— Eu também não. Sei bem quando um garoto está a fim de mim e acho que o Leo tá mesmo a fim de pegar a Júlia, que é a bonita da nossa turma — eu disse, sincera.

— Eu acho ela uma das mais bonitas da escola — frisou Luana. — Mas, ó, na boa, ouve o que eu tô dizendo: a Júlia tá a fim de ficar com o Leo, mas o Leo tá a fim de ficar com você. Mesmo ela sendo gata, tem muita gente que não vê nada de especial nela.

— Sério?

— Sério. Tem um monte de garotos que nem percebe a presença dela, nem aqui nem nas festas. E o Leo pode ser um desses. Ele te olha de um jeito...

— Você acha? — indaguei, sem conseguir esconder o entusiasmo, muito menos o sorrisinho de canto de boca.

— Meninas, sei que a conversa aí está ótima, mas dá pra vocês conversarem no fim da aula? Falta pouco para acabar — brigou Leninson, o *profe* de História. — Voltando à importância histórica de Guernica, a obra de Pablo Picasso que...

Confesso que, apesar de achar o assunto da aula interessante, foi muito, muito difícil calar a boca naquele momento.

Leo

Golpe de mestre chamar a Rosa pra fazer o trabalho com a gente. Maior pinta de boa aluna, sempre com a cara no caderno, quase não conversava em sala de aula... E a Júlia... Bom, a Júlia se ofereceu, não dava pra dizer não. Até porque não se diz não para um par de peitos daqueles. Ô, peitão!

A Júlia era considerada uma das gatas do colégio. Eu não achava ela isso tudo, mas os garotos entraram numa de dizer que ela tava me dando mole.

— Claro que não! Imagina se uma garota como a Júlia vai querer alguma coisa comigo! — eu disse para Yuri e Homero.

Não perdi meu tempo pensando nessa bobagem, mas, por via das dúvidas, achei por bem me aproximar dela, mesmo que num trabalho de grupo.

— Geral vai morrer de inveja se tu pegar a Júlia — comentou Homero.

— Você pega a Júlia, e eu a Rosa — brincou Yuri.

— Não mesmo! Eu pego a Rosa — Homero apressou-se em marcar território.

— Quer saber? Eu pegaria a Rosa também. Tá decidido: pego as duas! — zoei.

Como garotos não perdem muito tempo falando de garotas, em poucos minutos estávamos comentando a escalação do Flu para o jogo daquela noite.

Rosa

Na hora da saída, de pé na porta da escola, nosso grupo se reuniu para decidir onde nos encontraríamos para o trabalho.

— Que tal lá em casa hoje, às cinco da tarde? — sugeriu Leo. Todos concordamos, e ele ficou de passar o endereço por e-mail.

— Vamos pra casa juntos, Leo?

— Claro, Júlia.

Que óóódio dessa Júliaaaa!, berrei mentalmente.

— Quer ir andando com a gente, Rosa?

Ah, fala sério, garoto!, eu quase disse. Era só o que faltava eu ir de vela pro futuro casalzinho. Tudo bem que o Leo parecia querer se aproximar de mim nos últimos dias, mas me deixar de vela era uma crueldade. Um idiota o Leo.

Leo

Eu juro que me espantei comigo mesmo na hora em que chamei a Rosa pra ir com a gente. Saiu assim, de repente. A Júlia, a gostosa da escola, querendo ir comigo pra casa, e eu chamando a Rosa pra ir junto. Já estava imaginando a zoação dos caras: "Qual é, *mermão*? Ficou maluco?"

Era fato, eu queria me aproximar da Rosa. Não sei bem por quê, nem pra quê, já que a menina não me dava a menor trela, mas por algum motivo que eu desconhecia era bom estar perto dela. Queria que ela parasse de implicar comigo e passasse a ir mais com a minha cara. Pô, sempre fui gente boa, o que essa garota tem que não enxerga todo o

meu carisma?, eu zoei em silêncio, antes de ouvir a resposta, que seria um balde de água fria se eu estivesse a fim dela.

Rosa

— Não, vou passar no escritório da minha mãe, a gente combinou de almoçar — menti.

Fiquei um tempo com as meninas e vi que antes de seguir com a Júlia no caminho de casa o Leo ficou conversando com Tony, Cebola e Rafa Confusão, mostrando que apesar dos degraus que subira no meu conceito (graças ao superfora que dera nos três patetas), continuava amigo deles.

Assim que terminou o papo de macho com os amigos, ele partiu rumo ao seu prédio bem coladinho na Júlia, dava pra ver que estava todo-todo por estar do lado dela. Eram duas verdades incontestáveis: o Leo gostava do trio de energúmenos (palavra feia e esquisita, mas de vez em quando eu uso palavras feias e esquisitas) formado por Tony, Confusão e Cebola. E gostava mais ainda da Júlia. Da esdrúxula Júlia.

Leo

Mal consegui conversar com a Júlia no caminho de volta. Fiquei bolado pensando no que os garotos me disseram na porta da escola. O Confusão pareceu sério quando avisou que eu não sabia com quem estava me metendo.

— *Tu* vai conhecer o inferno, *mermão*! Tu agora virou meu alvo, sacou? — ameaçou, entre os dentes.

Achei um exagero, só porque meu comentário tinha desagradado as "moças"? Qual é? A piada dos gases não teve graça nenhuma... e por que eu precisava ficar calado, só porque jogava futebol com eles? Zoar o Yuri por nada! Coisa mais sem propósito! O garoto é gente boa, na dele...

Fazia uns dias que eu já estava de saco cheio daqueles caras. Marrentos, arrogantes, agressivos, do tipo que puxam o cabelo das meninas pra dizer que querem um beijo e contam pra todo mundo o que fizeram e o que não fizeram com as garotas. Nada a ver.

No caminho de casa, Júlia caminhou não ao meu lado, mas quase dentro de mim. Sério! Nunca vi um negócio daqueles! Quanto mais eu

chegava para a direita, mais ela chegava para a direita também, ela não entendia que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço. Disse que é ruim em Matemática, mas acho que em Física também.

Além de aparentemente desprovida de cérebro, Júlia, apesar de ser considerada um monumento pela maioria, era meio chatinha. Meio não. Bem chatinha. Sua voz era melosa demais pro meu gosto e os assuntos dela simplesmente inomináveis. Junte-se a isso o fato de eu estar preocupado com a ameaça do Confusão. Resultado: ficou impossível manter um diálogo com ela.

— Sabia que, tipo, eu dou cem escovadas no meu cabelo antes de dormir? — ela gabou-se, como se estivesse me contando uma coisa irada, como se ela tivesse dirigido uma Ferrari na pista do circuito de Interlagos. Sozinha.

— É mesmo? — fingi interesse.

— Por isso ele é brilhoso assim. Além disso, meu couro cabeludo é, tipo assim, fortíssimo. Ó! Posso puxar meu cabelo com força que não cai fio nenhum. Puxa aqui, puxa! — ela pediu, puxando feito louca os fios próximos ao couro cabeludo.

Me esquivei de puxar o cabelo da Júlia, mas me pus a pensar... Couro cabeludo fortíssimo... Isso é uma qualidade e tanto, debochei internamente. Fiquei imaginando uma conversa que jamais existiria entre dois caras:

— E aí, como é a garota que você vai me apresentar?

— Ah, é bonita, inteligente, engraçada e tem o couro cabeludo fortíssimo. Pô, não é todo dia que a gente acha uma garota com o couro cabeludo fortíssimo, né?

— Claro! Couro cabeludo fortíssimo é tudo o que eu procuro numa garota.

— Couro cabeludo fortíssimo é tudo o que TODO garoto procura numa garota!

Meu diálogo imaginário e idiota com um amigo não menos idiota e imaginário me fez rir, mas foi cortado por um adendo muito, muito importante:

— Dou essas cem escovadas por causa da minha avó, que, tipo, sempre teve o cabelo lindo e me ensinou que, tipo, na boa, cabelo é tudo na vida de uma menina. Tipo, é a moldura do rosto, é a personalidade, é assim, tipo, a essência de uma mulher, né?

— É? — perguntei, realmente curioso.

— Ah, Leo, até parece que vocês, meninos, não olham, antes de tudo, pro cabelo da gente. Vocês são loucos por cabelos lindos e bem tratados. E compridos, cabelo tem que ser comprido pra vocês olharem

pra gente.

Eu, que sempre ignorei os cabelos das meninas e nunca suspeitei que eles fossem tão importantes para elas, apenas calei-me para ouvir as pérolas que vieram a seguir:

— E tem que saber escovar, tipo, tem toda uma técnica, sabe? A escova é importantíssima, tipo, só pode ser de cerdas naturais, as sintéticas não dão o mesmo resultado e, tipo assim, podem até quebrar o cabelo, acredita? Quebrar o cabelo! Cê tem noção?

Uau!, tive (muita) vontade de ironizar. Primeira pergunta: o que é uma escova de cerdas naturais? O que é uma cerda? Precisava ir correndo pra casa checar se estava usando a escova certa! E com as cerdas certas! Coisa importantíssima! Segunda pergunta: desde quando cabelo quebra? O meu nunca quebrou.

Pena que não dava pra zoar. Numa hora dessas, melhor interagir. Mesmo que seja pouco. Engoli o riso que estava dentro de mim doido pra sair e tentei entrar na conversa:

— Tenho noção. Claro que tenho. — Foi tudo que consegui expressar, impressionado com o tópico escolhido por ela para puxar assunto comigo. Aquela ali não entendia nada de garotos. E era tão bonita, tão peituda... O problema é que quanto mais abria a boca, menos bonita ficava.

— Mas não conta pra ninguém que eu faço isso. Segredo nosso, tá?

— Tá — concordei, sem alternativa.

Pra quem eu contaria essa superinformação, meu Deus? Pra quem?!

— Porque, tipo, pras invejosas não me imitarem eu digo pra todo mundo que *pentio* o cabelo. Com pente, sabe?

Anta! Quem é que "pentia" o cabelo?!

— Você penteia, né? Eu penteio, tu penteias, el... — corrigi, sem cerimônia.

— Ô, Leozinho, que legal que você *pentia* seu cabelo, mas você não entendeu, fofo. Eu só, tipo, digo pras pessoas que *pentio*, mas na verdade o que eu faço é dar essas cem escovadas com a escova de cerdas nat...

— Naturais. Saquei — completei, já impaciente com o papo mulherzinha.

Estava impressionado. Além de fútil, ela era burra mesmo! E àquela altura, estava quase feia. Embora continuasse peituda.

— Pronto, contei um segredo meu, agora conta um segredo seu.

Segredo meu? Que papo era aquele? Eu morto de fome, pensando

no que o Rafa Confusão estaria planejando contra mim e ainda tendo que conversar sobre cabelo, escovadas, cerdas e segredo? Fala sério! Muita frescura pra minha cabeça.

— Eu não tenho segredo, Júlia.

— Tem sim, tem sim e não quer me contar! Não pode, assim Leozinho magoa Júlia... Pode confiar, eu sou, tipo, um túmulo pra segredo.

— Beleza, mas...

— Eu sei um monte de segredos, de várias meninas. Se você quiser eu te conto um.

— Ah, então você não é tão túmulo assim. Se quer passar adiante um segredo...

— Conto um segredo de escala 2, ué.

Não acreditei que estava tendo aquela conversa! Por que a Rosa não tinha ido com a gente pra me salvar da louca das cerdas e dos segredos?, era a pergunta que não saía da minha cabeça.

— O que é segredo de escala 2? — questionei, tentando não demonstrar meu tédio profundo com o assunto.

— Tipo: eu classifico os segredos de 0 a 5. Tipo dos menos importantes aos mais importantes. E, tipo, nunca conto pra ninguém os segredos de 3 a 5, mas de 0 a 2, tipo, eu me permito contar pra pessoas que *realmente* valham a pena. E, tipo assim, você vale muuuuito, muuuuito a pena, Leozinho...

Nesse momento meu telefone tocou. Fui salvo pelo celular. Era muita futilidade, muita asneira e muito "tipo" para uma pessoa só.

— Um minuto, Júlia. Alô. Oi, pai!

— Fala, filhão!

— S-s-sério?!

— Sério o quê, filho? Nem falei nad...

— Caraca! Pode deixar, vou apressar o passo, fica tranquilo. Não acredito que a Marilda ficou presa no banheiro de novo! É a terceira vez!

— Leo, eu só queria saber se...

— E deixou a panela no fogo? Caramba, pai, vou correr, então, pode deixar.

— Tá maluco, garoto?

— Maluca essa Marilda, também acho. Tá com a gente há tanto tempo, já era pra ter aprendido a lidar com aquela porta.

— Leo, o que é que tá rolando?

— Também não entendo! Pra que é que fecha a porta se não tem ninguém em casa? Xá comigo, vou dar aquele jeito na maçaneta pra tirar a coitada de dentro do banheiro.

— Eu só quero saber se você quer ir ao cinema mais tarde, mané!

— Hoje marquei com o povo lá em casa pra fazer um trabalho da escola. Se quiser comprar umas coisas pra gente comer vai ser show de bola. Valeu, valeu, valeu, *té* mais.

Mandei muito bem! Muito bem! Gênio! Gênio! Apressei o passo.

— Até mais tarde, Júlia!

— Peraí! Como é que seu pai sabia que a empregada tava presa no banheiro?

— Porque... porque ela não tira o celular do bolso, é a sorte dela. E a mulher é claustrofóbica, coitada, deve estar desesperada.

— Não precisa correr, Leozinho! Se ela conseguiu ligar pro seu pai, tipo, não deve estar tão nervosa assim! — disse Júlia, apressando o passo também. Garota chata!

— Você não conhece a Marilda.

— Quer que eu vá com você?

— Não! Não! Não mesmo! — respondi, desesperado com a possibilidade de ela ir comigo, e comecei a correr com toda a força das minhas pernas.

Ela ainda gritou:

— Quer que eu chegue mais cedo na sua casa hoje, tipo... pra gente conversar?

O quê?! Tá doida, garota?, eu quase gritei de volta. Mas apenas fingi que não escutei enquanto respirava ofegante, porém aliviado por tê-la deixado pra trás.

Em casa, Marilda me esperava colocando no prato o feijão mais cheiroso de todo o Rio de Janeiro. Aquela ali cozinhava, viu? Se ela pedisse demissão, largaria meu pai e iria com ela pra onde me levasse. Quer me deixar feliz, me dá um prato de feijão, arroz, bife, batata frita e farofa de alho da Marilda.

Antes de comer, porém, dei muitos beijos na melhor empregada do planeta.

— Que é isso, Leo? Endoidou, foi? — perguntou, rindo.

— Você me salvou hoje, Marildinha. Me salvou de uma roubada!

— Vocês, pirralhos, são tudo dodói das ideia, *mermo*, onde já se viu? Salvei de quê, menino?

Não tive tempo de responder, meu telefone tocou e, claro, era meu pai.

— Você pode me explicar o que aconteceu agora há pouco?

— Caraca, pai, a garota mais chata do mundo estava comigo quando você ligou. Valeu, cara! Tô te devendo uma!

— Pô, filhão, se *tu* tá fugindo de mulher é porque ela deve ser chata mesmo! Mas e aí? Tá dando em cima de você?

— Acho que não. Ou tá, sei lá.

— Conheceu na escola?

— Não, pai. No botequim, enchendo a cara de cachaça.

— Leo!

— Claro que foi na escola, né, pai?

— É bonita?

— Bem bonita, geral acha ela a maior gata, mas quando fala...

— Xiii... sei como é. Mas pensa pelo lado positivo.

— Tem lado positivo em voltar da escola com a Júlia?

— Claro, bocó! Agora que você voltou pra casa com a gostosa do colégio, seu passe vai subir, todas as outras meninas vão querer ficar com você, os meninos vão te invejar... Só sucesso o meu filhão. Ô, orgulho!

— Ah, pai, para com isso! Acho que ela gosta mesmo do Rafa Confusão, um cara mais velho lá da turma.

— O repetente?

— É. Não sei como, mas as garotas acham o cara o Brad Pitt de Botafogo.

— Beleza não põe mesa, filho. E *tu* é boa-pinta à beça, tá pra nascer cara mais bonito que você, Leozão.

— Menos, pai. Menos, por favor.

Ele riu.

— É verdade, sou seu pai, mas não sou cego. Você tá longe de ser bonito. No máximo passa por ajeitadinho.

— "Ajeitadinho"? Pô, *véi*, também não esculacha! Ele caiu na gargalhada.

— Agora tô saindo pra fazer uma foto e não posso mais conversar, mas às seis devo estar em casa pra conhecer a gata burra que se apaixonou pelo meu filho.

— Não ouvi essa frase. Juro que não ouvi essa frase.

— Esse é meu garoto! Arrasando corações!

O meu pai conversava sobre o que ele queria, do jeito que ele queria. Sempre foi assim. Era como se minha voz não entrasse nos ouvidos dele. Não dava pra discordar, ele não ia escutar.

— É, pai, arrasando corações — concordei, para acabar logo com aquele papo doido e bater o prato de comida que estava à minha espera.

— Vou levar biscoitinhos, uns frios, mate e refrigerantes pros seus amigos, beleza?

— Beleza. Até mais tarde! — desliguei, torcendo para a Júlia ser a última a chegar, pra não ter que perder meu tempo precioso falando sobre assuntos de extrema importância para a humanidade, como pentes, escovas, cerdas e coisas do tipo.

Rosa

Quando cheguei à casa do Leo, a Júlia já estava lá, claro, rindo com a boca inteira, todos os dentes enormes pulando pra fora daquela boca gigantesca e conversando animadamente com ele, perguntando quem eram as pessoas nos porta-retratos, há quanto tempo ele morava lá, quem tinha pintado o quadro da sala... A Júlia era chata. E o Leo estava encantado por ela:

— Oi, Rosa! Que bom que você chegou — comentou o anfitrião, só para ser simpático. — A gente estava agora mesmo falando de você.

— De mim? O que vocês estavam faland...

— Não se empolga, não, Rosa. Não era nada demais. A gente só estava se perguntando se você gosta ou não de queijo.

— Claro que gosto, existe alguém que não goste de queijo?

— Eu não suporto nem o cheiro — disse Leo.

— Ele não suporta. Não su-por-ta! — repetiu a chata (cem mil vezes chata) da Júlia. — Eu também odeio queijo. Não é a maior coincidência? Não é uma coincidência, tipo, louca? Tipo louca e... romântica?

Louca e romântica? Que frase era aquela? Louca é você, sua burraaaaa!, eu me estressei seriamente. Morri de vontade de gritar com a Júlia e extravasar minha raiva, mas banquei a fina:

— Acho que não... Aqueles biscoitos de queijo da cantina você come feliz — espetei.

— Porque eles não têm o menor gosto de queijo, né, Rosa? Ai, Leo, a Rosa acha que aquilo é feito de queijo mesmo.

Leo riu, idiota, e ainda completou:

— Aquilo é isopor misturado com plástico e sal, isso sim.

E foi aí que a Júlia me irritou profundamente. Caiu numa gargalhada tão estridente, tão histérica e tão longa que parecia uma hiena alcoolizada. Leo ficou todo bobo por ter feito a jumenta Júlia rolar de rir com aquela

piada ridícula (se é que posso chamar de piada o infame comentário). Era fato: estava realmente rolando um clima entre os dois. Climão. Ela até botou a cabeça no ombro dele para rir mais. E ele bem que gostou, apoiando a cabeça dele na dela.

Que ódio!

Yuri e Homero chegaram logo (graças a Deus!) e depois de uma conversinha muito da sem graça para quebrar o gelo nos aboletamos na mesa de jantar para dar início ao trabalho. Finalmente tinha chegado a hora de estudar, não aguentava mais perder meu tempo e minha paciência com assuntos sem relevância.

Sobre a mesa, cadernos abertos, livros, o laptop do Leo, cartolina, lápis, régua, canetas...

— Nossa, Rosa, para que tantas canetas? Tem só cinco pessoas aqui — implicou Leo.

Ai, que raiva!

— Eu trouxe pra gente caprichar e entregar um trabalho bem-feito, colorido, bonito. Não foi por isso que vocês quiseram meninas no grupo, pra não entregar um trabalho feio? Eu conheço vocês, acham que mulheres servem só para embelezar.

— Ai, Rosa, não diz bobagem, eu sou menina, mas, tipo, não sou nada ligada nessas coisas de canetinhas coloridas, cadernos fofinhos... Tipo, acho tudo isso, tipo, meio ridículo, se você quer saber. Na boa, cara, a gente já passou da idade.

Imediatamente fechei meu caderno da Moranguinho e torci para não seguir meu ímpeto de voar pra cima da Júlia para amassar sua cara de cavalo e fazê-la engolir os 30 "tipos" que ela relinchava por segundo. Controlada a vontade de arrancar com pinça cada pelo do braço daquela menina irritante, comecei a trabalhar com o grupo.

Discute daqui, pesquisa de lá, até que estava rendendo, íamos fazer um trabalho digno de dez, nota dez. E eu ia deixá-lo maravilhosamente estupendo, porque beleza conta ponto em trabalho de grupo, professores adoram trabalhos lindos, com cara de limpos. E eu sempre fui ótima em deixar tudo uma lindeza. É, de vez em quando eu deixo a modéstia de lado para me autoelogiar. Ah, eu me autoelogio mesmo.

Eis que surge o pai do Leo, com uma bandeja cheia de petiscos.

— Fala, *rapeize*! Eu sou o Múcio, pai do Leo, e estou aqui pra servir vocês, beleza?

— Múcio, que nome diferente, tio — observou a chatonilda da Júlia.

— Ia ser Lúcio, mas minha mãe achou muito comum e na última hora tascou um M. E é péssimo, ninguém entende, eu sempre tenho que repetir, um saco. Por isso que eu dei um nome bem simplezinho pro meu moleque.

— Bom gosto, tio. Leonardo é um nome lindo. E Leo é o apelido mais fofucho do mundo — mugiu Júlia.

Leo ficou vermelho, os meninos fizeram "Aêêê, Leo!" e "Aê, fofucho!" e eu apenas sorri. Antes de comer, perguntei onde era o banheiro, para lavar as mãos, e o tio Múcio indicou o caminho. Quando estava no corredor, de cara com a porta do banheiro, ouvi o diálogo:

— E aí, Leo mais fofucho do mundo? É essa a menina bonita que você falou pra mim?

— Pai! — gritou Leo.

— Que foi?

— Caraca, pai, eu vou matar você.

— Beleza, mas mata depois de comer. Tem peito de peru, salaminho, presunto e muitos pães. Não quero ver ninguém fazendo cerimônia, hein?

Já no banheiro, eu me olhava no espelho pensando em como a Luana estava equivocada por achar que o Leo sentia alguma coisa por mim. O cara estava louco pela Júlia, até falava sobre ela com o pai! Que raiva da Luana!

Nem precisei ver a reação da metida ao comentário do tio Múcio. Ainda bem que eu não estava gostando do Leo. Estava só... só... curiosa em relação a ele. Isso. Era apenas curiosidade. Ele era novo na escola, assim como eu... normal eu me interessar um pouquinho pela vida dele. Além do mais, curiosidade passa logo.

O problema é que, devo admitir, desde o primeiro dia de aula eu não parava de pensar nele, de imaginar várias situações com ele... Até sonhar com ele eu estava sonhando. O que uma curiosidade não faz... O nome disso é curiosidade, né? Não é paixão, perguntei e respondi para mim mesma enquanto lavava as mãos. Claro que não era paixão! Era bobagem. Passaria rápido! E ninguém poderia saber, porque eu precisava deixar o caminho livre pra Júlia, que estava atacando. E agradando.

O Leo era um estúpido mesmo. Porque eu, se fosse menino, jamais ficaria com a MABU (Menina Arrogante e Burra), apelidinho fofinho que acabara de inventar pra Júlia. Tudo bem que ela era bonita e peituda, mas era chata, metida, burrinha, canela fina, bunda achatada, muito dente pra uma boca só, cara de jegue subnutrido, voz de coruja engasgada, braços de chimpanzé... Não que eu não gostasse dela, longe de mim. Ela era amiga da Luana e da Carol, então não podia ser uma pessoa ruim. Mas eu não tinha nada em comum com a garota! Até o cheiro do xampu dela me irritava.

— Você está com ciúme da Júlia — disse minha mãe, na lata, depois que eu contei, resumidamente, claro, como tinha sido a tarde na casa do Leo.

— Aiiii! Não viaja! Ciúme por quê?

— Porque você está gostando do Leo, ué.

— Aiiiiiii! Não diz besteira! Eu só acho ele bonitinho. Mas é bobo,

anda com os populares só para ser popular, o que faz dele um garoto superficial e vazio, e gosta de conversar com a Júlia, a menina mais sem assunto da face da Terra. E ele não gosta de queijo! Como alguém não gosta de queijo? Só uma pessoa burra não gosta de queijo! E eu não suporto gente burra.

— Apaixonada. Filha, você está completamente apaixonada! Que lindo! Minha bebê tá apaixonada!

— Ih, mãe, para com essa chatice! Apaixonada é tudo o que eu não tô, não ouviu o que eu disse, não?

— Acho que vou chorar! — disse ela, abanando os olhos sinceramente lacrimejantes.

Mãe é um ser bem estranho, né não?

— Pra mim já deu. Agora você não tá mais enchendo meu saco, ele está lotado já. Lotou geral! Vou pro quarto, tchau.

Odeio quando minha mãe vem cheia de opiniões nada a ver. Eu, apaixonada por um menino que implicava comigo, ignorava a minha presença, que me trocara por uma bola de futebol no primeiro dia de aula e que voltava da escola com a MABU? A minha mãe não me conhecia nada. Ciúme... Era só o que me faltava...

Ia para o computador, mas fiquei sem vontade. Tomei um banho demorado e deixei a água do chuveiro cair um tempão sobre a minha cabeça enquanto eu me perguntava, irritada, por que não tinha ficado no grupo da Luana e da Carol. Mas fiquei bem felizinha ao perceber que o apelido MABU era simplesmente perfeito. Pena que eu não podia espalhar.

Leo

Eu quase matei o meu pai quando o povo foi embora lá de casa.

— O que foi que deu em você? Por que fez aquilo?

— Aquilo o quê?

— Você sabe muito bem o que você fez!

— Você queria que eu comprasse mortadela em vez de presunto, é isso?

— Pai, não estou achando a menor graça! Estou falando daquele King Kong que você me fez pagar!

— King Kong? Quem te faz pagar mico não sou eu, é sua mãe. Lembra numa festa de aniversário dela, quando você devia ter uns 9 anos, ela te botou no meio da pista, numa rodinha lotada de mulheres

peruas, e começou a dançar uma música do Abba com você? A te rodar, a te pegar no colo, jogar pra cima, a cantar de olhos fechados! Lembro como se fosse hoje.

Realmente, em matéria de micos, minha mãe era campeã. Mas eu estava muito irritado com ele, não queria papo. Fiquei mudo.

— Lembra que ela te obrigou a usar terno naquela festa? Você parecia um anão invocado.

— Você tá me irritando, pai! Para! Eu estou falando da Júlia! Por que você tinha que dizer pra todo mundo que eu falei que ela era bonita?

— Deixa de ser bocó, Leo! Como diria você, eu mandei superbem, tá? Leo, se a gata da escola tá na sua, é bom pegar logo, conta pontos pro currículo. Já te expliquei isso.

— Eu já não tinha te dito que a Júlia é uma idiota? Que por mais que muita gente ache a garota linda eu não quero nada com ela?

— Mas eu achei que estava rolando um clima hoje.

— Achou errado.

— Pô, Leo, ela é bonita paca.

— Não acho tudo isso. E ela é burra.

— O que é que tem? Não dá pra dar uns pegas? Faz isso que você vira o cara mais invejado da escola em pouco tempo.

— Eu não quero pegar a Júlia.

— Nem um pouquinho?

— Não! A conversa dela é chata! E ela fala errado. Não dá!

— Ela fala errado?

— Fala!

— Aí é grave...

— Agora a garota vai achar que eu tô a fim dela, e a minha cabeça tem muito mais coisa pra pensar do que numa menina como a Júlia.

— Ô, filhão, desculpa...

Dei as costas a ele e fui pro meu quarto. Meu pai tinha passado de todos os limites. E pelo pouco que eu conhecia as mulheres, sabia que no dia seguinte todo mundo saberia que eu tinha elogiado a Júlia para o meu pai (meu Deus, que coisa mais mulherzinha elogiar mulher pro pai!).

Eu não estava nem aí pra Júlia! Se tivesse que rolar alguma coisa com alguma menina da escola, que fosse a Rosa. O problema é que a Rosa, como a maioria das meninas, nunca tinha me dado a menor bola, deixava claro que não ia muito com a minha cara. Pra ela, eu e nada éramos exatamente a mesma coisa. Aposto que só ficou no meu grupo

porque é amiga da Júlia. Vivem grudadas aquelas duas. É o quarteto mais grudado da escola, as duas e mais a Luana e a Carol. Como meninas conseguem ser tão grudadinhas? Não enjoam, não?

Rosa

Definitivamente, eu não gosto da Júlia. Como é que o Leo gosta tanto dela? Ai, que ódio!, lamentei. Ódio, não... Raivinha, só... É, eu sinto raivinha de vez em quando. Mas só de vez em quando. Depois passa.

Leo

Definitivamente, eu não gosto da Júlia. Como é que a Rosa gosta tanto dela?

Mas e o Confusão? E o Confusão? Eu não conseguia parar de pensar no tom de voz que ele tinha usado comigo na saída. Parecia voz de mafioso de filme de mafioso. Não podia vir boa coisa dali. E não dava para não me preocupar com isso.

— Leo, vim pedir desculpas...

— Beleza, pai, agora já foi. Me deixa ficar sozinho, vai.

— Não, não vou conseguir sair daqui enquanto a gente não fizer as pazes. Quer que eu faça um milk-shake daqueles?

— Pai, eu não sou mais criança pra você comprar meu perdão com milk-shake.

— Brigadeiro, então.

— Pai!

— Tá bom, tá bom! Um monte de jujubas e não se fala mais nisso.

— Você sabe ser palhaço, né?

— Só quando eu quero — brincou, sem tirar de mim um riso sequer. — Poxa, Leo, o que eu preciso fazer pra você me desculpar?

— Sair do meu quarto.

O meu pai estava realmente arrependido, deu pra ver no rosto dele. E ficou triste por ter me irritado.

— Tudo bem. Eu mereço.

Abriu a porta do meu quarto e, antes de sair, proferiu a frase

surpresa:

— Não esquece a Ludmila, hein? Ela chega sexta à tarde. Eu te pego no colégio e a gente vai buscar a pirralha no Tom Jobim, beleza?

— Ã?

— Ué, não te falei da Ludmila, afilhada da sua mãe?

— Não! — gritei, mais irritado do que nunca. Ludmila era simplesmente a pirralha mais chata, mais inquieta e mais faladeira do mundo! Eu detestava ela. — O que essa garota vem fazer aqui? Ela não mora em Curitiba?

— Mora, mas os pais dela passaram por uma crise braba no casamento e agora estão numa maré boa de novo. Vão comemorar a fase lua de mel em Buenos Aires e a menina vai ficar aqui em casa até domingo.

— Aqui em casa? Por que ela não fica num hotel?

— Porque ela tem 10 anos, Leonardo. Se sua mãe morasse aqui, a Ludmila ficaria com ela, mas sua mãe mora nos Estados Unidos, lembra?

Lembro, claro que lembro!, tive vontade de dizer. Mas resolvi economizar palavras para perguntar logo o que mais me angustiava naquele momento:

— Onde ela vai dormir?

— Que pergunta, Leo! Onde você acha que ela vai dormir?

— Na sala.

— Claro que não, ela vai dormir no seu quarto. Você se muda pra sala ou dorme comigo, se quiser.

Cara, aquele era, definitivamente, o pior dia de toda a minha vida.

Mas, por incrível que pareça, o dia seguinte foi ainda pior. Começou ruim já pela manhã, com os garotos do Confusão fazendo cara de pitbull pra mim.

— *Tu* tá fora do nosso time, valeu? — disse Cebola, antes mesmo de dar oi.

Fiquei surpreso, mas reagi como se não fosse nada demais:

— Beleza, fico no banco.

— Não é no banco, não, *rapá*. Tu tá fora do time. Fora geral. Se quiser jogar, arranja outro time.

— E *tu* também não vai sentar aqui perto da gente, não. Teu cheiro me incomoda — latiu Rafa Confusão.

— *Tu* vai sentar perto do teu amiguinho, o Yuri.

— E se eu não estiver a fim de sentar perto do Yuri? — peitei.

— Você que sabe... vai contrariar a gente? Aí, Rafa, o cara resolveu falar grosso agora — debochou Tony.

— Na hora de defender o Yuri, sua nova amiguinha, ele vira mulherzinha. Agora tá querendo se passar por homem. Decide, cara! *Tu* gosta de quê? É de homem ou de mulher? — riu Confusão, gerando riso nos amigos e em mais um bando de puxa-sacos da sala.

Impressionante como sempre tem isso, em qualquer colégio: pessoas que querem ficar bem na fita com os marrentos e riem de suas piadas sem graça, aplaudem cenas bizarras protagonizadas por eles, mas nunca são vistos conversando com eles. É uma espécie de idolatria, de veneração. E sempre me angustiou. Venerar um idiota é coisa séria, na minha opinião.

Constrangido e irritado, achei melhor não bater boca com Confusão e companhia e fui sentar perto da Rosa.

— Iiih, olha aí, a margaridinha vai sentar perto da Rosinha! Duas florzinhas juntas — gritou Cebola, fazendo a turma inteira me zoar.

Agora eu estava começando a entender como era o inferno ao qual o Confusão se referira no dia anterior. E era só o começo da manhã de quarta-feira.

— O que houve com os seus amigos? — Rosa quis saber.

— Eles não são meus amigos. Não são amigos de ninguém. Pelo visto, são só um bando de manés que não sabem ser contrariados — respondi, bem alto, pra que os manés em questão ouvissem.

— Deixa eles pra lá. Não merecem ter como amigo um cara legal como você.

Tive que controlar meu queixo para que ele não caísse diante de uma frase inesperada dessas. Seria um sinal de que ela não me odiava tanto quanto eu pensava?

— Você está abatido, aconteceu alguma coisa?

— Ah, meu pai disse ontem que a afilhada da minha mãe está vindo pro Rio e vai ficar na minha casa, mais precisamente no meu quarto. Nem consegui dormir direito.

— É por isso que está com olheiras e cara de defunto? — Tony me deu um susto. Ele estava atrás de mim. — Ui, assustei a donzela, foi? Vem cá, deixa eu botar uma cor nessa cara para você não ficar tão abatido perto da Rosinha — disse, segurando meu rosto e dando tapas nas minhas bochechas. Tapas fortes, mas nada que fizesse alguém notar que ele estava me batendo pra valer. E eu que nunca pensei que existisse porrada disfarçada.

— Qual é, Tony? Para com isso! — eu gritei para ninguém.

Os tapas aumentaram de intensidade.

— Para, Tony! — levantou-se Rosa, em minha defesa. — Não vê que tá machucando o Leo?

— Deixa, Rosa, deixa ele... — eu disse, ainda espantado com a agressividade gratuita.

— Eu só estou ajudando o Leo a ficar mais coradinho, com cara de saúde. Mas vou parar só porque você está pedindo, tá? — retrucou Tony, antes de pegar o rosto da Rosa com as duas mãos e lambê-lo.

Isso mesmo, ele LAMBEU o rosto da Rosa!

Com as bochechas pegando fogo (ô, mão pesada, a do Tony), mas fingindo que tudo estava absolutamente normal, fiz cara de paisagem antes de puxar assunto de novo com a Rosa:

— Quer que eu vá ao banheiro pegar papel para você limpar o rosto?

— Não, preciso de água e sabão pra me sentir limpa, sem a baba desse troglodita na minha cara — respondeu, enquanto levantava-se olhando brava para o Tony.

Nesse momento, chegou quem? Quem?

— Bom-dia, Leozinho!

Era a Júlia. A chata, pegajosa e irritante da Júlia. A ex-bonita, mas ainda peituda, Júlia.

— Rosa, minha linda, já que você levantou, não quer aproveitar pra procurar outro lugar para sentar? Quero ficar do lado do Leozinho.

— Não vai dar, Júlia. Hoje eu estou a fim de sentar aqui, por que você não senta noutro lugar?

— Porque eu quero ficar perto dele. E ele também, né, Leo?

Senti novamente meu rosto avermelhar, desta vez era de vergonha. Droga! Eu ia matar o meu pai e sua boca gigante. Gostaria tanto, mas tanto, de pegar uma folha de caderno, amassá-la e enfiar dentro da boca daquela garota! Agora a Rosa (e todo mundo à volta) ia ter certeza de que eu estava gostando da Júlia. A Júlia tinha absoluta certeza de que eu estava gostando dela!

Rosa não disse mais uma palavra. Foi ao banheiro, mas não fez nenhuma menção de mudar de lugar. Ainda bem.

— Júlia! Vem pra cá ficar com a gente! — chamou Carol.

— Ah, não, eu quero fic...

— Vem pra cá agora, Júlia! — disse Luana, reforçando o chamado.

Ufa! Salvo pelas amigas da chata.

Apesar de elas terem falado baixinho, deu pra escutar. Salve a ala feminina pensante!

— Sua louca! Para de dar mole desse jeito pro Leo! Assim ele nunca vai querer nada com você.

— Mas, Luana, eu não te contei o que o pai dele disse ontem?

— Júlia, não interessa o que o pai dele disse, garoto nenhum gosta de garota-chiclete e você tá um grude com ele — repreendeu Carol.

— E vocês nem ficaram ainda! — completou Luana.

Não precisava ouvir mais nada. Júlia não só estava interessada em mim, como contou para todas as amigas que eu falei dela em casa. Depois meu pai diz que eu sou bocó. Bocó é ele, ele é o pai de todos os pais bocós do mundo.

Rosa voltou quando a professora de Português já estava na sala, mas ela, antes de se ajeitar na cadeira, teve tempo de olhar pra mim e dizer, preocupada:

— Seu rosto está com a marca dos dedos do Tony, acredita?

— Acredito, ele bateu com força — respondi, sincero.

— Se você quiser, posso ir na enfermaria com você... — sugeriu ela baixinho, pegando timidamente o meu rosto para observá-lo com mais atenção.

A Rosa pegou no meu rosto! Eu era um cara legal com um rosto pegável! Olhando assim, bem de perto, a Rosa, sim, era uma garota bonita. Talvez nem tão bonita, mas muito interessante.

— Tá na boa, Rosa, não precisa não. Daqui a pouco passa — banquei o durão.

Quase emendei com "Vamos ao cinema no fim de semana?", mas lembrei que ela disse que nunca poderia assistir a um filme comigo.

Ela nunca tinha sido tão simpática. Naquela manhã, além de simpática ela estava especialmente carinhosa. E diante de tanto carinho feminino quase chamei o Tony para me dar mais uns tapas.

Mal sabia eu que dali a algumas horas, durante o recreio, os tapas se repetiriam e ganhariam mais força, seriam dados por mais de duas mãos e se juntariam a outras lamentáveis demonstrações de desafeto.

Rosa

Nem acredito que tive coragem de pegar no rosto do Leo! E com a mão gelada, de tão nervosa que eu estava! Será que ele reparou? Será que ele está se achando, pensando que eu estou apaixonada e, por isso, fiquei com a mão nervosa, digo, gelada perto dele? Nervosa eu fico só de lembrar que peguei

no rosto gelado dele. Digo, quente. Droga, ele agora tem certeza de que eu estou apaixonada e eu tô zero apaixonada. Mas por que a minha mão estava gelada? Ah, porque não é todo dia que eu pego no rosto de um menino legal e bonitinho... Ele certamente reparou no gelo glacial da minha mão. Ela parecia ter vindo do Polo Norte! É... a minha cabeça estava a mil por hora.

Puxa... eu fiquei com peninha do Leo, o Tony bateu com força, que menino troglodita! Posso estar enganada, eu sei que o Leo está derretido pela MABU, ficou todo felizinho quando ela comentou sobre o pai dele, mas acho que ele olhou pra mim de um jeito diferente na hora em que eu segurei seu rosto, sonhei acordada. A verdade é que com tanto sentimento dentro de mim eu até esqueci que o troglodita do Tony tinha lambido a minha cara. Naquela hora, eu só tinha olhos para o Leo. E, por um instante, achei que a recíproca era verdadeira.

Não, não posso viajar nessa história!, logo me recriminei. Se ele tivesse me olhado diferente, se tivesse algum interesse em mim, certamente teria me chamado para ir ao cinema. A gente tão pertinho, minha mão no rosto dele... Eu ia adorar dizer que não era tão radical quanto parecia, que não precisava ser uma comédia romântica, eu veria uma aventura, eu veria qualquer coisa que ele gostasse. Até *Morte Sangrenta na Casa de Praia 4*.

Não, *Morte Sangrenta na Casa de Praia 4*, não. Nem pensar.

Eu era uma pateta por perder tanto tempo refletindo sobre o tema. Afinal, ele já devia ter chamado a Jumenta Júlia (JuJu, rirrirri! Outro apelido ótimo!) para o cinema. Tudo bem, também. Tudo bem mesmo. A MABU gostava dele, eu não. Eu só queria a amizade dele. Queria conhecê-lo melhor. E não precisava de cinema para ficar mais amiga de uma pessoa.

O clima na sala de aula estava estranho depois dos tapas que o Tony deu no meu vizinho de carteira. Uma energia pesada, dava pra pegar o ódio que os três mosqueteiros da ignorância estavam sentindo do Leo.

Tocou o sinal e a maioria da turma desceu para a quadra. Como eu tinha pelo Leo uma curiosidade — aquele sentimento que às vezes, para pessoas desavisadas, pode ser confundido com paixão (meu Deus, será que estou frisando muito nesse ponto? Tô me justificando muito? Curiosidade, paixão, paixão, curiosidade? Hum... Tópico para pensar depois, refleti enquanto caminhava) — fui também, para ver o que ele faria no recreio sem jogar no time que era considerado um dos melhores da escola.

— O Leo entrou pro time do Tuca — informou Júlia.

— O pior time do mundo? — retrucou Luana.

— Sério, Júlia? Como você sabe? — quis saber Carol.

— Ele me conta tudo, ué. A gente está praticamente namorando. A Rosa viu o jeito como ele me olhou na casa dele, né?

Ai, que preguiça dessa cara de fuinhaaaa!, berrei por dentro.

— Não reparei, não... — impliquei.

— Olha lá, olha lá! Vai começar! — MABU endireitou-se na arquibancada, fingindo que não tinha me ouvido.

O jogo do novo time do Leo era contra o antigo time do Leo, o time dos ex-amigos do Leo. A bola rolou e ele mostrou que tinha categoria mesmo. Driblou dois e marcou um golaço logo no primeiro minuto de jogo. A galera foi ao delírio! Ele jogava superbem. Defendia, atacava, dava passes fenomenais. Fez o time do Tuca parecer bom! É ou não é categoria o nome disso? Até eu que não entendia nada de futebol sabia que o cara era craque.

Depois de dois gols do time do Rafa, Leo marcou outro, em seguida deu o passe para mais um. Estava 3 a 2. Aquele menino era impossível! Podia ganhar uma grana se virasse jogador de futebol. Mas ele não ia querer... Aposto que seu sonho era ser um executivo bem-sucedido, de terninho e gravata... Nossa, como ele vai ficar lindo de terno e gravata..., delirei, quando meus pensamentos foram brutalmente cortados por uma falta absurda. Cebola deu um carrinho violento em Leo e o derrubou bruscamente no chão. Na hora, eu, Luana, Carol e MABU levantamos, junto com o povo que assistia ao jogo.

— Falta! — gritaram alguns alunos que assistiam da arquibancada.

Falta grave, deviam ter gritado. O carrinho não tinha ido na bola, foi direto nas pernas do Leo, na maldade, pra machucar.

Com classe, ele se levantou, tirou a poeira das mãos — que usara para amenizar o tombo — e mandou seguir o jogo. Em pouco tempo, estava de novo derrubado, dessa vez por uma pernada cruel de Tony. Caiu de cara no chão.

O astral na quadra agora estava tenso, um jogo entre amigos tinha virado um ringue de vale-tudo. Demorou pouco para Rafa Confusão derrubar Leo pela terceira vez. E ainda deu nele um chute disfarçado. Leo se levantou indignado, mas logo entrou em campo a turma do "deixa disso" e afastou os dois.

— Não briga, Leo! — berrou MABU, ao descer correndo da arquibancada na direção de seu quase-namorado.

A quadra tinha sido invadida por um bando de curiosos, alguns gritavam "porrada!", outros só queriam saber de apartar a pré-briga para voltar a assistir à partida.

Leo seguiu o conselho da MABU, que voltou e nos contou o que disse em seu ouvido:

— Falei pro Leo fazer o que todo garoto faz: brigar na saída, longe daqui. Briga nessa escola é a maior roubada, pode dar em suspensão, pode dar até em expulsão... Na rua, nenhum coordenador fica sabendo e nada acontece.

Fiquei chocada com o conselho:

— Júlia! A gente não quer que o Leo brigue com ninguém. São três contra um!

— Mas se ele não reagir, vai virar saco de pancada desses garotos, nisso eu tô com a Júlia — disse Luana.

— Mas eles vão matar o Leo...

— Que nada, Rosa! Garoto que é garoto acaba saindo na porrada algum dia — irritou-me MABU.

— Mas eles não podiam resolver tudo no diálogo? — sugeri.

— Claro. É conversando que a gente se entende — concordou Carol.

— Mas isso não funciona com garotos! — ensinou MABU, a entendida em brigas.

— É, garotos são dementes — completou Luana.

— Pois é, mas o Leo não é demente... Nada demente... — pensei em voz alta, ainda sem acreditar que, no mundo paralelo onde vivem os garotos, meter a mão na cara um do outro era a melhor solução para um problema.

— Pois é. Briga é pra gente sem cérebro. E o Leo tem cérebro — opinou Carol.

— Mas o Confusão não tem — concluiu Luana.

— E por isso o Leo vai se rebaixar ao nível dele? Que coisa mais absurda! — desabafei.

— É assim que funciona, Rosa, deixa de ser chata. Alguém quer entrar na fila da cantina e comprar um pão de queijo pra mim?

— Júliaaaa! — gritaram em coro Luana e Carol.

Eu estava muda, abismada com a falta de tato e de sensibilidade da MABU e dos meninos envolvidos na confusão.

O jogo terminou sem mais faltas, agora que os inspetores estavam todos prestando atenção, e o time do Tuca ganhou pela primeira vez em sua história. Farra geral, comemoração histérica, eu e as meninas pulamos feito doidas com a galera, abraçamos os jogadores, parecia final de Copa do Mundo. Quando Leo pegou a bola para levá-la para a sala, levou tapas de mão cheia no meio das costas de Tony, Rafa Confusão e Cebola, que diziam enquanto batiam:

— Se deu bem, hein, moleque? — comentou Tony.

— Mas a gente deixou você ganhar... Leozinha — soltou Confusão, cínico.

— Sorte é isso, sorte é tudo na vida, *mermão*! — exclamou Cebola, debochado.

De longe, pareciam estar felicitando o Leo. Mas como eu estava perto, vi e ouvi tudo. Até o que eu não queria ter ouvido.

— Parou! Parou, gente! O que é que vocês querem, hein? É briga?

— Briga não, que a gente é macho. A gente quer porrada! — respondeu Rafa Confusão.

— Tá bom.

Nãão!!!!, eu quase berrei. Ele ia ser massacrado! Tadinho!

— Onde? — Leo quis saber.

— Na Mariana — respondeu Rafa, referindo-se à rua Dona Mariana, a poucas quadras do colégio. — Só eu e você, beleza?

— Fechado.

O recreio acabou e uma tristeza enorme bateu em mim. O Rafa era um gigante acostumado a brigar, toda semana ele estava envolvido em alguma besteira. Já na sala, eu me peguei preocupada, arrasada mesmo, me sentindo impotente diante dessa inexplicável fome masculina de briga. Que mania eles têm de resolver tudo no soco! Não resisti e falei com o Leo, que estava sentado ao meu lado e, mesmo depois de suar, continuava cheirando bem. A Júlia tinha razão: ô, menino cheiroso!

— Leo, não se mete nisso! Se você quiser, eu vou com você falar com a diretora e a gente explica o que está acontecendo.

— Tá louca, Rosa? Aí é que esses caras vão acabar comigo.

— Não! Eu tenho certeza de que tem outra maneira de vocês resolverem isso... A gente pode pedir ajuda a um professor, então. Melhor! Ao psicólogo da escola!

— Rosa, isso não é coisa pra se resolver na escola! Por isso eu vou pra rua pra dar um fim nessa história. Posso me dar mal, mas vou lavar minha honra, porque ninguém me faz de saco de pancada, não.

Dei graças a Deus por ter nascido menina. Que coisa mais sem graça essa de briga. Homens fazem duelos desde que o mundo é mundo. Por que agora seria diferente? Mas eu estava tão preocupada com o Leo...

— Você vai tomar cuidado? — perguntei.

— Vou, Rosa, pode ficar tranquila.

— Tranquila eu só vou ficar depois que tudo acabar, viu?

— Sério? E se eu ficar com muitos hematomas? Você vai cuidar de mim?

Para tudo!

Para tudo de novo!

Caraca! Que frase foi essaaa?!

Leo

Caraca! Que frase foi essa?

Não sei como, nem por quê, mas por um momento eu esqueci a tensão com o que estava acontecendo e mandei essa pra Rosa. Assim, de supetão. Na lata. Não premeditei nem nada. Simplesmente saiu.

Droga! Agora ela vai achar que eu estou a fim dela... E eu não estou!

Ou será que estou?, eu me perguntei enquanto esperava ansiosamente a resposta.

Rosa

Anda, Rosa, responde, não deixa o menino no vácuo!, ordenei a mim mesma.

— Ué, achei que a Júlia que cuidaria de você.

— A Júlia!? Por quê?

Fogos de artifício do réveillon de Copacabana explodiram dentro do meu estômago. Que sensação louca! Fiquei quente de repente, o coração acelerado. Ele não queria que a Júlia cuidasse dele, ele queria que EU cuidasse! Nossa, por que eu tô tão feliz com essa frase?, eu me questionei enquanto olhava assustada para ele, sem dizer uma palavra.

Não era delírio da minha cabeça, ele estava simpático demais comigo. Mais que simpático... Não sei se estava dando em cima... não, provavelmente não... mas pelo menos quis mostrar que a Júlia não era tão importante. Ai, que fofo! Ai, que fofo! Enfim, consegui emitir som:

— Por quê? Ah... Porque vocês dois estão meio que namorando, né?

— Eu e a Júlia? Não viaja, Rosa! Ela é só minha amiga. E eu nem tenho muita afinidade com ela — respondeu ele, fazendo brotar em mim um enorme sorriso interno (claro, eu não podia sorrir externa e escancaradamente, era só o que faltava).

Leo

Cara, menina é um bicho estranho mesmo. A Rosa achar que eu estava quase namorando a Júlia era um dos maiores absurdos que eu já ouvira na vida. Será que a Júlia estava dizendo isso para as amigas? Será que a

Júlia era maluca nesse nível?

Ainda bem que falei da minha total falta de entrosamento com ela... Assim ficou tudo claro. Pingos nos is.

Rosa

Fiquei chocada com a frase. O Leo não tinha afinidade com a Júlia?!

Morri!

MORRI MIL VEZES!!!!! Ele considerava a Júlia uma amiga. Só uma amiga!

Yes!!! Yes!!! Yesss!!!

E então veio a frase que me trouxe para a realidade:

— Amiga por amiga, prefiro você, que além de tudo fala pouco.

Toma na cabeça, Rosa! Toma! To-toma! Sua idiota. E ele continuou falando...

— Eu não ia aguentar a Júlia cuidando dos meus hematomas e falando pelos cotovelos. Como fala aquela garota!

O sorriso foi cortado pela raiz ao mesmo tempo que bombeiros chegaram para jogar toneladas de água nos fogos que queimavam no meu estômago. "Amiga por amiga, eu prefiro você." Ai, Rosa, e você pensando que o menino estava com segundas intenções, briguei comigo mesma.

Não que eu estivesse com segundas intenções, que fique claro. Eu estava apenas sendo uma amiga fofa e cuidadosa. Tudo bem, fiquei preocupada com ele, mas quem não se preocuparia com um garoto que estava prestes a virar pó na mão de um gigante troglodita?

Leo

Xiii... Pela cara dela, falei besteira. Rolou uma mudança drástica de fisionomia. Ela estava toda contentinha e de repente fechou o tempo e a cara. Será que ela implica tanto comigo que nem minha amiga quer ser? Será que ficou chateada?, era tudo o que eu queria saber naquele momento.

Mas que mal tem no que eu disse? Pô, a última coisa que eu queria era chatear a Rosa, garota gente fina. E linda. Linda? Bem, linda eu não diria... Mas para mim, ela era bonita. Bonita e difícil de entender, viu?

Difícil, complicada, meio estranha, enigmática... mas pela primeira vez percebi que ela perdera a implicância comigo, tinha deixado as frases curtas de lado, puxado assunto, parecia realmente preocupada. Achei até que ela gostava de mim. Como amigo, claro.

Rosa

— Leozinho, tipo, tá todo mundo falando da sua briga. — Chegou MABU, pegajosa.

— Não acredito, como é que estão sabendo?

— Ah, essas coisas correm, amor — disse ela, antes de tascar-lhe um beijinho carinhoso na bochecha.

— Putz! Briga com plateia é sacanagem — reclamou ele.

— Que briga que não tem plateia, Leozinho? Só se for em Marte. Marte é um planeta. Cê sabe, né?

— Claro que sei, Júlia — disse Leo, sem paciência.

No meio da aula, saí para beber água e um grupo de garotos conversava no corredor:

— Rafa Confusão e Leo na Mariana, depois da aula. Bora lá? — perguntou o mais alto.

— Não perco por nada! — disse outro.

Inacreditável, mas a briga tinha virado um evento. É como eu digo: meninos são feitos de outro tipo de massinha.

As aulas passaram voando e o sinal tocou. Era chegada a hora. Não resisti e me aproximei dele para dizer:

— Leo, cuidado, tá?

— Fica tranquila — retribuiu ele, nada tranquilo.

— E aí? Quer carona, Rosa? Minha mãe veio me buscar hoje, posso te deixar em casa — disse Luana.

— Vamos. Boa sorte, Leo — desejei, antes de dar um beijo no rosto dele.

Caraca! Eu dei um beijo no Leo! Por quê? Por que eu fiz isso? Foi tão no impulso! Ai, que vergonha! O pior é que Júlia viu e fez o mesmo, mas deu muito mais beijos do que eu. Uns quatro. Em cada bochecha.

Vaca.

— Tchau, Leozinho. Liga pra sua Julinha mais tarde pra contar como foi, tá? Não esquece.

Do carro da mãe da Luana, vi, com um aperto no coração, Leo caminhando rumo à Mariana.

Leo

Enquanto eu andava na direção da Dona Mariana, pensei muito em Rafa Confusão e em como aquela situação chegara até ali. Não tinha como não pensar no tamanho da mão dele. Era uma pá! Nervoso, tenso, mas decidido a enfrentar o gigante, tentei desviar meu pensamento do trio de trogloditas no caminho. Passaram pela minha cabeça o time de botão do meu pai, a moto dele, o feijão da Marilda, o nariz pós-plástica da minha mãe e a Rosa. A Rosa? É... ela estava grudada como um post it na minha cabeça.

Era a minha vida passando como um filme no meu cérebro, minutos antes da minha morte.

— *Tu* é bom de soco? O Confusão se mete em confusão toda semana, Leo, o cara tá mais acostumado a bater do que você a beber água. E *tu* tem que bater também — alertou Homero, cortando meus pensamentos.

— Pelo menos tem que saber se defender — argumentou Yuri. — Cara, e pensar que tudo isso aconteceu por causa de uma piada sem graça. Esses caras são uns idiotas mesmo.

— Comprei água e umas jujubas, pra caso a sua pressão caia — contou Norberto, outro do meu time.

— A minha pressão não vai cair, cara! Vai ser rápido, eu quero acabar logo com isso pra esses caras me darem paz.

— Você não respondeu, teu soco é bom? — insistiu Homero.

— Sei lá, nunca briguei, cara!

— Fala sério, Leo! *Tu* tá ferrado então, *mermão*! Fer-ra-do! — estremeceu Homero, num comentário superanimador.

— Mas eu jogo tênis com o meu pai nos fins de semana, desde pirralho que eu mando bem com uma raquete na mão, meu braço é forte.

— Tênis?! Tênis?! Fala sério, Leo! — disse Norberto.

— Todo mundo fala que meu saque é muito forte...

— E desde quando tênis ajuda alguém a fortalecer o soco? *Tu* vai morrer, cara! *Tu* já tá morto!

— Quem vai morrer é você, Homero, se não parar de falar desse

jeito. Tá me assustando, cara! Fica na sua, pô! Se não tiver nada melhor pra falar, fica calado, beleza? — gritei, tenso.

— Desculpa, eu só tava querendo aj...

— Ajudar, eu sei. Desculpa, eu tô nervoso. Bora acelerar, gente, quero acabar com isso logo.

Ao chegar na rua Dona Mariana, vi que briga é uma coisa que dá ibope, do tempo dos gladiadores aos dias de hoje. Nunca vi tantos caras reunidos. Parecia até gincana da escola, mas de gincana aquilo não tinha nada.

— A gente achou que *tu* ia amarelar, florzinha — Tony foi logo dizendo.

— Atrasou por quê?

— Eu não atrasei, Rafa. Vocês é que vieram rápido demais. Anda, vamos logo. Segura a minha mochila, Homero.

— Ai, como é delicada! Larga a mochila no chão, *rapá*! — provocou Cebola, pegando a minha mochila e jogando na calçada.

— Ei, vocês dois, agora chega. Daqui pra frente, o negócio é comigo — gritou Confusão.

Engoli em seco. De perto, e com raiva, ele parecia ainda maior. Não demorou para alguém gritar:

— Porrada! Porrada! Eu vim aqui pra ver porrada! Comecei a suar frio. Rafa deu uma cusparada no chão e começou a me encarar como eu nunca havia sido encarado. Eu não tinha saída, melhor perder uma briga do que fugir dela, melhor brigar do que ser esculachado o ano inteiro por um bando de manés e virar o otário da escola, o que todo mundo zoa, o que todo mundo ignora porque os caras obrigam a ignorar. Os ensinamentos do meu pai martelavam na minha cabeça.

Aconteceu com o filho de um amigo da minha mãe. Os caras implicavam com o garoto a ponto de proibir as pessoas de falarem com ele na escola. Quem falasse, ou seja, quem ousasse quebrar as "regras" dos "donos da escola", teria como resposta o isolamento total. Um absurdo. Por que tinha que ser daquele jeito? Tem gente que nasce má, né não?

Respirei fundo, olhei no fundo do olho dele e o encarei seriamente por alguns segundos.

— Vem, cara! Tá esperando o quê? Vem, pra aprender que ninguém tira onda com a minha cara.

— Eu não tirei onda com a sua cara... Eu só...

— Ih, aí... *tu* veio pra resolver as coisas que nem macho ou pra discutir a relação? Tô a fim de conversa não, *mermão*. Conversa *tu* tem com as suas amiguinhas. Comigo não!

O tom debochado e agressivo fez meu sangue subir e o inevitável aconteceu. Parti pra cima dele com tudo. Era melhor do que esperar para levar o primeiro soco, pelo menos ninguém me chamaria de covarde.

Rafa Confusão era bom mesmo, escapou dos meus golpes com a maior facilidade e ainda me zoou:

— Bate que nem homem! Deixa de ser mulherzinha! Nessa hora, me bateu uma raiva que eu nunca tinha sentido antes. Senti minha cabeça ferver e minhas mãos coçarem. Quando eu preparava um soco com a mão direita, Rafa me surpreendeu e me deu um soco que pegou na orelha e logo depois outro direto na barriga.

Mesmo sentindo minha barriga doer e queimar por dentro, mandei a mão na cara do Rafa uma, duas, três vezes. Errei duas, mas acertei uma, ainda que sem muita força. Sei lá o que me deu. Numa hora dessas acho que a gente age meio sem pensar, como se alguma coisa se apoderasse do nosso corpo.

A plateia começou a aplaudir. Era show que eles queriam ver? Então eu ia fazer um show pra eles! Aquele cara não ia me humilhar! Não mesmo!, pensava quando levei um soco certeiro no nariz. Aquele doeu. De verdade.

E acho que foi essa dor que causou algum tipo de reação animal dentro de mim. Num movimento explosivo, usei toda a força do meu corpo e acertei em cheio um soco no olho dele. O impacto fez o cara balançar, dar um passo para trás e se apoiar no muro.

Silêncio se fez por um segundo, minha mão doía como o quê, mas eu tinha deixado Rafa Confusão zonzo, o gigante quase caiu. A galera que assistia começou outra vez a berrar, e ele, ainda cambaleante, partiu irado para cima de mim, descontrolado. Dei um passo para o lado e ele tropeçou numa pedra e caiu, batendo com a cara no chão. Ele tentou levantar em seguida, mas o pessoal que assistia interveio:

— Chega, gente! Parou, parou! Rafa não disse nada.

— Por mim, eu paro agora. Já batemos e apanhamos bastante — eu disse, surpreso, dolorido e, confesso, satisfeito.

— Cala essa boca! *Tu* apanhou muito mais que bateu, mané. Seu nariz tá sangrando! — manifestou-se Cebola, coberto de razão.

— E aí, Rafa? — aproximou-se Tony. — O que é que tu quer fazer?

— Rafa, vamos parar por aqui... Pô, cara, a gente é da mesma escola, e a gente se dava tão bem... — comentei, doido pra parar, já que meu nariz sangrava, todo o meu rosto ardia, minha barriga queimava e meu corpo pedia cama.

Ele nem respondeu, xingou alguma coisa que não deu para entender e foi embora com Tony e Cebola. Homero, Yuri e Norberto vieram logo me dar apoio:

— Aí, Leo! Mandou bem! — comemorou Homero.

— Não mandei nada bem. Não queria que nada disso tivesse acontecido — desabafei. Mas, no fundo, senti uma ponta de orgulho. Eu tinha encarado o cara mais perigoso da escola e escapado sem humilhação.

— Valeu, gente, vou nessa, a gente se vê amanhã — despedi-me, dando um gole na água que o Homero havia comprado na porta da escola.

Cheguei em casa arrasado. Parecia que um trator tinha passado por cima de mim. Vinte vezes. Marilda quase teve um ataque do coração ao ver minha cara inchada e a minha camisa manchada de sangue.

— Valha-me minha Nossa Senhora, Nosso Senhor Jesus Cristo, minha Santa Teresinha! O que foi que fizeram com você, Leo? Teu nariz tá *sangrano*, senta aqui, deixa a Marilda cuidar de você, *ném*...

Enquanto ela limpava o sangue que tinha escorrido pelo meu rosto, eu me sentia pesado. Como é que chegara nesse ponto? Como é que uma piada idiota acabara desse jeito?

— Seu pai está todo preocupado, já ligou um monte de vezes, por que você não atendeu o celular?

— Porque ou eu brigava ou eu atendia o telefone, Marilda.

— Você não é de briga, Leo, o que foi que houve?

— Nada, Marilda, nada. Depois eu conto. Mas tá tudo bem, fica tranquila.

— Bem nada, esse monstro quase quebrou seu nariz. Acho melhor você ir no médico.

— Não, não precisa.

— Eu vou ligar pro seu pai agora — disse ela, já pegando o telefone.

— Não, Marilda, não faz isso! Ele vai ficar preocupado à toa, já pas...

— Seu Múcio, Leo chegou todo lanhado da escola. *Batero* nele seu Múcio, *espancaro* nosso bebê, seu Múcio!

— Marilda! — irritei-me.

— Peraí, vou passar. Tá, ele tá podendo falar, sim, mas acho melhor o senhor vir pra casa, o nariz dele tá *sangrano*. Ele chega tá até curvado de tanta dor, coitadinho.

Eu estava quase dando um soco na Marilda. Mais um, menos um...

Por que é que tinha que ligar pro meu pai pra preocupar o velho?

— Oi, pai. A Marilda é exagerada, não aconteceu nada demai...

— Mentira, seu Múcio! Tá com o nariz *sangrano*! *Sangrano*! — ela gritou perto do telefone, quase me deixando surdo.

— Não, pai... Foi uma briga ridícula. Lembra, quando eu era pirralho, que você me dizia que eu tinha que bater pra não apanhar? Que eu precisava pelo menos mostrar disposição para enfrentar os mais fortes, para impor respeito e levantar minha moral? Pois é, aprendi na prática que é isso mesmo, você tava certo. Bati pouco, apanhei muito, mas acho que agora não vou virar o otário da escola. Não, não precisa vir pra casa, nem me levar ao médico, tá tudo bem. Eu só quero tomar um banho e deitar para dormir e esquecer. Valeu, pai. Tá, pode deixar que eu ligo. Também te amo. Eu sei, eu sei...

— O que foi que ele disse?

— Que briga a gente não procura, mas também não foge, Marilda.

— *Vixe* Maria, mas é todo mundo doido nessa casa, viu?

Enquanto falava com meu pai, Marilda já havia posto o prato na mesa. Mal consegui tocar na comida. Estava com o estômago embrulhado. Almocei e fui pra baixo do chuveiro. Deixei a água cair pra me limpar de toda aquela briga, de toda a raiva que eu senti, dos olhares do Rafa Confusão pra cima de mim. Que sensação estranha!

Deitei e capotei. Dormi umas quatro horas seguidas. Acordei com o telefonema do Homero.

— Fala, Leo! Como é que você tá?

— Bem.

— Já tá sabendo?

— Não tô sabendo de nada, estava dormindo até agora. O que aconteceu?

— Caraca, você tá sentado?

— Tô deitado e deixa de suspense, fala logo.

— Amanhã o dia vai ser muito bom naquela escola, cara. Se prepara.

Quando Homero me contou, quase caí da cama. Não sei se teria a repercussão que ele estava imaginando, mas até eu fiquei curioso para chegar logo a manhã seguinte.

Passei o dia anterior pensando "ligo ou não ligo pro Leo? Ligo ou não ligo pro Leo?". Acabei não ligando. Preferi chamar a Júlia no MSN pra saber se ela havia falado com ele. Queria saber se ele estava bem, se tinha apanhado muito, essas coisas.

Escrevi:

vc ligou p/ Leo?

E ela:

concerteza, né, Rosa?

"Concerteza"? Ui!

Ela me contou que telefonou seis vezes, e que ele passara a tarde dormindo e não ligara para ela de volta. Contou também que resolveu não insistir porque Carol e Luana tinham dito que ela estava se jogando demais pra cima dele e que isso não era nada bom. Resumindo, fiquei sem saber como estava o Leo, se precisava conversar, se precisava de alguém para cuidar dele... Mesmo que esse alguém fosse apenas uma amiga pouco falante. Ai, que ódio! Por que os meninos são tão insensíveis? Ele precisava dizer uma grosseria dessas?

Quando cheguei na escola no dia seguinte estava o maior ti-ti-ti. Todo mundo na entrada, ninguém nas salas, os alunos mostrando os celulares um para o outro... Fiquei curiosa e fui logo falar com as meninas:

— O que é que tá rolando?

— Menina, você não viu ainda? — reagiu Carol, olhinhos brilhando, louca para espalhar uma fofoca das boas.

— Vi o quê?

— O vídeo que botaram no YouTube?

— Não, vídeo de quê, Carol?

— Da briga de ontem, anta! — estrilou Júlia, deixando-me irritada até a raiz do cabelo.

— Botaram a briga de ontem no YouTube?

— Meu Deus, Rosa, não foi isso que a Carol acabou de dizer? Tá surda?

— Eu entendi, Júlia, só repeti porque fiquei chocada com a notícia! Quem botou? Como isso aconteceu?

— Ninguém sabe. Alguém que viu a briga gravou com o celular e botou na internet — contou Luana.

— E o vídeo ficou ma-ra-vi-lho-so! — elogiou Carol.

— Sério? Por quê? Mostra o Leo apanhando muito? E foi aí que a notícia me pegou de surpresa:

— Mostra o Leo batendo muito! O Leo deixou o Rafa Confusão cambaleando, Rosa! — comemorou Carol.

— Vocês sabem que eu a-do-ro o Leo. Mas tadinho do Rafinha... Não precisava apanhar tanto... — lamentou Júlia.

Como eu achava a MABU de última! Ô, garota sem noção!

— Ele não precisava? O Confusão MERECIA isso, Júlia! — argumentou Luana, tirando as palavras da minha boca. — O cara é o maior estúpido, vive metendo medo em geral, debochando, botando apelido bizarro em todo mundo.

— Foi muito bom ele apanhar de um cara menor que ele. E melhor, tá todo mundo sabendo! — comemorou Carol.

— Vendo! — completou Luana.

— É, vocês têm razão. — concordou MABU. E completou, para minha total irritação: — Não se fala de outra coisa na escola, Rosa! Viva meu Leozinho!

Do lado de quem a esdrúxula Júlia estava, afinal?

Eu estava impressionada. Será que o Leo sabia desse vídeo? Será que ele tinha noção de que era o assunto principal da escola? Nem precisei confabular muito, pois enquanto eu me fazia mil perguntas, ele chegou, abatido, com vários arranhões, o nariz meio roxo, a maçã do rosto bem vermelha, mas com aquela carinha fofa de sempre. Morri de vontade de correr para dar um abraço nele, mas me segurei. Já a MABU...

— Leozinho, você é "o cara", meu amor! Tá todo mundo falando de você! Mandou muito bem! Ai, que orgulho! — disse ela, enquanto o abraçava e beijava no rosto.

— Ai, Júlia, devagar, tá doendo... — esquivou-se Leo.

Obviamente, ri por dentro da pegajosa MABU. Quem mandou ficar em cima do garoto, sem nem deixá-lo respirar?

Eu e as meninas nos aproximamos dele. Nossos olhares se cruzaram e não dissemos nada um para o outro. Apenas sorri, mostrando que estava feliz por ele estar bem. E ele sorriu de volta. Parecia querer me dizer alguma coisa quando foi interrompido por um bando de garotos que se aproximou aos gritos:

— *Tu* é nosso herói, cara! — saudou um.

— O herói dos nerds e dos oprimidos — brincou Yuri.

— Dos comprimidos! — disse MABU.

— Cala a boca, Júlia! É oprimidos mesmo, sua burra! — corrigiu de volta Carol.

— Ai, Carol! Eu sei, tô brincando! — defendeu-se MABU.

Brincando... Arrã.

Em pouco tempo, Leo estava rodeado, parecia que tinha chegado um astro do rock na escola. Todo mundo mostrando o vídeo para ele, todo

mundo querendo pegá-lo, abraçá-lo, felicitá-lo. E ele todo-todo.

Antes de ir para a sala, pedi ao Yuri que me mostrasse o tal vídeo.

Fiquei pasma. Era curto, mas preciso. Dava pra ver que Leo, apesar de menor, deu o soco certo, na hora certa, no lugar certo.

— Não conta pra ninguém, mas eu que fiz o vídeo. E dei uma editada também, pra ficar parecendo que o Leo foi "o cara" da briga. Claro que não foi, ele apanhou bastante, mas não custava nada dar uma incrementada na performance do meu amigo — confidenciou Yuri. — Nerd é pra essas coisas, né? — riu, antes de entrar na sala de aula. — Espera pra ver a versão com música que eu tô fazendo. Vai ficar irada. Tipo um clipe, sabe?

— S-sei...

O bochicho continuou forte entre os alunos. Todo mundo queria saber como o Leo estava se sentindo, como tinha sido deixar zonzo o cara mais marrento e insuportável do colégio, e por aí vai. O garoto parecia estufado, realmente feliz por ser o centro das atenções.

— Se o Leo não tivesse brigado, ia ser atazanado até o fim do ano pelos três — comentou Luana.

— Iam fazer o garoto de gato e sapato e bater nele toda semana, se duvidar — emendou Carol.

— Mais que isso, iam fazer o coitado se sentir excluído, discriminado, humilhado — acrescentou Luana.

— Eu sei, mas ele precisava entrar no jogo deles, no nível deles? Precisava brigar para se livrar disso? Acho briga coisa de bicho e bicho não raciocina. Briga é coisa de gente atrasada... — comentei.

— Eu entendo você, Rosa. Ninguém gosta de briga... É muito triste tudo isso — concordou Carol.

— Brigar é sempre ruim, mas, nesse caso, brigar é ruim e não brigar é pior ainda. Ai, sei lá. É assim, tipo, uma faca de dois legumes.

— É uma faca de dois gumes, Júlia! — corrigiu Luana. — Você precisa aumentar o vocabulário, precisa ler mais, sabe?

— Eu leio.

— Livros, Júlia!

— Livros? Eca! Odeio! Mas, tipo, eu leio todos os dias o horóscopo. O meu signo e o dos meus pais, tá?

— Tá — impacientou-se Luana.

A jumenta Júlia era uma jumenta mesmo.

Voltei para o assunto Leo. Estava me deprimindo aquela situação. Briga, endeusamento da briga... Tudo tinha um quê de patético. Tudo tão desnecessário...

— Esse tipo de comportamento nas escolas é o que chamam de

bullying, né? — comentei.

— *Bullying* não é nome de cachorro? *Pitbullying*? — disse MABU.

— Ah, não! Ô, Júlia, você sempre foi burra assim ou emburreceu de uns tempos pra cá? — soltei, para me arrepender logo em seguida.

— Ai, sua grossa! Tô zoando, não dá pra perceber? — irritou-se e saiu para beber água.

Droga! Não devia ter feito isso! Por que falei com ela daquele jeito? Logo eu, que sou tão ternura... Ah, já sei! Estava revidando o "anta" que ela mandara pra mim mais cedo. Agora estávamos quites.

O fato é que esse negócio de briga, discriminação e intimidação continuava me angustiando, e muito. Acho que nada disso deveria ter acontecido, nada disso deveria existir. Agressões verbais muitas vezes são piores que físicas, palavras e gestos podem machucar mais que qualquer tapa. Nunca entendi pessoas que gostam de ver outras sofrer, pior, de fazê-las sofrer.

Dizem que adolescentes sabem ser cruéis e, com vergonha, concordo plenamente. Quando quer, um adolescente sabe tocar na ferida aberta do outro, sabe fazer uma pessoa se sentir o ser mais desprezível do mundo... Tenho pena dos que sofrem com esse tipo de comportamento incompreensível, mas também morro de pena dessa gente que carrega no peito sentimentos tão ruins, com tão pouca idade... Vai entender o ser humano!

Enquanto eu filosofava sobre maldade e discriminação, a aula começou. O professor falava lá na frente, mas todo mundo se fazia a mesma pergunta: onde estava Rafa Confusão? Será que ele não ia vir? Tony e Cebola nunca estiveram tão quietinhos.

De repente, a porta se abre e chega o gigante abatido com a prova irrefutável da surra: um par de óculos escuros que ele usava para tentar disfarçar o indisfarçável, um olho roxo. Caminhou até sua mesa fingindo ignorar os risinhos que vinham de todos os cantos da sala. Não demorou para ser avisado do YouTube por seus fiéis escudeiros, que lhe contaram baixinho o rebuliço por conta do vídeo.

— Mas isso é injustiça! Eu bati muito mais que ele! — reclamou Confusão, alto, fazendo toda a turma rir e o professor se meter:

— Rafael, além de chegar atrasado, você vai atrapalhar a minha aula, é isso? Olha, se vocês quiserem conversar sobre a briga e sobre quem bateu mais, por favor, podem sair, eu não me importo.

— Foi mal, professor — desculpou-se, rabinho entre as pernas.

Durante a aula, troquei olhares e sorrisos com o Leo. E estava tão encantada com ele que dei o braço a torcer. Aquilo não era curiosidade. Também não sei se era paixão, mas que aquele menino mexia comigo... ah,

se mexia. E vê-lo ignorando a MABU me deu uma felicidade tão grande que pensei comigo: acho que tô gostando desse cara...

O recreio chegou e ele mal conseguia andar, já que o colégio inteiro, inteiro mesmo, queria falar com ele, tocá-lo, cumprimentá-lo, apurar detalhes, saber se teria revanche...

— Não quero falar disso, gente. Não vai ter revanche nenhuma, os dois bateram e os dois apanharam... Já resolvemos nossas diferenças, não sou de brigar, eu sou da paz — ele explicava a cada um que se aproximava.

Na quadra, ele jogou de novo no time do Tuca e ganhou! Como jogava aquele garoto! Rafa Confusão nem deu as caras no recreio. Ele, Tony e Cebola pareciam ter evaporado.

Ao fim do jogo, várias meninas, de outras séries e de outras turmas, se aproximaram do Leo. Dengosas, esparramadas, sorridentes demais... E ele, em vez de dispensá-las, em vez do discurso humilde de antes do jogo, de que não queria mais falar do assunto, parecia encantado com o assédio, estava com o ego inflado.

Ridículo. A escola inteira bajulando um menino só porque ele tinha brigado com o Rafa Confusão? Faça-me o favor! Existem coisas muito mais importantes acontecendo no mundo!, revoltei-me.

De repente, o menino que estava deixando a briga em segundo plano, minimizando o que acontecera no dia anterior, parecia orgulhoso por seu feito, peito empinado, cara de metido, sorrisinho colado no rosto, olhares derretidos para todas as meninas, gabando-se de cada detalhe da peleja... Ai, me deu uma preguiça do Leo! Entrou na escola um e agora era completamente outro. E a mudança acontecera numa manhã!

— Leozinho, chuchu, você tá bombando, gatinho! É o dono do palácio. Você agora pode tudo nessa escola! — comemorou MABU com o chuchu em questão.

— Ah, Júlia, que é isso? Foi só um soquinho... Quer dizer, uns soquinhos... — empinou-se Leo, metido que só ele, surpreendendo-me com palavras que eu nunca imaginei saindo de sua boca.

Que droga! Por que essa tal de popularidade mexe tanto com as pessoas?, eu me perguntava. Ele sempre foi tão gente boa! Agora vai virar um acéfalo deslumbrado, constatei.

Poxa, logo hoje que eu descubro que estou mesmo a fim do menino, ele vira um palhaço que se acha melhor do que todo mundo? Não é justo!, reclamei comigo mesma.

Impressionante. Eu era o astro da escola. Todo mundo querendo conversar comigo, gente que nunca tinha me dito oi agora parecia querer se aproximar a qualquer custo. No começo achei estranho tantas pessoas em cima de mim, tantas perguntas, tanto assédio.

Mas depois, confesso, gostei da situação. Pô, um bando de garotas me lançando olhares sedutores, meninas lindas, até as mais velhas. Eu me senti num harém. E essa sensação, na boa, é a melhor do mundo. Eu, um cara que nunca deu muita sorte com a ala feminina da humanidade, podia escolher qual garota me agradava mais. Parecia um sonho. E eu não queria acordar tão cedo.

O problema é que a menina que eu queria que me bajulasse ignorou minha presença. Rosa apenas me observou de longe. E com um certo desdém. Mas, pô, ela precisava entender, né? Não é todo dia que o cara mais marrento da escola leva um soco e vai parar no YouTube. Levando soco em câmera lenta! E tudo por minha causa. Ah! Eu tinha o direito de ficar orgulhoso do meu feito. É, foi um feito, sim! Mandei bem mesmo sem nunca ter brigado. O vídeo foi editado, claro, eu apanhei muito mais do que bati, é fato. Mas a verdade é que, graças à internet, ninguém sabia disso.

O melhor dessa história foi ouvir todo mundo dizer que o Rafa merecia, que ele precisava de uma lição dessas pra baixar a bola. Quer dizer, além de surpreender brigando, além do meu talento nato para a luta, eu fiz um bem para o mundo, desinflei o ego mais inflado do Rio de Janeiro. Mandei bem.

Rafa, Tony e Cebola me evitaram o dia inteiro, pareciam invisíveis, quietos, calados, nem saíram da sala na hora do recreio. Enquanto eu estava sendo coroado pela população colegial, Confusão e seus amigos se escondiam a todo custo.

— *Tu* é um gênio, Leo! — gritou um garoto mais novo que eu nunca vira antes.

— Valeu! — respondi, modesto. Modesto nada. Gênio. Eu sou um gênio, repeti mentalmente, de peito estufado. Nunca ninguém me chamou de gênio, nunca fui gênio de nada, nunca fui nada. E de repente eu era tudo. Viva o Rafa Confusão!

— Você é herói! Quero ser igual a você quando crescer — paparicou-me um moleque de uns dez anos.

Eu, Leonardo Peixoto Mendonça, era um exemplo para os pequenos! E exemplos como eu não podiam deixar a fama subir à cabeça e sair por aí dizendo besteira. Ainda mais para as crianças.

— Imagina, violência gera violência. Briga não tá com nada, bom mesmo é estudar bastante, praticar esportes e ser legal com as pessoas

— respondi para o guri.

Resumindo, eu tinha que concordar com o garoto, eu era um herói. Mais que isso. Eu era o herói perfeito. Quer resposta melhor do que essa para dar a um pirralho? Eu era demais! Sensacional, sem modéstia.

Rosa

Quando voltamos para a sala, a bajulação em torno do novo astro da escola continuou. No último tempo, o zum-zum-zum parou para ouvirmos Fátima, a professora de Português, que nos deu um trabalho bem interessante:

— Vocês sabem que existem vários tipos de jornais: os populares, com pouco texto e que dão mais atenção aos crimes e notícias de artistas da tevê; os maiores, que dão ampla cobertura a todo tipo de acontecimento, da política à cultura, e por aí vai. Além dos jornais, temos a internet com seus sites de notícias, temos revistas, a televisão, o rádio... Isso tudo reunido é o que a gente chama de mídia. A mídia é o conjunto de veículos que levam a informação até as pessoas. E é sobre os vários tipos de mídia o trabalho que vou passar para vocês. Por meio de um sorteio, vou organizá-los em grupos, e com outro sorteio vamos ver qual meio de comunicação cada grupo vai trabalhar. Vamos lá?

Torci com todas as minhas forças para não ficar no grupo do Leo, não ia aguentar conviver com ele nessa fase *pop star,* não tenho paciência para gente que muda só porque passa a ser paparicada, gente fraca de espírito... E eu que achava o Leo tão gente boa... ele era um bobão, isso sim. O mesmo bobão que elogiou o arroto do Cebola e me deixou a ver navios no primeiro dia de aula por causa de um jogo ridículo. Eu gostava de um bobão, que lástima! Não podia ficar no grupo dele, não podia ficar no grupo dele...

— Leonardo Mendonça, Tiago Leão, João Ivo Scholte e Rosa Lucena! — sorteou Fátima. Droga! — Vocês vão fazer um trabalho sobre... — Fez suspense, enquanto mexia num saquinho cheio de papéis. — Televisão. Escolham o que querem fazer: um telejornal, um programa de variedades, um de reportagem... Vocês decidem. Mãos à obra!

Eu queria comemorar por um lado, sempre adorei televisão, e chorar por outro, não só por ser a única menina do grupo, como por ter caído no grupo do metido, sem noção, deslumbrado com a fama e paparicado por todos Leo. Que saco!

— Pode ser na minha casa — sugeri. — Que tal hoje à tarde? Todo mundo topou.

No fim da aula, já na saída da escola, o Leo nem olhou na minha cara. Estava muito entretido com as pessoas que queriam bajulá-lo, tocá-lo, fazer

perguntas sobre a briga mais sem sentido do século.

Enquanto o paparico em torno da nova celebridade escolar corria solto, Rafa Confusão, de novo de óculos escuros, se aproximou do Leo. As pessoas em volta se calaram, os olhos se arregalaram, a pequena multidão prendeu a respiração, afastou-se e ficou em silêncio profundo para assistir de camarote ao esperado reencontro dos rivais.

Leo

No fim da aula, na saída da escola, mais multidão, mais curiosos querendo saber detalhes, só faltava eu dar autógrafos para sentir na pele o que uma celebridade sente. Estava bom demais até a hora que todo mundo se afastou. Não entendi nada até que me vi refletido nos óculos escuros do Rafa.

Ele veio lentamente, com Tony e Cebola atrás, parecia cena de filme de faroeste.

Como todos ali, fiquei em silêncio. E, admito, bem tenso. Sei que ele não podia fazer nada comigo na escola, mas o cara estava com o ego ferido, tinha perdido o posto de popular para mim, já não era mais invencível nas brigas, carregava um olho roxo no rosto... Não dava para adivinhar o que ele tinha para falar comigo. Só sei que conseguia pensar apenas uma coisa: brigar de novo, não, brigar de novo, não!

— Olha só, Leo, essa história não acabou aqui não, beleza?

O que dizer numa hora dessas? O que as pessoas esperavam que eu, o herói da escola, dissesse?

— B-b-beleza.

Heróis são destemidos, afinal de contas. Podem gaguejar um pouquinho frente ao perigo iminente, mas são destemidos.

— Isso não vai ficar assim, cara — disse ele, bem pertinho do meu rosto, com ódio na saliva.

Nesse momento, Cléber, o segurança mais gente boa da escola, saiu da guarita e se aproximou da gente:

— Vocês dois, vamos parar com isso já!

Ih! O Cléber estava estressado! O "já" foi com muita ênfase. Ele continuou:

— Eu e todo o colégio estamos sabendo do que aconteceu ontem e tenho ordens de avisar pra diretoria se vocês brigarem de novo, mesmo na rua.

— Mas... — tentou Confusão.

— Ainda não acabei! — bronqueou mais ainda o segurança. — Mais uma briga e é suspensão pros dois. Para os dois, entenderam? E de um mês! Acho bom vocês pararem com essa palhaçada, se querem brigar vão fazer aula de boxe, de jiu-jítsu, sei lá, mas enquanto vocês estudarem nesse colégio, não quero mais saber de briga entre os dois. Entenderam?

Não dissemos nada, apenas fizemos que sim com a cabeça.

Jamais aceitaria ser suspenso por causa do Rafa Confusão.

— Sua mãe veio aqui ontem, Rafael, e me pediu pra ficar de olho em você.

— S-sério, Cléber?

— Pois é, e você conhece sua mãe melhor do que eu. Por isso, trata de ficar pianinho, não quero ter trabalho com você. E nem ela.

A mãe do Rafa tinha fama de durona, o colégio inteiro conhecia: ela era alta, loura, chique, bonita, educada, discreta... o oposto do filho. E ele respeitava a mãe. Mais que isso: diziam as más línguas que o cara morria de medo da mãe, cuja mania era dar tapas sucessivos na orelha e nos braços do filho quando este discordava dela. Difícil acreditar que Rafa Confusão tinha medo de alguém. Mas tinha. Soube pelo Norberto que a mãe dele ainda o deixava de castigo e que, certa vez, saiu da escola puxando o filho pela orelha por causa de uma nota baixa. E eu perdi essa cena!

Assim que o gigante saiu, preocupado, seguido por suas sombras, Tony e Cebola, alguém me contou que ele já havia sido suspenso uma vez naquele ano, ou seja, mais duas e seria expulso do colégio. Imagina a reação de uma mãe como a do Rafa ao saber de uma expulsão. Era o que eu precisava para ter certeza de que ele pararia de me perturbar e de querer acertar as contas comigo na base da paulada.

Ainda bem, porque brigar, definitivamente, não era a minha vocação. Minha mão ainda estava doendo do único soco certeiro que eu tinha dado. Quando cheguei em casa achei até que estivesse quebrada. Meu nariz também doía, o corpo inteiro doía. Dar soco, e levar socos, no plural, definitivamente não era a minha praia.

Percebi que, depois do embate na Mariana, a admiração da galera por mim aumentara não por eu ter batido no Rafa, mas por eu ter peitado o cara. As meninas adoraram minha coragem, os meninos mais novos queriam ser iguais a mim, os mais velhos me respeitavam. Que coisa maluca a cabeça do ser humano.

Não tive medo, era o que todos em volta pensavam. O que ninguém sabia é que eu morri de medo e que no fundo, bem no fundo, me envergonhava por ter brigado. Pior, por ter me sentido obrigado a

brigar com um idiota como o Confusão.

Fui andando na calçada seguido por muita gente, que fazia questão de me mostrar pelo celular, pela enésima vez, o momento em que deixei o Confusão zonzo. Era uma situação esquisita. Eu estava dividido. Por um lado, achava uma derrota esse negócio de briga, por outro, era bom ser notado, ser o centro das atenções! Eu era querido, idolatrado. O que mais eu podia querer?

A Rosa...

Nem a vi na saída. Era ruim não ver a Rosa na saída.

Rosa

Fui pra casa bem desapontada com a postura do Leo e assim que cheguei, meu pai ligou.

— Oi, pai — atendi, meio irritada. Não com ele, tadinho, mas com o novo e irritante *pop star*.

— E aí, filhota? Como está tudo? Papai tá morrendo de saudade de você!

— Também tô.

— E a escola? A galera é legal?

— Arrã.

— Você não tá namorando, não, né?

— Não, pai.

— Nem pensa em namorar tão cedo, né?

— Não, pai.

— Porque você sabe que é uma menina ainda, a menininha do papai.

— Arrã — respondi, totalmente sem paciência, agora com ele mesmo. Ah, que frases mais sem sentido!

— Menininha do papai não beija marmanjo nenhum!

— Paiê!

— E nem pensa em sexo! Você não pensa em sexo, não é, filhinha? Diz pro papai que você nem pensa nisso, diz!

— Pai, você tá doido? Eu tô com mil problemas, tenho que preparar um trabalho grande pra aula de Português...

— Ah, assim é que se fala. Estudo em primeiro lugar, filhota! Sempre!

Frases ridículas só merecem uma resposta: o silêncio.

— Desculpa, Rosa, é que sua mãe veio com um papo de que você estava apaixonada por um garoto da sua escola. Não entra nessa, filha. Você tem só 14 anos, não é idade pra se apaixonar.

Fiquei com vontade de estrangular a minha mãe. E o meu pai.

— Pai, a mamãe viaja, não sabe de nada!

— Graças a Deus! Eu sabia que não teria com o que me preocupar, você continua sendo a neném do papai. Que alívio, Rosa, que alívio!

— Então tá, né, pai? Vou almoçar, tô morrendo de fome.

— Vai, minha linda, vai papar, meu amor! Um beijo.

"Papar" ninguém merece!

— Beijo.

Pensa que a conversa acabou aí? Claro que não!

— Beijo é só em mim e na sua mãe, hein? Nada de sair beijando um monte de gente, pode pegar uma infecção, alguma coisa dessas. Com 17, 18 anos... aí, sim, você pode namorar bastante. Bastante não. Mas um pouco, pode. Se bem que daqui a pouco tem vestibular e paixão atrapalha demais os estudos, a concentração... Melhor mesmo é só namorar sério quando entrar pra faculdade, tá, filha? E virgindade, nem pensar em perder, hein, filhota?

— Beijo, pai! — disse, louca para desligar.

— Vinte e nove!

Ã?

— Vinte e nove o quê? — quis saber, encasquetada.

— É a idade que eu acho boa para você começar a ter relações sexuais.

O momento pedia, não podia dizer outra coisa, a não ser:

— Fala sério, pai!

— Também te amo, filhota. Beijo.

Pais... que pessoas esquisitas. Por que eles esquecem que foram adolescentes?

Almocei, dei uma dormidinha básica e acordei para deixar a casa arrumada para receber os meninos.

Tiago e João Ivo chegaram às quatro em ponto, e Leo se atrasou 15 minutos. Estávamos quase começando sem ele.

— Desculpa o atraso, gente, estava no telefone com o Homero, o vídeo da briga tá bombando no YouTube, daqui a pouco vou virar uma dessas celebridades da internet — riu ele, convencido.

Os dois garotos riram junto e eu, claro, simplesmente não demonstrei nenhuma reação sobre o comentário estúpido.

— Como é que é ser famoso, cara? — João Ivo quis saber.

— Irado ter todas as meninas no teu pé, né não? — Tiago parecia curioso.

— Ah... é maneiro, mas, assim... nem tô dando muita bola pra essa história toda, já, já isso passa.

Ai, que mentira! Dava pra ver no rosto dele que ele era o cara mais convencido do universo!

— Vamos começar? — cortei logo o assunto.

— Ô, Rosa, desculpa o atraso...

— Não foi nada. E então, o que vocês estão pensando em fazer?

— A gente pode preparar uma coisa meio *Jornal Nacional*, eu de William Bonner e você de Fátima Bernardes — sugeriu Tiago.

— Ah, eu preferia uma parada tipo *Fantástico*, com mais entretenimento — opinou João Ivo.

— Eu pensei em fazer uma parada tipo *Globo Repórter*. A gente faria uma reportagem bem abrangente sobre algum tema interessante. Que tal... "Escola Repórter"? — sugeri.

— Boa, Rosa! Assim, em vez de fazer várias matérias pequenas, a gente faz uma matéria grande, com muito mais detalhes — concordou o metido.

— A gente pode se dividir para fazer as entrevistas. Meu pai tem uma câmera pequena e levinha, eu posso ser o *camera man* — sugeriu João Ivo.

— A minha mãe também tem câmera, posso ser a *camera woman* — verbalizei. — Na verdade, todo mundo vai fazer um pouquinho de tudo, né?

— Claro. Mas pra fazer entrevistas temos que decidir sobre o que vamos falar no programa — observou Tiago.

— Por que a gente não faz um programa sobre os professores? — perguntou Leo.

— Claro, tem tudo a ver com o tema escola — concordou João Ivo.

— E a gente pode fazer uma coisa do tipo: quem são as pessoas por trás dos professores. O que eles fazem quando não estão dando aula, o que eles pensam sobre vários assuntos, o que gostam de ler... — completei.

Nossa, que trabalho show! Ia ser muito divertido fazer aquilo.

— O que eles gostam de ler? Ah, Rosa, fala sério! Tem muita coisa

mais legal pra perguntar do que isso — disse Leo, me irritando.

Pronto, tinha ficado metido de novo. Ai, que óóódio!

— Não, Leo! A ideia é ótima! Bora descobrir o que se passa na vida dos caras quando eles não estão dando aula. A gente pode se dividir pra fazer as entrevistas, cada dupla entrevista um grupo de professores — sugeriu João Ivo. — Eu moro no mesmo prédio do Tiago, a gente forma uma dupla e você e o Leo outra, Rosa. Depois a gente edita tudo. Que tal?

Eu não tinha outro remédio a não ser...

— Claro. Mas eu também queria apresentar. Posso?

— Rosa, você vai ser uma ótima apresentadora. Além de bonita, fala super bem — comentou João.

— Qual é, João? Eu também sou bonito e falo superbem — debochou Leo, para risos e mais risos dos outros dois. Ai, meninos me irritam! Precisavam ser tão bobos? — Mas como sou um cara legal, eu deixo você apresentar, Rosa.

— Ih, olha o cara! O sucesso subiu à cabeça, só pode ser — implicou Tiago.

— Só pode! — concordei, emburrada.

— Ainda bem que você quer apresentar, Rosa, eu sou um desastre na frente das câmeras, tenho medo até de pensar no meu desempenho como apresentador — argumentou Tiago.

— Eu também nem cogitei, você está mais que aprovada na função. Vai ser nossa Ótima Bernardes — elogiou João Ivo.

— Ai, menino, para com isso! Assim vou ficar metida! — fiz charme.

Agora era a minha vez de ficar com o ego inflado, já que o João Ivo era um gatito muito do bonitito, lourinho, olhos azuis, praticamente um anjinho. O melhor de tudo é que acho que o Leo esboçou um ciúme. Viva o João Ivo!

A tarde correu muito bem, apesar de o Leo alternar momentos de fofura com momentos de implicância explícita. Por que meninos implicam com a gente? Por quê? Ô, chatice!

Escolhemos os professores com quem gostaríamos de gravar, bolamos as perguntas, pensamos nos dias e horários que podíamos fazer as entrevistas e estipulamos a data para editar tudo e transformar as melhores partes no programa *Escola Repórter*.

— Valeu, galera. Show de bola! Agora tenho que ir, tenho aula de capoeira — explicou João Ivo.

— Vou com você. A gente já resolveu tudo, né? Agora é só botar a mão na massa. Amanhã mesmo a gente pode começar a fazer as entrevistas — disse Tiago.

— A gente também, né, Leo?

— Amanhã não vou poder, Rosa. Tenho que pegar a afilhada da minha mãe no aeroporto, ela tá vindo passar o fim de semana aqui em casa.

— Beleza, a gente começa a fazer na segunda, então. Como João Ivo estava apressado, fui levá-lo até a porta.

Ele e Tiago se despediram de mim e eu voltei para a sala.

— E aí? — Foi o melhor que consegui dizer para o Leo.

— E aí? — ele... hum... respondeu.

— Que bom que a gente vai entrevistar a Fátima — comentei. — Adoro ela.

— Eu adorei a parte de fazer as entrevistas com você, Rosa. Vai ser bom passar mais tempo contigo.

Glup!

Uau!

Iuuupiii!

Issaaaaa!

Caraca!

Que frase linda é essa?, comemorei internamente.

— Também gostei dessa parte — fui direta, olhando bem no fundo dos olhos dele. — Acho que vamos formar uma boa dupla.

— Eu tenho certeza — concordou Leo, com um jeitinho muito fofinho que esquentou meu coraçãozinho.

O celular dele tocou. Droga de celular!

— Só um minuto, Rosa. Alô, quem? Ah... oi, Júlia... — disse ele, revirando os olhos, com a maior cara de saco cheio e arrependimento por ter atendido. Adorei! — Agora não posso, tô na casa da Rosa fazendo o trabalho, a gente acabou de começar, mas obrigado pelo convite. Amanhã? Não sei... que filme? Tá, tá bem, amanhã a gente combina na escola. Beleza, tchau.

— Ela está investindo mesmo em você, né?

— Não sei... Mas, se estiver... isso te deixa chateada?

Para garoto!, eu quase gritei. Não estava preparada para ouvir uma pergunta dessas, muito menos para responder uma pergunta dessas!

— Claro que não, que pergunta!

— Ah, tá...

— Arrã...

— Pois é...

— É...

Que silêncio horrível, que silêncio horrível! Fala alguma coisa, Rosa!, eu me dei uma bronca.

— Quer dizer que vocês vão ao cinema no fim de semana?

— A afilhada da minha mãe vai estar lá em casa, é bem provável que eu tenha que ficar com ela direto... Mas, se eu for ao cinema, você quer ir?

— Eu, você e a Júlia? Tá doido?

— Ué, qual o problema? Três amigos juntos.

Amiga...

Eu não quero ser sua amiga, ô, burrão! Mesmo você sendo idiota e brigando na rua, o que te faz dez vezes mais idiota, eu gosto de você! A esdrúxula jumenta Júlia é outra que não quer ser sua amiga! Garoto burro! Como garotos são burros!

— Tá bom, vou pensar.

— Eu queria muito que você fosse — insistiu ele, segurando a minha mão. Tremi toda, ai, Jesus! — Como eu te disse, não tenho muito assunto com a Júlia, e você ajudaria a quebrar o gelo.

— Arrã, arrã, arrã... — respondi, gaga. — Então tá, né, Leo? Agora eu preciso... preciso... preciso ir pra aula de balé — disse, tirando minha mão da dele, e mentindo, já que meu balé era às segundas e quartas, e estávamos em plena quinta-feira.

— Tá bom, então. A gente se vê amanhã.

— É, amanhã a gente se vê — concordei, dando nele dois beijinhos e sentindo o perfume mais gostoso que já sentira na vida.

Quando bati a porta, meu coração estava mais acelerado que carro de Fórmula 1. O Leo podia ser metido, estar feliz por ser o centro das atenções e tal... Mas, no fundo, no fundo, ele continuava fofo.

Leo

Caraca! Acho que a Rosa gosta de mim!, comemorei assim que saí da casa dela. Até riu de algumas piadas, parou de me olhar daquele jeito torto, concluí, felizão. Se eu confiasse mais no meu taco, teria partido pra cima dela com tudo, mas morro de medo de levar um fora... Por isso impliquei várias vezes com ela, garotas adoram garotos implicantes. Acham... "fofo".

Menina é um bicho bobo mesmo. Tudo é fofo pra elas. Zoei, belisquei, tirei caneta da mão da Rosa... Assim ela não poderia me dar fora, apenas fazer aquela cara de bravinha reclamona. Mas o que eu queria mesmo era ter tido coragem de ir além. Se eu tivesse a confiança de certos caras...

— Quem não arrisca não petisca, filho, o negócio é pegar a mulher de jeito — ensinou-me meu pai, o sábio.

— Não! Ela não é dessas que saem beijando...

— Mas agora você é a estrela da escola.

— Calma, também não é assim...

— Eu sei, filho, você tá desconfortável por ser a estrela da escola por causa de uma briga inútil. Eu entendo. E apoio o desconforto. Sua cabeça deve estar a mil.

— Pois é... Ainda mais porque acho que a Rosa não está gostando nada disso. Ela é da paz, antes de tudo acontecer ela queria ir comigo na diretoria reclamar do Rafa.

— Ah, então deixa esse assunto morrer aos poucos. Não fica se achando só porque tá todo mundo te achando "o cara". Se você quer conquistar a Rosa, tem que...

— Eu não sei se quero conquistar a Rosa...

— Claro que quer, bocó! Vai olhar no espelho a sua cara de babão apaixonado.

— Apaixonado? Não delira, pai! Menos!

Apaixonado... Não sei se era essa a palavra... Mas eu gostava da Rosa. Gostava bastante. E fiquei bem bolado quando o João Ivo elogiou a beleza dela. Não que fosse ciúme, longe disso! Ou será que tinha sido ciúme? Nunca senti ciúme de ninguém!

O fato é que era muito bom ficar perto da Rosa, implicar com a Rosa, estudar com a Rosa, fazer a Rosa rir, deixar a Rosa irritadinha...

No dia seguinte, cheguei na sala de aula e fui logo me sentar perto dela, que assim que me viu abriu um sorriso lindo.

— Qualé, figura? Como é que tá? Beleza?

— Beleza... — respondeu ela, logo após fechar o sorriso.

Não entendi por quê. Por que o sorriso murchou? Mulher é uma coisa que eu nunca vou entender. Mais difícil do que o mais difícil problema de Geometria.

Rosa

"Qualé, figura"? "Qualé, figura"?!

Fala sério! Que saudação zero bonitinha é essa?, eu me questionei enquanto olhava o rosto bonito do Leo. Ele não tinha coisa melhor pra falar? Mais fofa? Menos *brother*-parceiro e mais garota-bonita-que-muito-me-

interessa? Não sou um dos seus parceirinhos manés, não!, quase gritei. Garoto insensível, sem noção, sem jeito. Homem é um negócio complicado, viu? Nunca vou entender. Nunca!

Leo

— Estão querendo fazer um blog contando detalhes da sua briga com o Rafa — contou Rosa.

— Jura? Que viagem! Pra que blog? Esse assunto já deu o que tinha que dar.

— Também acho. Além do mais, briga não é assunto para causar tanto interesse, né?

— Concordo plenamente.

Mandei bem! Percebi que ela gostou do que eu disse! Agora estava irado o meu discurso. Eu estava demais! Arrebentando.

— Posso te dizer uma coisa, Leo?

— Claro, Rosa.

Apostei que ela ia me dar os parabéns, ia reconhecer que enfrentar o Rafa, por mais que ela não gostasse de briga, tinha sido ótimo para baixar a bola do cara. Ia dizer que ficou preocupada comigo, que queria saber como estava meu nariz, perguntar se estava doendo... Ia pedir desculpas por ter sido fria comigo nos últimos dias, ia falar que eu era um herói, um cara diferente de todos os outros... Cogitei, nervoso, tudo isso, nos segundos intermináveis em que ela não abria a boca para me cobrir dos elogios que só as mulheres sabem fazer.

— Eu entendo você ter brigado, parece que isso é coisa de menino e que é assim que se resolvem certos problemas no mundo de vocês — começou, preparando-me para a enxurrada de carinho que viria em seguida. — Mas não gosto da ideia de te ver brigando... — continuou, mostrando preocupação com meu bem-estar e minha integridade física. — E, pior, se gabando por ter brigado. Você estava um idiota ontem. Um perfeito idiota.

Não! Não era isso que você ia dizer, Rosa! Não era para isso que eu estava me preparando!, irritei-me e só consegui dizer que...

— Eu não me gab...

— Para, Leo! Claro que se gabou! Você parecia pinto no lixo, numa felicidade enorme só porque o colégio inteiro achou o máximo você brigar com o Confusão. Ridículo.

Ridículo. A Rosa me chamou de ridículo. E idiota. Por que as

garotas são tão boas com as palavras?

Fiquei sem resposta, ela estava certíssima. Olhando de fora, era mesmo ridículo eu ficar me achando por causa de uma briga. Mas nunca ninguém tinha me dado tanta atenção na vida! Será que era muito difícil pra Rosa entender isso? De repente, eu virei uma celebridade e, admito, é bom ser celebridade, mesmo que instantânea! Taí o bando de ex-BBBs que não me deixa mentir. Eles são famosos por nada, eu não! Fiquei famoso por brigar com o Rafa Confusão! Por encarar um cara que metia medo em todo mundo! Era difícil demais entender que eu deixei, sim, o sucesso subir um pouquinho, só um pouquinho, à cabeça? Eu sou humano, caramba! Foi bom receber carinho e atenção de meninas lindas e gostosas e admiração de vários garotos da escola, sim. Era muito complicado entender isso? Ninguém é perfeito, pô!

Pensei tudo isso, mas não tive chance de dizer nada. A menina estava atacada.

— Olha, se eu não tivesse certeza de que você é um cara do bem, eu não estaria falando essas coisas. Passei a gostar menos de você depois dessa briga e dessa palhaçada toda de YouTube, sabe?

Isso foi um nocaute! O que foi que a Rosa tomou antes de sair de casa? Algum chá de sinceridade excessiva?, eu me perguntava. Ela continuou:

— Acho que, brigando, você se nivelou ao Rafa, e eu sempre te achei muito melhor do que ele, muito mais que ele! Nunca entendi por que vocês andavam juntos no começo do ano... Você sempre me pareceu um cara tão gente boa, tão fofo...

Olha o fofo aí! Garotas quando usam a palavra fofo é o maior dos elogios. E eu que achava que ela não ia com a minha cara! Burro! Não só ia como reparava em mim, me achava muito mais que o Rafa, ficou chateada por ver que eu era amigo dele, por me ver baixar ao nível dele! Quantas informações numa manhã! Eu ia levar tempo pra processar tudo aquilo na minha cabeça.

— Desculpa, mas eu precisava te falar tudo isso, até porque agora a gente vai ter que conviver mais pra fazer o trabalho da Fátima.

Eu estava mudo, completamente mudo.

— Assim eu me sinto melhor, Leo. Desculpa se te magoei, mas estava entalado, eu precisava desabafar. Agora não toco mais nesse assunto, prometo.

É o que meu pai diz: mulheres são muito mais evoluídas que a gente.

— Imagina, Rosa. Fico feliz por você ter sido tão sincera comigo.

— Eu sou sua amiga, e amigas são sinceras sempre.

Amiga... Era tudo o que a Rosa queria ser, minha amiga... Tudo bem, eu não podia mesmo ter esperança com uma menina tão legal, tão madura, tão inteligente, tão charmosa, tão especial... Como todas as garotas do mundo antes da minha briga com o Rafa, a Rosa só queria a minha amizade. O problema é que ela me deixava confuso, às vezes parecia querer ser minha amiga, outras parecia querer algo mais. Eu nunca fui bom em decifrar os sinais femininos.

— Leozinho, meu chuchu gatinho! Você tá sabendo que querem fazer um blog contando os principais momentos da sua briga? Eu posso ajudar o povo a escrever, sou boa em Português.

Júlia? Aquela que *pentia* o cabelo, boa em Português? Quase tive uma síncope de riso.

— Tá certo nosso cinema amanhã?

— A afilhada da minha mãe vai estar lá em casa, ela é uma pirralha chata, não sei se vou conseguir ir ou se vou ter que ficar de babá, fazendo programa de criança.

— Leva ela, ué.

— Não sei... Amanhã a gente combina. Mas, se a gente for ao cinema mesmo, chamei a Rosa, e ela vai, né, Rosa?

Rosa me olhou espantada, mas ela precisava entender que eu não suportaria duas horas ao lado da menina mais burra e sem graça daquele colégio.

— Não é, Rosa?

— É... Acho que dá pra ir, sim...

— Mas eu achei que era um programinha só nós dois, chu...

— Você não acabou de falar pra eu levar a pirralha, Júlia?

— É, falei... Tá bom, então... Você vai jogar bola no recreio? Se for me fala, porque quero arrumar um lugar bom pra te ver jogar. Não gosto de perder seus jogos. Você é o melhor jogador do colégio. Nosso Ronaldinho. Melhor: nosso Beckham. Que além de jogar bola é lindo.

— Menos, Júlia! — ironizou Rosa.

— Não vou jogar, não. Hoje vou ficar com a galera do meu grupo pra gente pensar no trabalho de Português.

Júlia entendeu o recado e deu meia-volta.

Ainda estava atordoado com a enchente de palavras com que a Rosa inundara meu ouvido.

No recreio, acabei não jogando mesmo, preferi ficar com a Rosa para combinarmos as perguntas que faríamos para os professores, quem entrevistaríamos primeiro, esse tipo de coisa. Saí da escola e meu pai estava na porta. Era chegada a hora de ir para o aeroporto pegar a chata,

mimada, chorona, pidona, mala da Ludmila.

Rosa

Foi muito bom dizer tudo o que eu queria para o Leo. Tirei os dois bondinhos do Pão de Açúcar de cima dos meus ombros. E ele reagiu bem, acho até que já esperava isso de mim. O que eu não esperava era que o convite para o cinema permanecesse. Que situação: eu, Menina Arrogante e Burra — também conhecida como MABU —, Leo e a pirralhinha da qual ele seria babá pelos próximos dias.

Tentei ignorar o assunto cinema durante o recreio, quando preparávamos as perguntas para os professores.

— Sabe o que eu tenho vontade de saber? Se a Fátima tem alguma mania, se coleciona alguma coisa... Dá pra ver que ela é doida por sapatos, porque está sempre usando um modelo diferente.

— Jura que você repara nos sapatos da Fátima?

— Jura que você não repara, Leo? — perguntei, chocada.

Poxa, os sapatos da Fátima eram sempre alegres, diferentes, divertidos, inusitados.

— Meninos não reparam em nada, meninas é que têm olhos voltados para os detalhes — filosofou Leo, tão bonitinho!

— Ser menino deve ser chato.

— Ser menina é que deve ser chato — implicou ele. — Agora falando sério, tô achando irado pegar esse lado oculto dos professores. Acho que não só ela, mas a turma toda vai ficar amarradona com o nosso trabalho.

— Tomara...

Silêncio esquisitinho rolou. Silêncio esquisitinho permaneceu. Droga... não queria deixar espaço pro Leo perguntar do cinema, não queria ir ao cinema, mas também não tinha nada de bom pra dizer, mas precisava dizer alguma coisa antes d...

— Que filme a gente vai ver?

Droga! Como você é lerda de raciocínio, Rosa!, irritei-me.

— Leo... Eu não sei s...

— Não aceito não como resposta, Rosa.

— Mas...

— Shh!

— É que...

— Shh!

Ai, que bonitinho ele ficava fazendo "shh!". Boquinha linda!

— Tá bom, então. Vou pegar o jornal para escolher um filme legal pra gente e pra afilhada da sua mãe. Aliás, qual é o nome dela?

— Ludmila, mas pode chamá-la de Ludmala.

— Tadinha!

— "Tadinha"? Leva ela pra você, então.

Rimos juntos e nem vimos o tempo passar. Preparamos várias perguntas para fazer aos professores. Coisas do dia a dia, curiosidades, queríamos saber a opinião deles sobre assuntos importantes e outros nem tanto, como a LDOS (Lei da Devolução Obrigatória de Sapatos), inventada por mim, claro. Eu sou muito criativa, mesmo.

— Sei lá! Nunca parei pra pensar nisso! Não acredito que você vai perguntar uma coisa dessas pra sua professora! Imagina se as lojas fossem obrigadas por lei a aceitar devolução de sapato. Iam todas à falência! Só você, Rosa — riu minha mãe, quando, à noite, contei pra ela as ideias de perguntas.

— Mas a Fátima adora sapato, tem tudo a ver com ela. Além disso, nada mais justo do que devolver um sapato que na loja fica ótimo e que na rua te dá bolha. Se um dia eu for presidenta do Brasil, vou criar essa lei.

— Pensando bem, presidenta, pode ficar mesmo bom esse trabalho maluco de vocês. Vai ser divertido e informativo ao mesmo tempo.

— É isso que a gente quer. Senão o povo dorme e a gente leva um zero zerenta e zero.

— O que mais vocês vão perguntar pros professores?

— Eu vou ou não ao cinema com o Leo?

— Você vai perguntar isso para os professores?

— Dã! Claro que não, mãe! Tô perguntando pra você!

— Claro que você vai! Que pergunta! Quer dizer que ele não está mais se achando o tal?

— Ai, mãe, se achando o tal? Que frase é essa?

— É frase de gente velha, é?

— Total! Gente velhérrima!

— "Velhérrima"? Ora, bolas! Desde quando não se usa mais a expressão "se achando o tal"?

— Desde o tempo em que pararam de falar ora bolas. "Ora, bolas", mãe? Assim eu vou morrer de rir!

Rimos juntas, e eu depois contei que estava ansiosa para que a sexta terminasse logo para o sábado chegar. Ir ao cinema com o Leo... Ia ser bom!

A parte chata era a Júlia. Não queria que ela fosse.

No dia seguinte, Leo ligou logo de manhã para confirmar o cinema, dizer que ia à praia com a Ludmila e saber se eu queria ir encontrá-los. Preferi fazer jogo duro e dizer que a gente se veria só à tarde. Ah! Eu tinha que perder minha pança antes que o Leo me visse de biquíni.

— Que pança, Rosa? Sua barriga é lisa! Ai, como adolescente é chato, vê problema em tudo. Bom, eu vou dar uma caminhada na praia. Daqui a pouco estou de volta pra gente almoçar, pançuda.

Muito engraçadinha minha mãe.

À tarde, marquei com o Leo na praça de alimentação do shopping onde ficava o cinema.

Conheci a Ludmila. Ela parecia superquietinha, nada mala. Uma flor de criança.

— Pipoca! Pipoca! Pipoca! Com muita manteiga! Muita manteiga! Muita manteigaaaaa!!! — esgoelou-se a menina, desfazendo na hora minha certeza de que ela era um anjinho caído do céu.

— Não precisa berrar, Ludmila, eu tô aqui do seu lado. Também não precisa puxar a minha camiseta a cada palavra que você diz. Quando a gente entrar eu compro pipoca.

— Quero uma só pra mim, tá?

— Tá — disse Leo, de saco cheio. — Vamos entrar?

— Ué, a gente não vai esperar a Júlia?

— A Júlia não vem, pegou uma gripe e tá morrendo de dor de garganta.

— Jura? Tadinha...

— É... Mas, sinceramente, eu gostei de vir só com você...

Ai, Jesus! Assim eu derreto, coisa fofa!, pensei olhando bem no preto do olho dele.

— Só com ela? E eu? Eu tô aqui!

— Eu sei, Ludmila...

— Ah, já entendi, Leo. Você tá a fim de ficar com a Rosa. Não! Vocês já ficaram! Claro, os dois têm a maior cara de ficantes!

Uopa! C-c-como é que é?! Cara de ficantes? Fiquei laranja, vermelha, roxa, azul-calcinha de vergonha. Mas piorou.

— Ele tá apaixonado por você, né?

— Ludmila! — repreendeu Leo.

Leo

Eu quis matar a Ludmila e enfiar um pacote tamanho GG de pipoca naquela boca pequena e ativa. Pirralha abusada!

Rosa

Eu ainda estava em estado de choque com a frase anterior da pequena quando ela me saiu com outra, mais surpreendente ainda:

— Beija aí pra eu ver!

Arregalei meus olhos.

— Mas de língua! Só vale se for de língua! Quero ver língua! Linguona! Quero ver saliva! Bei-ja! Bei-ja!

Gente, que menininha de 10 anos era aquela? Eu precisava desligá-la, ou pelo menos baixar o volume da sua voz! Por que é que crianças não vêm com controle remoto?

— Não! — elevei o tom da voz. — Não vai ter beijo nenhum! A gente nunca ficou, nem vai ficar.

— Não? — perguntou Ludmila, ops!, Ludmala.

— Não? — perguntou Leo logo em seguida, com um quê de desapontamento que quase me arremessou para seus braços.

Como é que se responde uma pergunta dessas? Como se responde uma pergunta dessas?

— Hum... não. Quer dizer... acho que não...

— Ih! Saquei! Tá doida pra pegar o Leo, mas tá fazendo jogo duro.

Leo

Caraca... A nanica mandou isso assim, na cara da Rosa? Será que ela estava certa? Ou será que ela estava viajando? Mulher faz mesmo jogo duro — e até as mais pirralhas sabem disso! Mas por quê, por que fazer jogo duro? Só pra dificultar a nossa vida? Mulher é bicho ruim, mesmo. Contava os segundos para ouvir a resposta da Rosa. Era jogo duro? Era jogo duro? Era?

— Não, Ludmila, não é nada disso, não tem nada de jogo du...

— Mandou bem, Rosa. Nós, mulheres, temos que fazer jogo duro, mesmo. Só assim eles valorizam a gente. Faço isso desde meu primeiro namoro e sempre deu certo.

Pausa! Pausaaaa!

— Você tem... V-você tem... n-namorado? — Leo espantou-se.

— Claro, né, Leo! Há um tempão.

— Seus pais sabem? — perguntei.

— Claro que meus pais sabem, sempre que a gente viaja eu compro lembrancinhas pra ele. A gente namora há sete meses. E é namoro sério. Os outros dois foram coisas passageiras, mas o Gabriel, pelo jeito, veio pra ficar.

Eu estava bege. Eu nunca tinha namorado sério e aquela PIRRALHA já tinha tido três namorados?

— O que você faz com ele?

— Ah, Leo, a gente conversa.

— Sobre o quê?

— Sobre a escola, sobre os preços da cantina. Sobre a vida.

— Sobre a vida? — eu e Leo indagamos juntos.

— De vez em quando a gente dá uns selinhos, mas minha mãe não sabe, hein, gente?

— Uau! E pensar que eu só beijei no ano passado, com 13 anos...

— Sério, Rosa? Mas por quê? Você nem é feia. Não é linda, mas feia também não é, vamos ser sinceras.

Ela não existia. Ela não podia ser real. Eu ia acordar logo e ver que todo aquele diálogo sobre língua linguona, namoro aos 10 anos e o fato de eu não ser feia mas também não ser linda era só um sonho doido.

— Vamos entrar? Tô com a boca louca, louquinha, pra comer pipoca e tomar *refri* gigante. Mas nada de light, porque eu tô gata pra caramba, superpodendo abusar do que eu quiser — disse ela, me trazendo para a realidade e puxando o Leo pela mão, andando decidida à sua frente.

Leo me olhou espantado, não sabendo se ria ou se chorava. Eu fui atrás, pensando em quanta diferença existe na vida de uma pessoa que nasce quatro anos depois da gente.

No cinema, Ludmila se comportou como uma mocinha depois que Leo comprou pra ela o combinado de pipoca com refrigerante. Mas uma mocinha implicante. Assim que chegamos à sala de exibição, ela avisou:

— Bom, já que vocês não ficaram e nem vão ficar, vou sentar entre os

dois. Assim eu não me sinto deslocada só porque sou mais nova.

Pirralhas...

O filme acabou sendo escolhido pela Ludmila. Ela ignorou a minha sugestão de comédia romântica fofa e optou por um filme de terror. Terror com comédia. Ela adorou. Riu, mas riu muito, de se contorcer e bater a mão na perna várias vezes. Eu achei chaaato... E o Leo... bem... nós trocamos alguns olhares e sorrisos cúmplices durante a sessão.

Ao sairmos, resolvemos ir caminhando para casa. A noite estava clara, graças à lua cheia, e o Cristo iluminado, de braços abertos prontos para um abraço gigante, nos olhava lá de cima. Era Ele no alto e Ludmila sempre, sempre no meio da gente.

— O Leo me falou que vocês estão fazendo trabalho sobre os professores. Pelo visto vai ficar irado.

— É, acho que vai — respondi, doce como um doce de coco. É, eu sei ser doce como um doce de coco de vez em quando.

— Mas vocês têm que fazer perguntas doidas. O Leo me falou a história dos sapatos, achei legal e tal, mas vocês não vão perguntar umas paradas mais íntimas?

— Mais íntimas? Como assim? — fiquei curiosa.

Será que ela quer que a gente pergunte como é a vida sexual dos professores?, cogitei. A pirralha era completamente destrambelhada!

Mas ainda bem que não era exatamente isso que ela gostaria de saber dos mestres.

— Ah, por exemplo, o que eles acham desse negócio de a nossa geração ser a geração do ficar, do beijar por beijar, esse tipo de coisa.

Aquela menina me surpreendia a cada frase. Ela usara a palavra geração!

— Por exemplo, a minha mãe suuuperentende essa coisa de uma pessoa conhecer outra e beijar na mesma noite. O meu pai não adianta, não entende, não concorda, acha horroroso. E os dois têm a mesma idade. Eu teria vontade de saber o que meus *profes* pensam sobre assuntos como esses.

— Taí, Ludmila... Gostei — reagiu Leo.

A verdade é que eu também tinha gostado da ideia. Seria bacana mesmo saber a opinião dos professores sobre esse tipo de assunto.

— Também gostei — concordei e, oba!, ganhei um sorriso e um olhar cuti-cuti do Leo. — Vamos botar isso no nosso questionário.

— Olha a Ludmila aí, gente! Ajudando os alunos do Brasil-sil-sil! — gabou-se, rindo dela mesma.

Ela era uma fofa, quer saber?

— Mas assim, gente, agora que a gente foi ao cinema e já tem mais

intimidade, Rosa, por que você não ficaria com o Leo?

Ãããã!? Garota maluca, cala essa boca!, eu tive vontade de berrar.

— Ah... É... Ó... É q... o... o L-L-Leo... não acho que...

— Ludmila, vamos parar com esse assunto. A Rosa é muita areia pro meu caminhãozinho, nunca ia querer ficar com um garoto como eu.

Tentei não arregalar os olhos com a surpresa. Ele me achava areia demais? O Leo, aquele todo bom, aquele quindim irretocável, aquele brigadeiro de colher, a última bolacha do pacote, me achava areia demais pro caminhão dele? Enquanto eu pensava numa resposta decente, Ludmila falou por mim:

— Leozinho, ouve Ludlinda, neném — avisou ela, nos fazendo rir com o zero modesto "Ludlinda". — Rosa não é muita areia, Rosa é aquela coisa que eu falei antes, nem bonita nem feia. Ela é uma menina comum. Comum, entendeu?

— Nossa, Ludmila, muito obrigada — debochei.

— Mas é sério, Rosa. O legal é que você vai ficando mais bonita com o passar do tempo. Você tá bem mais bonita agora do que quando chegou. Isso porque você é inteligente, engraçada, SFM...

— SFM? — indaguei.

— É! SuperFofa Mesmo.

— Brigada — agradeci com um sorriso.

— E fofura, assim como inteligência, é muito importante. Beleza exterior não é tudo, vocês sabem.

Que figura! E que encanto de menina!, babei.

— Como o Leo não deve parar de olhar para você desde que começaram as aulas, e por você ficar mais bonita a cada hora, ele deve te achar uma deusa, a versão adolescente da Angelina Jolie. Por isso essa coisa de muita areia pro caminhãozinho dele. Mas não é, não, Leo. Pode investir que ela e você fariam um casal muito lindo. Não tão lindo quanto eu e o Biel, mas quase.

Nossa! Quantas palavras bem articuladas, quanta atitude, quanta maturidade para uma menina de 10 anos! Ela, definitivamente, não era uma criança.

— Quem chegar por último naquele poste come toda a porcaria mais *nojentous* do mundo! Um, dois, já! — disse ela, saindo em disparada na direção do tal poste, provando que era, sim, sem sombra de dúvida, uma criança.

Eu e Leo não corremos na direção do poste.

— Rosa?

— Oi.

— Você sairia comigo um dia, só nós dois? Sem a Ludmila?

— Ludlinda! — corrigi, pra fazer graça. Nossa, como eu estava tremendo por dentro.

— Claro, como é que eu fui esquecer desse apelido modesto?

Rimos juntos. Eu ri muito mais que ele. Naquele momento, o Leo era a pessoa mais engraçada do mundo. Engraçado, esperto, lindo...

— Só nós dois? — Fiz charme, com o coração na garganta e a garganta quente como uma chaleira no fogo.

— É.

— Por que você quer sair sozinho comigo?

Burra! Trezentas vezes burra! Que pergunta estúpida, sem nexo! Claro que era para ficar com você, sua imbecil!, eu dei bronca em mim mesma.

— Ah, pra gent...

— Caraca! Vocês não sabem brincar, né? Ganhei fácil! — entrou no meio da nossa conversa uma ofegante Ludmila. — Da próxima vez, vocês vão ter que pelo menos fingir que correm. Mas têm que me deixar ganhar, tá?

Sorrimos daquela criança peculiar, espoleta e mais madura que a média. Caminhamos falando amenidades, conversando sobre os ídolos dela e não demorou para chegarmos ao meu prédio.

Na portaria, dei um beijo esmagado na bochecha fofa da Ludmila e ela disse no meu ouvido:

— Ele é menino, e meninos são devagar, não sabem como funciona o coração da gente, têm medo de levar não.

— Quê?

— Você entendeu. Mostra pra ele que você quer também. Eu sei que você quer. Ele é que não sabe. Burro!

— Mas...

— Shh! Fica tranquila. É segredo nosso — sussurrou, finalizando o discurso de consultora sentimental com uma piscadela.

Ô, guria esperta!

— Leva a Rosa no elevador, Leo! Eu espero aqui — disse a criança mais cativante que eu conheci na vida.

Leo obedeceu e foi para a porta do elevador comigo. Nossos olhos se cruzaram e assim permaneceram, focados um no outro, num silêncio denso, redondo, nada constrangedor, mesmo sendo um silêncio cheio de palavras por dizer.

O elevador chegou.

— Tchau, Ludlinda! Vê se vem mais vezes visitar o Leo! — gritei para

ela, que estava num trololó animado com o porteiro, ensinando a ele como jogar algum jogo no celular. — Então... Tchau, Leo.

Quando fui dar um beijo no rosto dele, foi como se o mundo inteiro à volta tivesse congelado e nossos gestos fossem em câmera lenta. O meu coração batia tão forte e tão alto que fiquei com medo que ele escutasse. Parecia um bumbo de bateria de escola de samba. Os segundos intermináveis no trajeto entre uma face e outra do rosto do Leo foram incríveis, emocionantes, cheguei a fechar os olhos para sentir melhor as 387 mil sensações que tomavam conta de cada célula do meu corpo. Quando minha bochecha chegou perto da dele, ele deu uma desviada e, caraca!, 818 vezes caraca!, ele beijou o cantinho da minha boca. Aí, meio sem saber o que fazer, eu achei melhor retribuir e dei um selinho nele, um selinho QBI, ou seja, Quase de Boca Inteira. Foi um milésimo de segundo com meia boca minha encostada em meia boca dele. E foi tãão bom!!!

— Então tá, né? — eu enfim disse alguma coisa.

— Tá — respondeu ele, com olhos felizes, brilhando, assim... como... como copos de cristal recém-lavados. É! É isso!

Entrei no elevador, apertei meu andar e cheguei em casa voando. E voando fui para o quarto. Voando mesmo, não senti meus pés no chão. O Leo tinha me dado um beijo! Não! Eu tinha dado um beijo no Leo! Não! Ninguém deu beijo em ninguém mas rolou um contato bucal, com toda certeza.

Passei a mão no telefone para dividir minha euforia.

— Luana... o Leo e eu... a gente se beijou. Quer dizer, não foi bem um beij...

— A Rosa e o Leo se pegaram — disse Luana.

— Com quem você tá falando? Não é com a Júlia, é?

— Claro que não! É com a Carol! Ela tá no celular comigo e quer saber se ele beija bem.

— Não sei.

— Como não sabe? — questionou Luana. — Rolou chupão, mão na perna, fala devagar, Carol, assim eu não consigo entender nem o que você tá perguntando, nem o que a Rosa tá dizendo. Vai, Rosa, conta tudo!

— O beijo não foi assim, um beijo, beeeijo, sabe?

— O beijo não foi beijo — repetiu Luana para Carol.

— Ele só encostou aquela boca linda na minha...

— O beijo foi beijo — Luana passou a informação adiante.

— Não foi bem assim... A gente só encostou as bocas.

— Boca com boca, Carol! Boca com boca! Foi beijo total! Beijo total! Língua?

— Não, sem língua.

— Não beijo total! Não beijo total!

— Para, Luana! Desliga e conta pra ela depois!

— Não dá! Ela tá histérica, gritando coisas no meu ouvido. A Carol tá perguntando se a Júlia já sabe que vocês se pegaram.

— A gente não se pegou, foi só um microestalinho na porta do elevador!

— Ficaram no elevador? Elevador é tudo! Superfilme, supernovela, superperfeitinho!

— Ô, Luana! Cê tá bem? Foi na porta do elevador, na portaria! — Eu aumentei o volume da voz.

— Porcaria? Mentira!

— Luana! O que é que tá ac...

— Porcaria, olha só... Quando é que a gente ia imaginar que o Leo beija mal? Que desperdício... Ã? Ah, tá. A Carol quer saber se ele tem bafo. E eu quero saber se vocês estão namorando. Estão?

— Luana, depois a gente conversa, tá?

Desliguei fula da vida, pensando em como pessoas do sexo feminino se deixam atiçar por uma mera notícia. Uma noticiazinha.

Ah! Deixa de subestimar seu beijo com o Leo, Rosa! O estalinho pela metade foi sem graça, é verdade, mas é uma novidade e tanto! Se não fosse, eu não ia estar tão eufórica, quente, pelando dos pés à cabeça!

Amanhã ele deve ligar. Liga, liga sim. Se não ligar, eu vou morrer. Eu sei que vou morrer. Vou morrer! Vou morrer! E chorar! Morrer de chorar! Mas não vou ligar pra ele. Ah, mas não vou mesmo. Porque depois do domingo vem a segunda e segunda tem escola. Lá eu vejo como estão as coisas entre a gente. Eu tenho que me manter firme, no controle, concluí.

Mas acho que temos futuro, sonhei. Ou não. Ele pode estar me achando uma idiota sem iniciativa. Uma língua inexistente, molenga e sem atitude. Uma garota imatura que tem medo de meninos lindos que dão selinhos pela metade. Ai, será que ia chegar o dia em que eu iria apresentar o Leo pra minha mãe? Aliás, pensando nela...

— E aí, como foi o cinema? — perguntou ela, quando nos esbarramos na cozinha.

— Legal.

— Legal? Só isso? Não rolou nenhuma paquera?

— "Paquera"? Jura que você usou essa palavra?

— Ué, vocês não paqueram mais hoje em dia?

— Sem comentários, mãe!

Toda mãe é assim ou só a minha? Por que elas têm mania de perguntar sobre garotos? Que coisa chata!

Eu estava esquisita. Com vontade de rir, de chorar, de flutuar, de ouvir a voz dele, sentir o cheiro dele, que era bom... É muito chato isso de não saber o que se passa na cabeça dos meninos. É mais chato ainda não saber o que vai acontecer nas 48 horas seguintes. Que mundo injusto.

Leo

Nossa, a Rosa deve estar me odiando, achando que eu sou o cara mais sem iniciativa do mundo. Por que eu não dei um beijo decente nela? Por que dei aquela viradinha ridícula? No que eu estava pensando?

— O que foi que te deu, Leo? Por que você não agarrou a Rosa e deu nela um beijo de cinema? Pirou? — perguntou Ludmila, como se lesse meus pensamentos.

— Na frente do porteiro? — Foi tudo o que a anta aqui conseguiu responder à pirralha que mais parecia uma anã disfarçada de criança.

— Porteiros têm o trabalho mais chato do mundo, só abrem e fecham porta, dizem bom-dia, boa-tarde e boa-noite e atendem interfone para ouvir reclamação... A vida deles é um tédio e você teve a chance de alegrar o dia de um deles hoje, mas por imaturidade preferiu bancar o bom menino — ela disparou a falar. — Mas o bom menino também beija, seu idiota. Agora você virou o bom-menino-que-não-beija.

— Mas eu sou um bom menino que beija! — reagi como se tivesse dois anos a menos que Ludmila. Eu era um bom menino sem ação diante de tanta bronca, isso sim.

— Não! Você NÃO beija! E ainda pagou de gay pra garota!

— Quê?! — assustei-me.

— É isso mesmo! Gay! Gayzão!

— Cê tá doida, garota? Que mané gay?

— O que é que tem ser gay?

— Não tem nada demais, só que *eu* não sou gay! Nem acho que paguei de gay.

— Ai, tá bom! Gay não, vai. Você pagou de quase-gay! Você agiu como um quase-gay. Pronto, falei. Falei mesmo — irritou-se ela. — Que pessoa sem noção você é, Leonardo!

Era isso mesmo? Uma pirralha com menos de um metro e meio de

altura me chamando de imaturo, idiota e quase gay? Eu não sou nada gay! Idiota e imaturo... Isso eu sou, e muito. Mas gay? Gay? Entrei em parafuso; espero que a Rosa não esteja me achando nada disso. Não, claro que a Rosa jamais pensaria que eu sou gay. Ela sabe que eu não sou. Se bobear, ela não está nem pensando em mim, nem ligando pra esse meio-beijo sem graça.

Rosa

Deitada na cama, a única coisa em que eu conseguia pensar era no Leo e no beijo-que-não-foi-beijo-mas-que-foi-beijo-sim. O problema é que quanto mais a gente pensa, pior a gente pensa. E àquela altura eu já estava achando que o beijo não tinha rolado por inteiro porque eu devia estar com mau hálito, ou que minha depilação do buço estava vencida (e mulher bigoduda não dá pra encarar), que o Leo queria no fundo, no fundo estar beijando a Júlia ou que... ou que... o Leo era gay! Será que ele é? Não! Não é! Ele é nada gay! Zero gay! Ou é?, cogitei no silêncio do meu quarto.

Nããão!!!

Era só o que faltava: eu me apaixonar por um gay.

Para de pensar, garota!!! Vai dormir! Você precisa dormir! Dormir!, ordenei a mim mesma, cobrindo toda a minha cabeça com o edredom para esperar o sono chegar.

Leo

O pior é que a Ludmila estava certa! E cheia de argumentos óbvios! Como mulheres já nascem com o dom da palavra, né? E com o de dar bronca também. Impressionante.

E ela não tinha acabado o discurso, não!

— Sem contar com o cinema, né? Onde é que você estava com a cabeça para me deixar sentar entre os dois?

— Ué, você queria sent...

— Eu queria que você me contrariasse, garoto burro! Que brigasse para sentar ao lado da Rosa, as garotas gostam que os caras lutem por elas. Em vez disso, você, um banana, ficou quietinho e sentou do meu lado. Caraca, você precisa urgentemente de umas aulas para não fazer feio assim com as meninas.

Fiquei sem palavras. A nanica estava mais do que certa, estava certíssima.

— Mas como é que eu ia saber? E se ela não quisesse sentar do meu lado?

— Você não queria que a Rosa brigasse comigo para sentar do seu lado, né?

— Queria...

— Nossa, como garotos são ESTÚPIDOS! Meninas não fazem isso! Quer dizer, algumas fazem. Quando eu tiver a idade da Rosa, com certeza vou fazer, acho que a gente não tem que esperar vocês darem o primeiro passo. Mas a maioria das meninas gosta do joguinho da conquista, gosta de se sentir admirada, olhada...

— Ludmila, você tem certeza de que tem só 10 anos?

— Incrível, né? Mamãe vive perguntando isso pra mim.

Eu estava abobado. E fiquei mais ainda quando ela fez a pergunta sem rodeios:

— E aí? Vai ligar pra quem pra contar do seu beijo?

— Pra ninguém! Garotos não fazem esse tipo de coisa, não!

— Sério? Nossa, como deve ser irritante ser garoto. Eu já teria ligado pra todas as minhas 18 melhores amigas.

Nesse momento, meu pai entrou na sala. Gelei só de pensar em ter que conversar com ele sobre o beijo. Arregalei os olhos para a Ludmila, num claro sinal de que daquele momento em diante mudaríamos de assunto.

— Ligaria pras todas as suas 18 melhores amigas pra quê, Ludmila? — perguntou meu velho.

— Pra contar como foi o filme, né, Ludmila? — respondi por ela.

— Não, pra contar como...

— Como a pipoca daqui é melhor do que a de Curitiba — eu tive que me meter de novo.

— Não, demente! Pra contar do beijo.

— Beijo?! Que beijo? — interessou-se completamente meu pai.

— O beijo que o cara dá na menina do filme. A Ludmila disse que foi o beijo mais real que ela já viu no cinema.

— Ô, Leuô! Eu sou criança, mas não sou lesa, não! Vê se eu ia ligar pra alguém pra comentar um beijo ridículo de filme. Tô falando do *seu* beijo. Qual o problema de falar isso com seu pai? Menino também não comenta com o pai sobre beijo? Fala sério! Uó ser menino, viu?

— Beijo? Você beijou e não ia me contar, cara? Foi a Rosa?

— Foi, tio. E foi péssimo. O Leo é péssimo.

— Por quê, cara? O que foi que deu errado? Babou, foi?

— Nada deu errado, pai — perdi a paciência.

— Ela doida pra ficar com ele e ele todo tímido. Virou a boca e deram só um meio-beijo. Nem língua teve, tio! Foi a coisa mais sem graça que já vi em toda a minha vida.

— É sério? — disse meu pai, sem esconder o riso.

— É! Bem sério. Mas, tio, vê pelo lado bom da coisa: já deu pra perceber que o Leo é lento com mulheres, então esse estalinho foi um passo enorme. Acho que se ele mandar bem daqui pra frente, Leo e Rosa podem engatar um namoro.

— Como é que você dá um mole desses? Você virou a cara pra garota? Nem parece filho meu!

— Eu te mato, Ludmila!

— Leo, seu pai é homem, é bom pra você conversar com ele. Vai por mim. Ouve Ludlinda que você sempre vai se dar bem.

Eu queria fazer picadinho de Ludlinda. Mas ela escapou da minha fúria com o telefone, que tocou e ela correu pra atender.

— Oi, Norberto, o Leo tá aqui, sim, peraí que vou chamar. Ah! Uma coisinha: você, como amigo, gostaria de saber se o Leo tivesse beijado alguém no cinema ou você não ligaria pra essa informação?

— Ludmilaaaa! — eu gritei, as narinas abertas, os olhos arregalados. Estava a ponto de matar aquela criança metida a adulta.

— Ah, então o Leo tem uma coisa pra te contar. Tem a ver com a Rosa. Viu, Leo? Garotos gostam, sim, de saber o que acontece com os amigos. Igualzinho à gente — disse ela, me passando o telefone.

Eu estava num estado que misturava raiva, perplexidade e instinto assassino.

— Qualé, Norberto? Beleza? É... Na escola eu te conto... Não, não foi nada!

— Foi sim! Ele e a Rosa se beijaram! — a pirralha gritou perto do telefone.

Desliguei com o Norberto e voei para o meu quarto, sem dar explicação a ninguém naquela sala.

O domingo foi terrível. Eu e meu pai levamos a Ludmala para almoçar numa churrascaria e ela não parava de falar:

— Sabia que o maior rio em extensão do mundo é o Amazonas, com 7.025 quilômetros? E que a maior cordilheira é a Cordilheira dos Andes, na América do Sul, com 8 mil quilômetros? Adooooro Geografia!

— Dá pra perceber — ironizei.

— Do que mais você gosta, Ludmila? — perguntou meu pai, puxando assunto.

— De carne. Adorei vocês me trazerem aqui.

— Onde mais a gente ia te levar? Ontem você disse a palavra churrascaria pelo menos umas 500 vezes.

— Leo! — bronqueou meu velho.

— Liga não, tio Múcio. Seu filho tá naquela fase chata em que por fora parece um adulto, mas por dentro é um criação.

O meu pai caiu na gargalhada.

— Eu sou um dos caras mais maduros que eu conheço, tá, Ludmila?

— Ah, Leo! Fala sério, se você fosse maduro, tinha ligado pra Rosa e estava com ela agora. Em vez disso, tá almoçando com o papaizinho e uma pirralha. Ai, ai... garotos! Argh!

Eu queria botar todas as picanhas que vieram no espeto dentro da goela da Ludmila.

— Que figura essa menina! — gargalhava meu pai. — Vou sentir sua falta, viu, baixinha? Da próxima vez, você tem que vir pra ficar mais tempo.

— Beleza! — reagiu ela, sorridente, antes de atacar um pedaço de filé-mignon com alho.

Enquanto eles conversavam, eu mastigava a carne e as palavras da Ludmala. Por que eu não ligara pra Rosa? Por quê?

— Porque eu não tenho nada pra falar com ela — pensei em voz alta.

Silêncio se fez na churrascaria. Os dois me olharam espantados. Não os culpo, não tinha nada que ter dito aquilo assim, de repente. Lá vinha bomba.

— Deixa de ser palerma! Se não tem assunto, inventa um! O que não pode é não ligar, Leo! — disse Ludmila.

— "Palerma"? Onde é que você aprendeu essa palavra, Ludmila? — quis saber meu pai, mudando totalmente de assunto e não deixando que eu me defendesse das acusações.

— Palerma é ótimo, né? Aprendi com a minha mãe. Ela chama o papai disso quase todo dia.

— Ué, mas achei que eles estivessem bem, em segunda lua de mel...

— Eles estão maravilhosos, tio Múcio. Quando eles estavam na fase negra as palavras usadas nas brigas não podem ser ditas por uma

menina de 10 anos numa mesa de restaurante.

— Eu vou ligar agora, então — decidi, ignorando a discussão sobre palermice. Aliás, eu não sabia exatamente o que era palerma, mas sabia que boa coisa não era.

— Isso! Gostei de ver! — comemorou a nanica.

— E vai falar o quê?

— Não sei, pai. Não sei — respondi, já discando, afobado e tenso.

— Calma, melhor pensar antes. Puxa assunto sobre o trabalho que vocês vão fazer juntos, sobre o filme de ontem, sobr...

Desliguei.

— Para, Ludmila! Tá me deixando nervoso!

— Você desligou na cara dela? — perguntou meu pai, assustado com minha atitude covarde.

— Não. Ela não tinha atendido. Melhor falar com ela amanhã na escola, ao vivo.

— Você ligou pra casa ou pro celular?

— Pro celular. Por quê, Ludmila?

— Leo, sua anta! Ela vai ver que você ligou e desligou no meio do caminho!

— Ludmila podia ficar aqui mais uns dias para ensinar você a lidar com as garotas, filho, porque eu já desisti.

— Pai!

— Esse aí não tem jeito, tio Múcio. Nasceu errado — disse a pirralha, caindo na gargalhada com meu pai.

— Ô, moleque! Vai ficar aí parado? Liga de novo, e rápido! Senão ela vai te achar um... um...

— Palerma! — disseram em coro Ludmila e meu pai. Os dois pareciam melhores amigos de infância.

Liguei. Ela logo atendeu com sua voz de Marisa Monte:

— Oi, Leo. Você me ligou?

— Não! Quer dizer, liguei! Mas entrei no túnel e caiu.

— Boa, cara! — comemorou meu pai.

— E que barulho é esse aí atrás de você?

— Tô numa churrascaria.

— Como assim, Leo? Pirou? — disse meu pai, gesticulando muito e me irritando.

— Você não estava num túnel? Como é que...

— Eu estava no carro quando te liguei, Rosa!

— Meio segundo atrás?

— É. É que a churrascaria é logo depois do túnel. Acaba o túnel, começa a churrascaria.

— Que churrascaria é essa?

— Aquela que fica no Aterro, com vista para a Baía de Guanabara, a gente trouxe a Ludmila aqui pra ela conhecer. É a cara do Rio esse visual daqui.

— Ué, não tem túnel tão perto daí. Tem?

— Caraca, Rosa, quantas perguntas! Que insistência! Que coisa chata! Só liguei pra saber se você... se você... se você preparou as perguntas pra gente fazer amanhã pra Fátima. É que depois daqui ainda vou levar a Ludmila no aeroporto e não vou ter tempo de...

— Já preparei tudo, Leo. Fica tranquilo.

— Então tá.

— Tá.

— A gente se vê amanhã.

— Arrã. Tenho que ir, minha mãe tá chamando. Tchau.

Rosa

Que garoto ridículo! Grosso! Mal-educado! Palhaço. Homem é tudo palhaço, viu? Ligou pra quê? Pra nada? Pra ficar de conversinha de amiguinho? Pra saber de trabalhinho de escola? Foi pra isso? Faça-me o favor! Alguém pode me explicar por que ele me ligou? Custava ter sido pelo menos gentil? Comentado a nossa despedida? Nosso beijo, nossos olhares, nossa cumplicidade de quase-casal-perfeito? Não! O energúmeno não demonstrou nem sombra de romantismo! De vontade de me ver. O idiota ligou pra quê? Pra falar que estava numa churrascaria colada num túnel? Eu, hein!

Ele devia estar me odiando pra puxar uma conversa sem nexo daquelas! Na verdade, eu estava me odiando por gostar de um garoto imaturo que não quis me beijar, não dava a menor bola pra mim! Burra, Rosa! Como você é burra!, eu me xinguei em pensamento, com os olhos marejados, o sangue fervendo e uma tromba do tamanho do Maracanã.

Leo

Assim que desliguei o telefone os dois me olharam com cara de desapontamento.

— Será que ela tá me odiando? A dupla não me poupou:

— Sua anta! — gritou meu pai, assustando o garçom que trazia corações.

— Quadrúpede! Acéfalo! — gritou Ludmala ainda mais alto. — Você é um fiasco, Leonardo, um fiasco! Tsc, tsc, tsc.

"Quadrúpede"? "Acéfalo"? "Fiasco"? Aquela nanica não parava de nos surpreender. Eu estaria rolando de rir dos xingamentos se a situação não fosse tão grave.

— Tio Múcio, não precisa me olhar espantado. Aprendi com a minha mãe também. Ela adora xingar bonito. E como eu sou muito esperta, acabo aprendendo, né? — orgulhou-se a menina, admito, mais engraçada que já conheci.

O meu pai riu e voltou sua fúria contra mim:

— Ô, animal! Como é que você faz uma cagada dessas?

— Pai! Olha o palavreado! A gente tá num restaurante!

— Deixa de ser fresco, Leo. Seu pai tá certo! O que se passa na sua cabeça, meu filho? Num minuto você tá no túnel, e no minuto seguinte você tá no restaurante? *Hello*! Por pouco você não falou que o restaurante era DENTRO do túnel.

— É que... Ah, gente! Fiquei nervoso...

— Jura? Ninguém notou... — debochou meu pai, devorando um pedaço de alcatra.

— Da próxima vez a gente ensaia antes de você ligar, tá? Eu faço o papel da Rosa — decretou Ludmila. — Meu Deus, tende piedade desse menino! — ela disse, fechando com chave de ouro a ironia.

Definitivamente, aquele não era meu dia. Ainda bem que teria banana flambada com sorvete de sobremesa.

Depois do almoço fomos direto para o aeroporto levar a Ludmila. Incrível, mas eu ia ficar com saudade daquela baixinha com sorriso aberto, cabelos compridos, pele morena e covinhas bem pronunciadas.

— Demais essa garota, né?

— Pai, nunca achei que fosse dizer isso, mas vou sentir falta da nanica.

— E das broncas da nanica? Ela é durona! — brincou meu pai, me dando um tapa no pescoço. Carinhoso, mas tapa. — E você mereceu todas as broncas, Leo. Tens muito que aprender sobre a vida ainda, mané!

Apenas ri e abaixei a cabeça. O meu velho estava certo. Eu era um

mané. Ainda bem que amanhã era outro dia. Dia de ver a Rosa. Dia de tentar fazer bonito, de começar do zero e conquistá-la decentemente.

Rosa

Eu não queria olhar na cara do Leo. Ah! Precisava ter falado comigo daquele jeito ontem? Que raiva fazer parte do grupo dele. Que óóódio! Também, quer saber? Vou fingir que nada aconteceu, agir como se nenhum meio-estalinho tivesse rolado! Serei fria, quase uma estátua de gelo, foram as últimas frases que passaram pela minha cabeça quando entrei na sala e dei de cara com um coração gigante desenhado na lousa com os dizeres Leo *AMA* Rosa e Rosa *AMA* Leo.

— Aêêê! Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando! — fizeram coro Norberto, Homero, Yuri e uns outros ridículos.

Como eu odeio os garotos. Vê se menina faz uma coisa dessas?

— Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando! — entraram no coro Luana, Carol e outras ridículas.

Queria morrer! Morrer!!! Mas fiz a minha infalível cara de "vou matar vocês" que calou a boca de todas as meninas cantantes.

— E aí? E aí? E aí? — Aproximou-se Luana, sobrancelhas arqueadíssimas e olhos curiosíssimos.

— Foi você que desenhou aquilo?! — eu quis saber, chocada.

— Claro que não, Rosa! Assim você me ofende! Eu sou ótima desenhando coração. Aquilo ali parece uma bunda murcha virada do avesso.

— Ooownn! Parece um bunração. Ou vocês preferem bundração? — completou Carol, rolando de rir da própria piada.

Permaneci séria e elas perceberam que meu humor não estava dos melhores. Luana prosseguiu:

— Foi o Norberto. Ele já tinha contado pra meio mundo quando eu cheguei.

— A escola inteira sabe. Depois dizem que a gente que é fofoqueira — disse Carol, jogando a mochila em cima da mesa, com os dois olhos acesos mirando em mim. — Mas e aí? E aí? E aí? Conta tudo!

— E aí nada, gente! Antes de qualquer coisa, eu preciso apagar aquele coração malfeito. Não quero que o Leo chegue e veja isso.

— O que é que tem ele ver?

— O que é que tem? Ele não pode ver isso, Luana! Não aconteceu nada entre a gente. E ninguém ama ninguém, pô!

— Pior seria a Júlia chegar e ver isso. Ela ia morrer. Ou te matar.

— Tô nem aí pra Júlia, Carol — disse, já com a mão no apagador. Virada de costas para as meninas, continuei: — O Leo não é propriedade da Júlia, eles nunca ficaram. E nem vão ficar, o Leo não vai muito com a cara dela. Ah, gente, a Júlia é muito sem noção, né? Joga charme pra todos os garotos, seduz todo mundo o tempo inteiro pra depois dizer que parte masculina da humanidade está apaixonada por ela. E ainda vem com aquele discursinho de "como pode isso? Tudo bem que eu sou linda, mas não dou mole pra ninguém, sou só simpática...". Na boa, não tenho a menor paciência pra ela!

— Oi, Júlia! — disseram Carol e Luana.

Engoli em seco assim que ouvi o nome da MABU, virei-me, apatetada e, vale dizer, arrependida. Não era pra ela ouvir nada daquilo.

— Júlia! Olha, você por aqui! Mil desculpas, eu posso explic...

— Não precisa explicar nada, Rosa. Já deu pra entender que você é fura-olho, porque ficou com o Leo, mesmo sabendo que eu gosto dele. E é mentirosa também, porque o Leo não só vai com a minha cara, como AMA a minha cara, me acha linda, ou seja, tem bom gosto.

Ai, como ela me irritava!

— Ô, Júlia, não é nada disso que você tá pensand...

— Não quero saber de explicação, Rosa. Era só o que faltava você achar que eu ia perder um garoto só porque, tipo, a garota mais prega e mosca-morta da escola ficou com ele. Se enxerga. Você foi só, tipo, um passatempo para o Leo. Um prêmio de consolação. Ele só ficou com você porque eu não fui ao cinema, senão teria ficado comigo, óbvio.

Nossa! Como ela era equivocada! Já não estava mais tão arrependida por ter dito tudo o que eu acabara de dizer.

— Júlia... O Leo não ia ficar com você, ele simplesment...

— Ai, Rosa, me poupe! Não fica achando que o Leo vê alguma coisa em você. Ele, tipo, vê o que todo mundo vê. Olha seu cabelo oleoso, olha seu tênis gasto, olha o jeans que você usa. Nem marca tem. Você é um erro, garota.

— Júlia! — repreendeu Luana.

— Tá louca? — brigou Carol.

— Louca? Nada louca! Tô o oposto de louca! Sinceramente, não sei o que você tá fazendo num colégio desse nível, Rosa. Bem se vê que você...

— Que ela o quê, Júlia? — chegou Leo, de peito estufado, bem irritado com o discurso altamente ofensivo da MABU.

— Ih! Vai ter briga! — gritou o ridículo do Cebola.

— Que briga, cara? Não se mete! — disse Leo.

— Leozinho! — MABU se derreteu.

— Bem se vê que a Rosa o quê, Júlia? — continuou ele com firmeza, repelindo o afeto derramado da garota mais metida da escola.

— Ah, bem se vê que essa menina é uma caipira deslumbrada com o Rio.

— Ela é do Rio — cortou Leo.

— É nada. Morava na roça até outro dia.

— Vitória é roça desde quando, Júlia? — Leo me defendeu de novo.

— Pra mim é. Tipo, tudo que não é Rio e São Paulo é roça — rosnou MABU.

— Que horror! Que preconceito absurdo! — comentou Carol.

— Não é preconceito, é a realidade. Quem não é do Rio é caipira. Basta olhar pra Rosa pra notar que ela parece de outro mundo. Agora a caipira tá, tipo, se achando porque ficou com você, Leo. E como sempre teve inveja de mim, tá pensando que vai separar nós dois, e mais: que vai ficar conhecida na escola como eu.

— Eu não fiquei com o Leo, Júlia! — eu disse, tentando engolir o choro.

Droga! E não tinha ficado mesmo! Que situação! A turma inteira olhando!

— Ficou sim, que eu já soube! Todo mundo sabe — ela rebateu. — E ainda falou que o seu beijo é uma porcaria, Leozinho.

— Porcaria! Porcaria! Porcaria! — zoaram os meninos.

Porcaria... Eu ia matar a Luana!

— Não é uma porcaria! — me defendi. — Foi na PORTARIA! — frisei, com toda a potência das minhas cordas vocais, olhando bem no fundo dos olhos da fofoqueira.

— Eu sabia que era portaria! Eu te disse, fazia muito mais sentido — sussurrou Carol para Luana.

— Portaria! Portaria! Portaria! — gritaram os garotos.

Eu queria sumir! Sumir!!!

— Desculpa, Rosinha, eu não queria contar nada disso pra Júlia, acabou escapulindo... Mas você também não pediu segredo sobre o beijo, né? Ou pediu?

— Não teve beijo nenhum, Luana!

— Mas você acabou de dizer que teve. E que foi na portaria — disse Carol, me irritando.

— Não teve beijo, gente. Acredita em mim, por favor! Ninguém beijou ninguém...

— Ninguém beijou ninguém, você tem razão, Rosa.

Ufa! Ainda bem que o Leo se manifestou, em vez de ficar paspalhando ali sem dizer nada. Garoto mais sem atitude!

— Viram? Não teve beijo! Não teve beijo nenhum! — gritei, com as veias saltando do pescoço.

— Não teve, mas agora vai ter.

Leo

Depois das broncas que levei do meu pai e da Ludmila, a baixinha mais invocada que conheci na vida, tomei uma decisão: beijar a Rosa decentemente. Beijar direito, um beijo 100% beijo, não aquele papelão que fiz na portaria do prédio dela.

Planejei tudo. Como disse Ludmila, ensaiar é importante. Primeiro, puxaria conversa assim que chegasse à escola e seria tão irreverente e engraçado que conquistaria sua confiança na mesma hora. Em pouco tempo ela estaria pensando: "Nossa, como o Leo é querido." E ser "querido" é coisa muito importante pras garotas. Vai entender.

O segundo passo era não jogar futebol (sim, eu realmente queria beijar a Rosa) e levá-la para a escadaria do prédio do ensino médio, também conhecida como "Degraus do Beijo". Ali, pegaria seu rosto suavemente, diria o que andava sentindo por ela nos últimos tempos, olharia bem no fundo do olho dela, mandaria um perfeito e imbatível "você é linda" e pronto. Um beijo de cinema aconteceria para ficar para sempre na memória da Rosa. Um beijo que não manchasse minha reputação como o inexplicável meio-beijo da portaria.

É. Eu estava pronto. Eu era um homem decidido. Um homem com um plano certeiro.

Cheguei ao corredor da minha sala de peito estufado, determinado a botar em prática tudo o que pensei e ensaiei, e logo ouvi uma discussão. E uma gritaria. E a voz da Rosa se sobressaindo. E a da Júlia.

Droga, a conversa vai ter que ficar para depois, pensei, acelerando o passo.

Em pouco tempo deu para perceber sobre o que era a discussão. A Júlia estava pegando pesado, muito pesado com a Rosa. Fiquei bem irritado. Garota preconceituosa, chamando a Rosa de caipira só porque ela morou em Vitória. Vitória! Aquela garota era um caso perdido mesmo.

Não deu pra ficar calado. Eu me senti na obrigação de me meter

naquela conversa. Os ânimos estavam exaltados, precisava fazer alguma coisa. Entrei na discussão pra valer, defendi a Rosa e tal, mas meu sangue ferveu mesmo quando o tal do beijo, meio-beijo, quase-beijo foi mencionado.

— Não teve beijo, gente. Acredita em mim, por favor! Ninguém beijou ninguém... — disse Rosa, com as veias saltando do pescoço.

Foi a deixa que eu estava esperando.

— Ninguém beijou ninguém, você tem razão, Rosa — eu rebati, sério.

— Viram? Não teve beijo! Não teve beijo nenhum!

— Não teve, mas agora vai ter. Pronto. Tasquei um beijo nela ali, na frente de todo mundo. Um beijo inteiro, um beijo de verdade, um beijo que eu nunca achei que daria na frente de uma plateia. No começo fiquei meio desajeitado, envergonhado, senti meu rosto esquentar, corar, mas a vontade de beijar a Rosa era tanta que eu fui em frente e consegui, por uma fração de segundo, esquecer do que estava à volta e só pensar em nós dois.

E de repente parecia que naquela sala de aula o tempo tinha parado e só havia nós dois.

O meu coração batia forte como nunca batera antes.

Rosa

O meu coração disparou! Leo, ele mesmo, o Leo fofo, que tinha deixado de ser fofo, que ficou fofo de novo e que estava zero fofo minutos atrás no meu pensamento, me pegou pela cintura com um braço, minha cabeça com o outro e me tascou um beijo daqueles desentupidores de pia. No começo eu hesitei, pensei em repelir o garoto, em dar uma de difícil, em fazer um escândalo, em não botar a língua... Mas logo depois pensei no oposto. Estava com tanta raiva da Júlia, e a sensação de estar literalmente nos braços do Leo estava tão maravilhosa, que botei boca, botei língua, botei mãos, braços... ah!, botei mesmo!

Enquanto a gente se beijava, eu ouvia a turma gritando, fazendo urruls empolgados, cantando, fazendo barulho de beijo. Uma lou-cu-ra! Às sete e meia da manhã!

— O Flávio tá chegando! — alguém avisou da chegada do professor de Matemática.

Leo

Estava numa espécie de transe quando ouvi que o professor estava chegando. A gente parou de se beijar e eu estava atônito. Com vergonha, com curiosidade para saber o que ela achara do meu beijo, da minha atitude.

Eu gostei, era bom o beijo da Rosa. Mas... e ela? Eu não tinha muita prática, como ia saber se ela gostara? Se ia querer mais? Eu queria mais. Muito mais. Queria conversar com ela, dizer tantas coisas... Mas não ali, com todo mundo olhando. Queria ficar sozinho com ela, num momento só nosso.

Ao mesmo tempo, eu sabia que precisava dizer alguma coisa para quebrar o silêncio que rolou imediatamente depois do beijo. E a única coisa em que consegui pensar foi:

— Posso sentar do seu lado hoje?

Rosa

Na mesma hora, paramos o beijo. Espantada, meio tonta até, eu não sabia se ria ou chorava enquanto olhava sem piscar para o Leo, que, ofegante, parecia ter tanto para me dizer, parecia querer me beijar mais, e mais, e mais... E eu pensando tanta coisa ruim dele... Tadinhooo!

— Posso sentar do seu lado hoje? — perguntou, meio vermelhinho de vergonhinha, o que me fez corar também na hora de responder, com um sorrisão que mal cabia no meu rosto:

— Pode... — respondi, antes de fazer uma longa e charmosa pausa (é, eu sei ser charmosa de vez em quando). — Claro... — disse, com olhinhos piscando como asas de borboleta. (Tá! Eu também sei ser ridícula de vez em quando!) Júlia foi marchando para o banheiro assim que o professor entrou na sala.

Luana olhou para mim e soltou baixinho:

— Aí, beijoqueironaaa!!!

Fiz cara de falsa brava e nem disse nada. Apenas sorri.

— Não liga pra Júlia, ela só tá irritada. E vai te pedir desculpas por todos os absurdos que ela falou, viu?

— É por isso que meu avô sempre diz que a gente não pode falar mal das pessoas... — contou Carol.

— Isso! — concordei.

— Calma! O ensinamento não acabou! A gente não pode falar mal das

pessoas na frente delas! Pra falar mal tem que falar por trás, pelas costas! — completou Carol, me surpreendendo.

— Sério que seu avô diz isso? — quis saber Luana.

— Diz sempre. E avô é tudão, avô é sábio, né?

Não consegui achar nenhuma palavra para comentar o "ensinamento" do avô da Carol. Por isso, continuei com a conversa:

— Gente, eu não sabia que a Júlia estava na sala... E também não devia ter dito todas aquelas coisas sobre ela. Coitada...

— Coitada? Menos, Rosa! Ela mereceu! — disse Luana, encerrando o assunto.

Naquele momento, apesar de ainda estar com o coração acelerado, eu confesso que estava interessada nos sentimentos da MABU, não gostava de magoar as pessoas. Mas nada se comparava ao meu interesse... pelo Leo. Só tinha olhos para ele, que me olhava de um jeito tão... tão intenso, tão verdadeiro, tão especial. Parecia encantado comigo. E como fez bem me sentir encantadora!

Ah! Eu sou um encanto de menina, mesmo. A minha avó sempre disse isso!

Mas uma dúvida me incomodava: será que ele queria namorar ou apenas ficar? Eu não queria ser só uma ficante dele, queria namorar, claro, o Leo era fofo e lindo e tal, mas era um menino e os meninos não gostam tanto de namorar quanto as meninas. Como tocaríamos nesse ponto difícil? Será que tocaríamos nesse ponto difícil? Tínhamos tantas coisas para conversar...

— Tem casal novo na área, Flávio! — fofocou Homero.

— Ah, é? Quem?

— Leo e Rosa! — a turma gritou em coro, me deixando da cor de uma berinjela e o Leo vermelho como um pimentão.

— Hum... Olha só. Um mais um é igual a dois, e dois é sempre melhor que um, não é, Leo?

Francamente, isso lá é piada que se faça? O povo da Matemática não nasceu mesmo para a comunicação, viu?

Leo apenas riu do professor, olhando para baixo. Melhor rir do que dizer alguma coisa diante de uma frase dessas, né não?

— Tá ótimo, crianças! Depois voltamos a falar do novo casalzinho. Agora quero saber se alguém teve dúvida no exercício que passei pra casa. A prova está chegando, hein!

E assim, não mais que de repente, eu e o Leo saímos do foco da turma e voltamos a ser alunos. Como se nada tivesse acontecido. Eu queria dizer tantas coisas pra ele. Ele certamente queria dizer coisas para mim também. Mas teríamos muito tempo para conversar.

Eu queria falar logo com a Rosa que estava a fim de namorar com ela, mas, mais do que isso, eu queria beijá-la de novo. Assim que bateu o sinal do recreio nós fomos para um canto mais sossegado, para podermos ficar a sós. Mas dois segundos depois tínhamos companhia. João Ivo e Tiago se aproximaram, certamente queriam falar do trabalho.

— Vocês estão namorando e nem contam nada pra gente? — zoou Tiago.

— Achei que nosso grupo era um grupo fiel, que dividia tudo... — zoou mais ainda João Ivo.

— Muito engraçadinhos, vocês — disse a Rosa, fazendo charme, mas não disse que sim, que estávamos namorando.

— Hoje vocês vão ficar aqui depois da aula entrevistando a Fátima, né? Eu e o João Ivo vamos entrevistar o Zuza nesse restaurante aqui da esquina.

— Jura? O Zuza topou dar entrevista?

— Topou, Rosa. Não é demais? — empolgou-se Tiago.

— O trabalho vai ter até nosso coordenador falando. Muito bom! — comemorei.

Uma boa parte do recreio já tinha ido embora quando Tiago e João Ivo resolveram deixar "os pombinhos sozinhos". Dois manés.

Mas era o que eu queria, finalmente ficar sozinho com a Rosa. Dei a mão para ela e estava pronto para chamá-la para conversar nos Degraus do Beijo quando...

— Você não tem nada pra me dizer?

Era Júlia, que chegou dando um tapinha nada simpático no ombro da Rosa.

— Ô, Júlia... Claro que tenho. Foi mal, eu não queria dizer nada daquilo...

— A Júlia também deve querer dizer umas coisas, né, Júlia? "Desculpa", por exemplo, seria um bom começo.

— Você quer que eu me desculpe de quê, Leo? Ela é que me deve desculpas, e mesmo assim, eu vou pensar. Não sei se dá pra perdoar o que ela fez comigo. Ela e você.

— Eu?!

— Ah, Leo, não se faça de desentendido. Depois de tudo o que aconteceu entre a gente...

— Não aconteceu nada entre a gente, Júlia!

— Ah, não? E nossas conversas, nossos planos de estudar juntos?

E os nossos corações, Leo?

— Coraçõ... J-Júlia... eu, eu nã...

— Você me desmoralizou na frente de todo mundo! Pior! Me trocou por outra na frente de todo mundo. E não foi qualquer troca. Você trocou um Audi conversível por um fusca 78, né, Leo? Isso é péssimo pra mim, péssimo pra minha reputação.

Aquela Júlia era inacreditável. Que menina mimada! Só se salvavam os peitos mesmo. Ô, peitão!

— Tá bom, Júlia. Chega de show. Não quer desculpar, não desculpa, mas agora você pode me deixar sozinha com o Leo? — irritou-se Rosa.

— Não quero e não vou desculpar você, Rosa. Nem você, garoto bobo. Mas eu sei que já, já você vai se arrepender da burrada que tá fazendo e vai vim correndo atrás de mim num futuro bem próximo.

— Vai vir correndo atrás de mim, Júlia! Vir! — corrigi a anta.

— Pois é, foi o que eu disse. Aí, se você implorar bonitinho eu posso pensar no seu caso e te perdoar.

Foi só ela se afastar marchando para... Triiiiiim!... Tocou o sinal. E eu não tive tempo de dizer absolutamente nada para a Rosa. Que mala essa Júlia! E quanta agressividade! Pra que tudo isso?

— Acho que a gente vai ter que esperar o fim da aula pra conversar, né? — comentei.

Rosa

— Arrã — concordei, linda. E meiga. A meiguice em forma de mulher. Uma quase-mulher.

O tempo passou, as últimas aulas se foram e era chegada a hora de conversar com meu... Ficante? Namorado? Rolo? Teretetê?

— E aí, meus amores? Onde vocês vão querer me entrevistar?

A Fátima! Como eu tinha me esquecido dela? A minha conversa romântica com o Leo seria adiada mais uma vez.

— Vamos fazer a entrevista no jardim, para aproveitar a luz natural desse dia bonito? — sugeriu Leo.

Sentamos a Fátima num banquinho no jardim que a deixava emoldurada por todo o verde daquele colégio imenso. Câmera ligada no tripé, perguntas na mão e nossa professora nota dez no foco, comecei a falar. Por que ela escolhera a profissão de professora? Qual a parte melhor de

lecionar? E a pior? Qual o maior mico que ela já tinha pagado? E quando foi que ela se emocionou com alunos?

— Eu me emociono muito com vocês. Aprendo muito com meus alunos, na verdade. Outro dia, encontrei um ex-aluno que já está de barba, se formando em Publicidade. Veio me abraçar e dizer que aprendeu a gostar de ler por minha causa. E que tinha escolhido ser publicitário porque minhas aulas o fizeram se apaixonar pela nossa língua. Não é lindo isso? — contou, visivelmente mexida.

Saindo da profissão... O que ela gostava de fazer nas horas vagas? Que tipo de filme gostava de assistir? E ao teatro, ela ia? Praia ou serra? Sol ou nuvem? Cachos ou chapinha? Rock ou MPB? Preto ou branco? Como ela cuidava da pele? E os sapatos? Ela era mesmo viciada neles, como eu suspeitava?

— Completamente viciada. E adoro inventar. Compro tênis baratos e customizo, pinto, bordo, boto paetês, botão, amo criar meus sapatos únicos. Sou uma estilista frustrada. Adoraria ter uma linha de sapatos maluquetes — divertiu-se, acrescentando que acharia ótimo se minha lei de devolução de sapatos existisse. — Isso vive acontecendo. É que nem roupa. A gente experimenta na loja e se acha linda. Em casa fica parecendo uma monstra! Tinha que ser como nos Estados Unidos: satisfação garantida ou seu dinheiro de volta.

E no mais? Está feliz com o Rio? Com os políticos? Com o asfalto? E o preço da carne? E do abacaxi? E a juventude?

— Eu adoro ser professora não só porque gosto de lecionar, mas por estar sempre rodeada de jovens. Esse contato diário com vocês me faz muito bem, eu me sinto mais jovem e mais antenada com tudo o que está acontecendo.

— E como você vê esse negócio de ficar? Hoje a galera da nossa idade fica, se beija assim que se conhece, numa festa, por exemplo. E isso pode ou não dar em namoro. O que você acha disso? — perguntei, lançando mão da ótima sugestão da Ludlinda.

— De ficar?

— É.

— Acho ótimo! Morro de inveja de vocês! Eu costumo comparar o ficar com um *test-drive*.

— *Test-drive*? — questionei.

— É. Quando a gente vai comprar um carro, o vendedor oferece um *test-drive* no veículo, pra gente dirigir e ver se gosta. Se gostamos, compramos. Se achamos ruim, não compramos e seguimos em frente, procurando um carro melhor, um carro que seja a nossa cara. Ficar é isso. É experimentar antes de namorar. É ver se vale a pena. Se o beijo e o papo forem bons, ótimo. Se for tudo uma porcaria, vai ter sido só um *test-drive*.

Você vai esquecer aquilo e vai seguir em frente, até achar uma pessoa que valha a pena ficar uma, duas, três vezes. E, quem sabe, namorar sério depois. Essa coisa de ficar, pra mim, é uma grande vitória da geração de vocês.

— Que máximo, Fátima! Adorei! — vibrei.

Depois de mais umas perguntas, liberamos nossa professora de Português.

— Estou curiosa pra ver esse trabalho, hein? Há muito tempo não vejo uma turma tão empolgada. Tá todo mundo no mesmo pique, querendo fazer o melhor. Estou feliz.

— A gente também, profefofa — eu disse.

— "Profefofa"? Ai, que amor! — ela derreteu-se com minha imensa criatividade. É, eu sou imensamente criativa de vez em quando.

— Agora a gente vai entrevistar mais umas pessoas, juntar com as entrevistas que o João Ivo e o Tiago estão fazendo, editar e entregar o melhor trabalho que você já corrigiu na vida — exagerou Leo.

— Quero só ver! — exclamou Fátima. — Beijo, meus queridos. E aproveitem agora que eu vou embora para conversar, porque começo de namoro é muito gostoso. Além do quê, o *test-drive* de vocês já rolou e foi bom, né, Leo?

Caraca! Como assim a Fátima sabia que eu e o Leo... Que o Leo e eu... Gente! Como as notícias corriam naquele colégio! Que gente mais fofoqueira!

Leo

Caraca! Geral já estava falando da gente. Todo mundo achava que a gente estava namorando e eu nem tinha conversado sobre isso com a minha... ficante? Namorada? Será que ela queria namorar comigo?

Depois que a Fátima foi embora, finalmente chegara a hora. Eu não tinha mais dúvidas, queria que a Rosa fosse minha namorada. Mesmo. Queria que ela conhecesse o meu pai, eu queria conhecer a mãe dela, eu queria essa vidinha de namorado, de ver filme abraçadinho com ela, comendo pipoca com muita manteiga. Será que ela gostava de manteiga?

Tanta coisa, tanta coisa pra falar...

A Fátima foi embora e a gente ficou ali se olhando. O corpo esquentando, a maçã do rosto fervendo e um sorriso bobo que não me abandonava de jeito nenhum completavam a cena. Leo fez um carinho no meu braço. Eu abaixei a cabeça, inclinei pro lado depois e ri, completamente idiotizada. Olhei pra ele de novo, dengosa que só eu. Ele engoliu em seco. Lindo ver o gogó dele descendo lentamente com a saliva. Estava nervoso, tão nervoso quanto eu.

— A gente tem tanto o que falar, né? — eu disse.

— É? — disse ele, se aproximando devagarzinho, fazendo meu coração acelerar muito, muito mesmo, e meu corpo amolecer.

Ele ia me dar um beijo e eu estava amando aqueles segundos antes de colar a minha boca na dele. Muito melhor que montanha-russa, muito melhor que surpresa, muito melhor que chocolate ao leite! Fechei os olhos assim que senti sua respiração forte e acelerada bem perto de mim, assim que nossos rostos se encostaram levemente. A gente ia se beijar. E agora ia ser um beijo-beijo, não um susto. Seria leve, planejado, querido, almejado.

Eu estava tão feliz que sorria com meu rosto todo, como era bom ficar nesse dengo de rostinho colado com o Leo! Como era bom o cheiro dele, o corpo dele perto do meu! Abri os olhos, olhei para sua boca, olhei para os olhos dele, olhei de novo para sua boca. Ele segurando meu rosto com as duas mãos, suuupercarinhoso, olhando encantado para cada poro da minha cara de pateta apaixonada, era chegada a hora do nosso beijo de verdade, do beijo que selaria o começo de uma história. Quando nossos lábios estavam a um milímetro um do outro, tocou o meu telefone.

— Não, agora não! — pediu ele.

— Não posso, é a minha mãe, tenho que atender — respondi, decepcionada comigo mesma (como é que eu não tinha desligado o celular? Que porcaria!). — Oi, mãe! Você tá aqui? Sério? Vou descer, então. Calma, que voz irritada é essa? Tá! A gente já acabou de entrevistar a Fátima, daqui a dois minutos tô aí.

Droga! Logo hoje minha mãe resolveu fazer uma boa ação e me buscar na escola?, irritei-me. E por que ela estava tão impaciente?

— Leo... eu...

Não deu tempo de falar nada. Leo me roubou um beijo na maior cara de pau. Beijo bom. Beijo muito bom. Lindo, perfeito, nota mil pro beijo dele! Beijo com carinho no cabelo, sabe? A mão dele na base da minha nuca... Ui! Um espe-tá-cu-lo!

Pena que tive que abreviar.

— Preciso ir, senão minha mãe vai dar um ataque. Acho que ela não está muito bem.

Leo parecia estar num transe, mal ouviu o que eu disse. Apenas

continuou a olhar minha boca e a mexer nos meus lábios carinhosamente com a ponta dos dedos. Ia ser difícil sair dali, era como se um ímã puxasse um na direção do outro. Rolou mais um beijo. E esse, parece mentira mas é verdade, foi melhor ainda! Com mais intensidade, mais abraço, mais vontade. Menos meigo e mais... mais feroz. Mas sempre com muito, muito carinho.

Eu podia ficar horas beijando o Leo. Horas. Mas...

— Desculpa, mas não paro de pensar na minha mãe.

— Na sua mãe? Nossa, meu beijo é tão ruim assim? Não tinha como pensar em outra coisa? — riu ele.

— Não, bobo — ri de volta. Como ele era espirituoso, inteligente e divertido. — É que ela está lá embaixo, com uma voz irritada, melhor eu ir.

— Beleza. Mas eu não podia deixar você ir embora sem te dar um beijo.

Agora foi a minha hora de pegar o rosto dele e tascar naquela boca maravilhosamente maravilhosa um estalinho muito do bonitinho. Nossa, eu estava sensacional! Comportamento de veterana dos beijos.

Leo

Tá bom, os beijos foram ótimos, ela tá gostando, constatei. Mas ela se virou para ir embora por causa da chata da mãe que não tinha *timing*. Segurei a Rosa pelo braço. Não podia deixá-la ir sem dizer o que estava entalado na minha garganta:

— Rosa?

— Oi?

— Você... você quer... na-namorar comigo? Porque eu quero na-namorar com você...

Droga! Gaguejei! Ela vai me achar o maior otário!

Rosa demorou para responder. Não vai querer, não vai querer, vou tomar um toco, vou tomar um toco, eu me preparei, enquanto suava em bicas no sovaco.

Rosa

Que fofo!!!! O Leo é um fofo!!! E ele ainda gaguejou! Que lindoooo! Fiquei

tão encantada, tão abobalhada, tão sem ação e sem palavras que fiquei só olhando para ele.

— Olha, Rosa, se você não quiser, nã...

Interrompi a frase dando mais um beijo nele.

— Claro que quero! Quero muito. Nós agora somos oficialmente namorados!

Porcaria! Não precisava dessa frase meio idiotinha. "Oficialmente namorados"? Coisa mais cafona e sem sentido! Onde é que eu estava com a cabeça?

Leo

Oficialmente namorados? Que bonitinha!, sorri enquanto contemplava seu rosto. Eu nunca tinha sido oficialmente namorado de ninguém e sabia que isso ia me custar muito deboche, muita zoação dos meus amigos.

Mas não estava nem aí para eles. Só pensava na Rosa, no beijo da Rosa, nos olhos da Rosa. Minha Rosa.

Rosa

— Quer carona, namorado? — disse, sorrindo com todos os meus dentes.

— Pode ser. Mas acho que vou ficar sem graça com a sua mãe...

— Vai nada, ela é gente boa!

Caminhamos juntos rumo à saída e encontrei minha mãe do lado de fora do carro, conversando com um cara numa moto.

— Ih, olha lá! É meu pai! — disse Leo.

— Conversando com a minha mãe! Não creio que eles se conheceram! — exclamei. — Nossos pais são amigos, Leo! Que lindos! Já pensou se eles também namorarem, que máximo? — surtei.

Chegamos perto e pudemos conferir a conversa dos... amigos:

— Ah, vai pagar mesmo. O erro foi seu — acusou minha mãe.

— Meu não foi. Você estava parada e resolveu andar justamente na hora em que eu passei com a moto. Nem me viu, podia ter me derrubado!

— Ai, que exagero! Você é o barbeiro e eu que levo a culpa? Que

graça!

É. Definitivamente, amigos eles não eram.

— Se tivesse visto, teria esperado. Mas não, preferiu achar que eu era invisível. Claro que bateu no guidão da minha moto com o seu retrovisor.

— O SEU guidão bateu no meu retrovisor. Motoqueiro é tudo igual, vocês se acham os donos da rua.

— E vocês são todas iguais: mulher no volante, perigo constante.

Oooops! A minha mãe odiava essa frase. A minha mãe estava fula da vida. E a minha mãe estava na TPM.

— Oi, mãe — cumprimentei, para interromper a briga. Era só o que faltava, estava namorando havia apenas 3 minutos e minha mãe já odiava o pai do meu namorado! — Oi, tio Múcio. Pelo visto você e a mamãe já se conheceram, né?

— Ah, Rosa, essa é a sua mãe? Pois é, estamos aqui conversando e deu para perceber que ela precisa de umas aulas na autoescola de novo, dá esse conselho pra ela — debochou o pai do Leo, nada interessado em parar de brigar.

— Ô, *véi*, deixa isso para lá. Vamos?

— Bota o seu capacete, *rapá*. Monta aí. Ainda bem que *tu* tá solteiro, Leo. Espero que fique assim por muito tempo. Mulher só dá problema — rugiu tio Múcio, cheio de raiva da minha mãe e matando a gente de vergonha. Solteiro? Como assim, solteiro? Eu tinha que fazer alguma coisa, aquilo não podia ficar assim!

— Mãe, esse é o Leo, meu nam...

— Ah, você que é o Leo? Agora entendi tudo.

— Entendeu tudo o quê, mãe? Olha só, nós...

— Garoto sem atitude, sem iniciativa. Também, com um pai desses...

— Manhê!!!! — gritei irritadíssima.

— Não fala assim do meu filho, não. O cara é incrível, a melhor coisa que eu fiz na vida.

— Que fofo, tio Múcio — elogiei. — Olha só, mãe...

— Vamos embora, minha filha. Vamos deixar esses dois pra lá. O Leo tem o telefone da Rosa, vou esperar você me ligar, hein, barbeiro?

— Eu vou ligar, mas você vai ver que não foi nada, não vai ter nem que levar em oficina, é só pedir pra pessoa que lava seu carro esfregar bem isso aí, nem tirou tinta.

— Tirou sim senhor! Um arranhão enorme! Enorme! — exagerou minha mãe.

— Tchau, Leo. — Foi tudo que eu tive tempo de dizer, antes de ele colocar o capacete e o pai acelerar a moto.

Já no carro, comentei com minha mãe que o arranhão parecia um cocô de passarinho que comeu pouco, de tão insignificante.

— Mas ele tem que pagar, filha. Aqui se faz, aqui se paga — revoltou-se. — Eu não gosto de brigar, eu não sou de discutir. Sou tão pacífica... Tão bacaninha... — ela se autoelogiou, antes de começar a chorar. Sim, minha mãe derramou algumas lágrimas por conta desse episódio ridículo. Mulher na TPM é um treco estranho mesmo, né? — Desculpa, filha, estou pra ficar menstruada, você sabe como eu fico nesses dias...

— Ô, se sei... — ironizei.

— Rosa, não fala assim com a mamãe, a mamãe está sensível, precisando de colo. A mamãe se envolveu num acidente de trânsito, podia ter sido muito grave, viu?

— Menos, mãe. Foi zero grave!

— Mas...

— Engole o choro, por favor, engole o choro, dona Paloma! Anda, vamos mudar de assunto.

— Vamos, filhinha, vamos mudar de assunto. E aí, como foi a escola?

— Legal — respondi, com aquela síntese típica dos adolescentes.

— O que é que você estava fazendo com o Leo? O trabalho?

— Isso, eu estava com o Leo fazendo o trabalho, e depois...

— Você tá com muita fome ou eu posso passar no posto rapidinho pra abastecer?

— Mãe, presta atenção! Eu e o Leo... a gente... a gente... acho que a gente tá... assim... como é que te digo isso? Ah, namorando. A gente tá namorando.

Ela deu uma freada. Ainda bem que eu estava com o cinto de segurança.

— Namorando? Namorando como?

— Namorando, ué. Namorando firme — completei, feliz.

— Beijando não, né?

— Mãe, que frase é essa? Claro que eu tô beijando! Se eu estou namorando... Que pergunta!

— Rosa, com tantos meninos nessa escola enorme, você resolveu beijar justamente o Leo? Filho daquele mal-educado arrogante? Ele vai ser um adulto péssimo, grosseirão. E o pai dele tem moto, e motoqueiros são péssimos! Péssimos!

— Mãe, eu não tô nem aí pro pai do Leo. E estamos namorando só há uns dez minutos!... Tá tudo tãão bom!

— Você beijou no colégio? Diz que não, Rosa, diz que não! Isso pode dar até suspensão!

— Ai, mãe, que mané suspensão?

— Eu tenho certeza de que beijar dá suspensão! Em qualquer colégio decente é assim — reiterou minha mãe. — Rosa, colégio não é lugar pra beijar, não é boate!

— Boate? Ai, mãe, cê usa cada palavra... Beijar na sala de aula não dá suspensão, nada! Além do mais, a gente só beijou depois de entrevistar a Fátima. No jardim — dei uma mentidinha básica, pra ela não insistir nesse assunto mala. E o beijo na sala foi mais um susto que um beijo.

— Ah, melhor assim. Então vocês entrevistaram a Fátima. Como foi?

— Mãe, foi tão irado! Não imaginei que o Leo beijasse tão bem! Sabe quando as línguas rodam exatamente no mesmo ritmo?

— Línguas? Rosa! Não acredito que você falou em língua rodando comigo! Queria saber como foi a entrevista! Não o beijo!

— Ué, você não gosta que eu te conte tudo?

— Não!

— Não?

— Gosto. Mas só coisas que mães podem e querem saber.

— Como assim?

— Ah, você mesma uma vez me disse que alguns assuntos são para mães e outros para as amigas.

— E você achou um absurdo, disse que era minha melhor amiga, que não via problema nenhum em dividir tudo comigo.

— Pois é. Retiro o que eu disse. Acabei de descobrir que não quero saber tudo, principalmente com tanta riqueza de detalhes. Antes de ser sua melhor amiga, sou sua mãe. Fico feliz por você confiar em mim e tal, mas saber que minha bebezinha estava sob uma chuva de cuspe é demais pra minha cabeça — encerrou o assunto, com uma cara indecifrável, que misturava numa mesma expressão nojinho, surpresa e um tantinho de decepção.

Mãe é um bicho engraçado. Não imaginava que ela fosse reagir assim. Chuva de cuspe? Muito bom isso. Quer dizer... Um nojo isso!

Entendi o recado, e ela logo puxou outro assunto para quebrar o constrangimento. Falamos amenidades até em casa, mas eu não conseguia pensar em nenhuma das palavras que saíam, não sei como, da minha boca.Só pensava no Leo e na saudade imensa que eu já estava sentindo dele.

Assim que descemos da moto, meu pai começou o interrogatório:

— E aí, filhão? Pegou ou não pegou?

— Pai, meu lance com a Rosa é muito mais do que pegação. Deu tudo certo e... a gente tá namorando.

— Boa, garoto! Gostei de ver! E a Ludmila vai adorar saber que os conselhos dela deram resultado! O problema é a sua sogra. Ô mulherzinha nervosa!

— Pai, vê se não vai me criar problema, hein?

— Pode deixar, depois eu ligo para ela e ela vai ver que não foi nada. Mas conta aí, como foi?

— Como foi o quê?

— O começo do namoro, ué.

— Foi maneiro, pai, agora vamos subir e almoçar que eu tô morrendo de fome.

Ele, claro, ainda insistiu muito, mas esse tipo de assunto eu preferia guardar só para mim.

Rosa

Já que minha mãe não queria conversa, Luana e Carol ficaram sabendo de tudo, tudinho, dos pormenores de cada sentimento bom que eu estava sentindo, de cada palavra que disse para ele e ouvi dele, os detalhes da maneira como ele acarinhou meu rosto, a textura da pele de suas mãos, a gama de marrons que contornava sua imensa pupila... ah, enfim, essas coisas de menina. Se existisse um teste Qual o seu Conhecimento sobre o Relacionamento de Leo e Rosa?, elas tirariam dez, nota dez!

No nosso primeiro dia de namoro, eu e o Leo nos falamos umas 38 vezes por telefone. E eu terminava todas as ligações suspirando. Sim, sou cafona! Uma ridícula! Mas não dizem que os enamorados são todos ridículos? A começar pelo uso de uma palavra como “enamorados”.

Na última ligação, à noite, ele estava empolgado. Tinha acabado de voltar da casa do Tiago.

— Ficaram demais as entrevistas, Rosa. E o Tiago manda bem editando. Esse cara vai acabar trabalhando em televisão. O pai dele trabalha numa emissora de tevê, sabia?

— Não, não sabia. Ai, Leo, que feliz que eu tô com nosso trabalho! A gente tem mais uns dias pra terminar as entrevistas e fazer a parte do estúdio. Quero arrebentar como apresentadora.

— Você arrebenta em tudo que faz.

Morri! Me empalha que eu morri!!!, eu quase berrei. Mas achei melhor ficar quietinha e fui em frente com o meu discurso aluna-encantada-com-trabalho-da-matéria-preferida:

— Quero tirar dez nesse trabalho.

— Nota dez é você, Rosa — disse ele, me fazendo sorrir e mostrando que, como eu, era cafona e ridículo também.

É, eu não podia mais me enganar. Estava apaixonada. Completamente. Imensamente. Intensamente. E acho que ele também. Mas será que estava como eu? Será que não tinha parado de pensar em mim? Que havia se jogado na cama ao chegar em casa só pra pensar em mim suspirando? Que não conseguira se concentrar em mais nada, a não ser na minha imagem que não saía da sua cabeça? Que tinha ligado para os amigos para falar da nossa paixão? Sim, com certeza ele narrou com romantismo e detalhamento tudo o que tínhamos vivido e conversado até o momento para pelo menos dois ou três grandes amigos. É muita intensidade, muita beleza, tava tudo muito mágico para ficar só dentro da gente!

Leo

Depois do almoço fui direto pra aula de tênis. Quando voltei pra casa ainda joguei várias peladas no playground com o povo do prédio e já era quase hora do jantar quando tomei banho. Jantei rapidinho e fui na casa do Tiago ver como estava ficando o trabalho, estava show!

Durante o dia, pensei muito sobre o fato de estar namorando. Era bom, eu gostava da Rosa, ficava feliz perto dela. E beijá-la tinha sido muito gostoso. Ela me ligou umas cinco vezes e foi ótimo, embora não tivéssemos tanto assunto assim para conversar. É, eu estava mesmo a fim da Rosa. Bem a fim. Amarradão.

— Amarradão uma ova! Tá apaixonado, desembucha, moleque! Estar apaixonado não é doença, não, não precisa ter medo de dizer! — insistiu meu pai, pelo menos cinco vezes naquela noite.

Nunca tinha me apaixonado antes mas, vá lá, acho que o que eu estava sentindo era... Era paixão, sim. E era bom, bom mesmo. E ponto final. Mas sobre sentimento, sobre essas coisas melosas que menina adora, homem não conversa nem sob tortura.

Até porque não me imagino contando pra nenhum amigo que o beijo da Rosa era perfeito. Vê se eu posso falar isso pra algum homem? Eu não saberia nem puxar um assunto como esse.

— Você não pode contar pelo menos pra mim? Só pra mim?

— Contar o quê, pai?

— Sobre sua paixão avassaladora pela Rosa.

— Para, pai!

— Cara, eu sou seu pai, não vou te zoar!

— Dá licença, quero ficar sozinho.

— Pra pensar na Rosa?

— Que chato, você!

— Leo, eu vou te contar uma coisa: mulher, quando se apaixona, conta pra todo mundo que conhece e que não conhece que tá apaixonada. Então pode ter certeza de que até o amigo distante do vizinho do filho do primo do porteiro do prédio da Rosa sabe que vocês estão namorando.

— Ai, pai, não viaja. Menina é fofoqueira, mas não tanto. Vê se a Rosa ia perder tempo com isso...

— Filhão, eu conheço mulher, elas são esquisitas. Contam tudo pra todo mundo o tempo todo. E com um nível de detalhes que a gente nem suspeita que existe. É mais forte que elas.

— É? Bom, que mulher fala é fato. Até no banheiro elas têm que ir juntas pra fofocar.

— Pois é. Homem não. Homem, pra não ser ridicularizado pelos amigos, não conta pra ninguém quando tá apaixonado. Só conta pro pai. É assim desde que o mundo é mundo.

— Pô, pai! Fala sério! Cê tá inventando isso. Tem quantos anos você? Onze?

— Ô, garoto! Não tô inventando nada. É a regra mundial que rege a relação entre pais e filhos.

— Pai, você é muito mais criança que eu, sabia?

Eu não contei nada, mesmo com tantas investidas dele para termos uma "conversa séria sobre o amor". Meu pai era um cara legal, mas essa mania de querer conversar sobre tudo o tempo todo era chata. Bem chata.

Rosa

A nossa primeira semana de namoro foi deliciosa. O Leo parecia um pouco envergonhado de ficar de mãos dadas comigo e de pagar paixão pelo colégio, mas a gente estava se dando muito bem, a gente virou um grude, a

gente era uma fofura só. E a gente se beijava muuuuito. No cinema, no shopping, na rua, na porta da escola, nos Degraus do Beijo e até na sala de aula. Era difícil controlar, às vezes eu tinha vontade de assistir às aulas abraçada, colada nele. Era surpreendentemente bom sentir a pele dele em contato com a minha. Não sei nem explicar por quê.

Dois dias depois da discussão na sala de aula, Júlia começou a namorar o Confusão. Sim, o Confusão. Casal perfeito. No começo achei que a Júlia tinha ficado com ele por despeito, pra não ficar sozinha, se sentindo rejeitada. Depois achei que eles estavam felizes juntos. Compreensível. Eles se mereciam.

Chegou o dia da apresentação do nosso trabalho. A turma inteira amou, a sala toda em silêncio assistindo, fiquei pasma. Aplausos. Sim, ganhamos aplausos. Na hora, a Fátima decretou, sem titubear:

— Olha, pra esse trabalho não tem como dar outra nota. É dez! Nota dez! Parabéns, meninos!

Eu, Leo, Tiago e João Ivo nos abraçamos, aos pulos. Aquilo é que era professora, nem suspense ela fazia. Dez, nota dez! Eu sempre amei uma nota dez. Eu e a nota dez nascemos uma pra outra. Sim, eu sou metida de vez em quando.

Depois que o sinal bateu, eu e o Leo, que tínhamos trocado olhares durante todo o resto da aula, não resistimos. Na sala de aula, aquele recinto escolar sério e austero, assim que nos vimos sozinhos após a debandada geral do alunos, demos um beijão comemorativo pela nota dez. Daqueles lindos, longos, de cinema.

Saí da sala suspirando, sem sequer suspeitar do que iria enfrentar no dia seguinte.

Leo

Ainda amarradão com o dez do dia anterior, o único dez da minha vida (nunca fui um aluno nota dez. Longe disso), cheguei na escola e fiquei esperando a Rosa. Ela gostava de entrar de mãos dadas comigo e, sinceramente, eu também, embora a galera adorasse ficar me zoando por causa disso. Mas aposto que, no fundo, eles também gostariam de estar namorando.

Assim que pisamos no corredor da nossa sala de aula, sentimos um clima estranho, as pessoas da nossa e de outras turmas de pé, olhando pra nossa cara de um jeito diferente.

— Nossa, que astral pesado. Todo mundo olhando pra gente. Será

que estão com inveja do nosso dez? Ai, que gente louca — comentou Rosa, longe de estar certa.

Quando nos aproximamos da porta da sala, ouvimos a discussão que corria solta. E nós, mesmo sem estarmos presentes, éramos o centro das atenções. Foi só a gente entrar pra todo mundo calar a boca.

— Que foi? O que foi que aconteceu? — perguntei.

— Vocês... vocês ainda não estão sabendo? — checou Carol.

— Sabendo de quê? — respondi.

— Fala logo! — pediu Rosa.

— Melhor do que falar é MOSTRAR pra vocês o que está acontecendo — aproximou-se Luana, com cara de velório.

— Ai, gente, é coisa boa ou coisa ruim? Pela cara é coisa péssima, mas... — angustiou-se Rosa.

— É, Rosa. É coisa péssima. Péssima — disse Luana, sem rodeios, mostrando o celular.

Na tela, um vídeo postado no YouTube mostrava o beijo que eu dera na Rosa no dia anterior. Longo, demorado.

Senti que meu rosto ficou vermelho. Rosa quebrou o silêncio e perguntou:

— Ui! É a gente se beijando. Ah, dá vergonha, mas o que é que tem? Até parece que vocês nunca viram!

A frase que entrou no vídeo sobre nossa imagem congelada esclareceu tudo:

"Um colégio que *presa* pela moral e os bons costumes não pode aceitar uma coisa dessas. É certo beijar em sala de aula? Tá liberado? A Escola Dinâmica virou point de pegação? *Expulção* já!"

Pelos erros de grafia (prezar com "s" e expulsão com "ç") eu logo suspeitei de quem fora a ideia do vídeo. Rosa pensou a mesma coisa.

— Foi a Júlia? — surpreendeu-se, arregalando os olhos.

— A Júlia e eu, tá ligada? — manifestou-se Confusão, com um sorriso vitorioso na cara. — Quem com YouTube fere, com YouTube será ferido — completou, cheio de marra, mostrando que estava se vingando do episódio da briga.

— Beijo aqui dá expulsão? — perguntou Rosa, assustada.

— E mesmo sabendo disso vocês botaram esse vídeo na internet? — perguntei, impressionado com a frieza do cara.

— Justamente porque a gente sabe disso que a gente botou o vídeo, ué — disse Júlia, se metendo na conversa, com a mesma cara de vitória do namorado. Como dizia Rosa, eles se mereciam mesmo.

— Por quê? — indagou Rosa, indignada.

— Porque a gente não vai com a cara de vocês — respondeu Confusão, com a arrogância que lhe era peculiar.

Senti vontade de partir para cima dele, mas uma briga em sala de aula não me ajudaria em nada naquele momento.

— E porque nossos pais não querem que a gente estude num lugar que permite uma pornografia dessas.

— Pornografia? Um beijo? Pirou, Júlia? — reagiu Rosa. — Você já beijou na escola um monte de vezes!

— Olha só, Rosa, a parada é muito simples. Eu e a Júlia não gostamos de vocês, por isso achamos que filmar o beijo e mostrar para a direção seria uma forma rápida de tirar vocês da nossa vida — explicou Confusão, superior, com uma naturalidade assustadora.

— Leo, olha só. Tipo, você sabe que de você eu gosto, quem eu odeio é essa aguada. Mas aí, tipo, você começou a namorar a Rosa e eu tive que passar a gostar menos de você, sabe? Vocês andam muito grudados, muito juntinhos o tempo todo, estão atrapalhando a concentração dos outros na sala de aula — delirou Júlia.

— Que absurdo! — eu disse.

— E que mentira! — completou Rosa.

— Ah, tipo, vocês agridem a moral e os bons costumes. Não é só pelos beijos. Quando a gente for na diretoria, a gente vai falar também da história da Fátima.

— Que história da Fátima? — quis saber, indignado.

— A coisa do *test-drive*. Ah, vou reclamar, vou mesmo! — insistiu Júlia.

— O que é que tem a parte do *test-drive*? Foi demais a Fátima, que além de professora é mãe, achar irado a gente ficar com quem quiser. Os tempos mudaram, agora é assim! — elogiou Carol, se metendo na conversa que até então estava apenas sendo observada, como se fôssemos atores num palco.

— É, eu bem que gostei da comparação com o *test-drive* — complementou Luana.

— Claro. Ela mostrou que tem a cabeça aberta. Não é que nem um bando de adultos que tem por aí, que acha que ficar é promiscuidade — ressaltou Rosa.

— Sinceramente, eu achei, tipo, péssimo o que a Fátima falou. Me senti ofendidíssima.

— Ofendidíssima com o quê, Júlia? — reagiu Rosa, com a veia saltando do pescoço.

— É! O que foi que te ofendeu? Fiquei curioso. Acho mais provável você não ter entendido direito o que ela disse — debochei,

irritado.

— Ah, esse negócio de ficar por aí defendendo a vulgaridade.

— Ela não defendeu a vulgaridade! — esperneou Rosa, louca pra brigar.

— Ela só fez uma comparação, comentou que achava bacana a nossa geração poder testar antes de "comprar" — acrescentou Carol.

— Pois é. Quer dizer, somos todos carros, é isso? — relinchou Júlia.

— Não! — gritou Luana.

— Eu sei, eu entendi! Meninas adolescentes são carros que os garotos podem usar e depois jogar fora como se fossem descartáveis. A Fátima acha uma vitória quem sai pegando geral, beijando um bando de bocas, só pra testar.

— Não é nada disso! — irritou-se Rosa.

— É, sim! Tanto é que a opinião dela deve ter estimulado o comportamento vulgar de vocês em sala de aula. Espero que a Fátima seja demitida.

— Como é que é, Júlia? — gritou Rosa. — Por raiva da minha relação com o Leo você vai botar em jogo o emprego de uma professora? Isso não é loucura. Isso é maldade, sabia?

O professor de História chegou e tivemos todos que sentar ainda com muitas palavras por dizer. Eu estava impressionado com a atitude dos dois.

— Cara, vocês estão ferrados — disse Homero, superotimista.

— Por quê? Não acho tão grave assim, não, eu posso me explicar, dizer que não sabia que era proibido beijar em sala de aula...

— Mas a dona Madalena, a diretora, é superconservadora.

— Sério?! Então além de ver minha cabeça e a da Rosa rodando, a Fátima também vai correr risco? Eu vou matar a Ludmila.

— Não fala assim, Leo! A Ludmila deu uma sugestão muito legal, a pergunta sobre ficar foi ótima e a Fátima não falou nada demais. Esse casal é que é doente — comentou Rosa.

— Vocês podem ficar quietos ou está difícil? — aborreceu-se o professor, nos fazendo calar a boca.

Durante o recreio, nossos amigos tentaram nos preparar para o pior:

— A Júlia tá aqui desde pequena. E a mãe dela é toda enturmada com todo mundo, dá almoços chiques para a diretora e os coordenadores, ajudou a financiar a obra da reforma do teatro... — começou Luana.

— Isso sem contar o pai, que é advogado e parece que não cobra nada pelos serviços que presta à escola — completou Carol.

— Por isso que ela, burra do jeito que é, nunca repetiu de ano — disse Luana, muito bem dito.

— Que absurdo! — reagiu Rosa, indignada. — E eu que achei que essa escola era séria. Tem tanto nome, tanta pompa...

— É, mas a vida nem sempre é justa. Vocês têm que falar com a direção sabendo que uma reclamação da Júlia tem peso 2 — observou Homero.

— Peso mil — completou Norberto.

— E esse colégio é todo cheio das frescuras. Não pode beijar em sala de aula, todo mundo sabe — disse João Ivo.

— Mas e os Degraus do Beijo? — perguntei.

— Eles fingem que não veem. Preferem que tenha um lugar só para beijar do que ver beijo rolando em tudo que é canto da escola — explicou Tiago. — Melhor se preparar para uma suspensão. Expulsão eu acho difícil.

— Gente, é sério isso? — eu quis saber, já bem preocupado. A situação ficava mais difícil a cada minuto.

— É muito sério, Leo — disse Luana.

— Suspensão? Caramba... Eu nunca fui suspensa na vida... Nem expulsa... Eu não mereço ser expulsa... — lamentou Rosa, tentando segurar o choro.

No fim do último tempo, Zuza, o coordenador, bateu na porta da sala.

— Com licença, professor. Vou precisar levar o Leonardo e a Rosa para a direção. Meninos, me acompanhem, por favor.

Que situação! Que constrangimento! Em silêncio, a turma nos observou arrumar as coisas e partir rumo ao inesperado. Ainda tive tempo de ver a Júlia e o Confusão sorrindo alegremente, vitoriosos.

Rosa

Chegar à escola e levar um banho de água fria depois de um dia triunfal foi muito duro. Nunca, em toda a minha vida, eu estivera na sala da direção. E agora eu corria o risco de ser expulsa, ou suspensa! Por causa de um beijo! Que injustiça!

Tive que me segurar para não chorar. Não acreditava que aquilo estava

acontecendo comigo. Logo comigo. E com o Leo! Poxa, não tínhamos nada que ser punidos, o Confusão e a MABU que deveriam pagar caro por ter botado o vídeo na internet. Muita maldade.

O Zuza estava com a cara péssima. Deixou claro que havia se decepcionado, e muito, comigo e com o Leo. Meu Deus! Mas onde estava escrito que era proibido beijar dentro da sala? Além do mais, a sala estava vazia, a gente não se atracou no meio de nenhuma aula!

Assim que chegamos, fomos recebidos pela dona Madalena. Sem rodeios, ela começou:

— Eu estou muito chateada. Mais que isso: estou indignada. Essa escola tem 135 anos de tradição e agora, por causa de uma atitude inconsequente de vocês, ela corre o risco de ter o nome manchado, de ver sua reputação ir para o lixo. A Dinâmica tem um compromisso com a moral e os bons costumes, com a família, com a seriedade e com a decência.

— Mas a gente só deu um beijo...

— Por favor, Rosa, não me interrompa! — ela aumentou o tom da voz. — Aquilo não foi só um beijo. Foi um beijo ousado, abusado, que poderia ser dado em qualquer lugar, menos numa escola séria. Alguns alunos estão reclamando, dizendo que se sentem desconfortáveis na presença de vocês. Era só o que me faltava! Isso aqui não é uma matinê, vocês estão num estabelecimento de ensino!

— Mas...

— Leonardo, por favor, eu estou falando! — irritou-se dona Madalena. — E ainda fazem um trabalho de Português que estimula a vulgaridade!

— Não! O trabalho a gente traz pra senhora ver! Não teve nada disso, na verdade não teve nada demais — eu defendi a Fátima. — A professora só disse que...

— Eu não quero saber o que ela disse. Depois eu vejo o trabalho e me acerto com ela. Agora, o meu assunto é com vocês dois.

Senti o barulho da saliva descendo pela minha garganta.

— O que eu faço com vocês? Hein? — inquiriu ela, com uma cara de malvada que deixaria com ar angelical a madrasta da Branca de Neve.

Mesmo morrendo de medo, com as mãos suando e o coração acelerado, quebrei o breve porém desconfortável silêncio que se fez após a pergunta:

— A sala estava vazia, dona Madalena.

— E a gente não sabia que não podia... — completou Leo.

— Não sabiam? Não sabiam que existe lugar pra tudo? Que não é apropriado ficar se agarrando numa sala de aula? Será que alguém precisa ensinar isso a vocês? Não é óbvio, não? — exaltou-se seriamente.

— Mas a gente não estava se agarr... — tentei retrucar o absurdo.

— Eu preciso tomar uma atitude drástica. Coisas desse tipo simplesmente não podem acontecer. Por isso, eu tenho que dar uma punição adequada ao delito que vocês cometeram.

Delito? Desde quando beijar é delito?, era tudo o que eu queria perguntar. Eu estava me sentindo uma delinquente juvenil, com um nó na garganta quase me sufocando.

— Convoquei uma reunião de emergência com os pais de vocês para o fim da tarde. E quero que vocês estejam presentes.

O quê? O quê!? A minha mãe vai me matar!, quase chorei.

Eu e Leo fomos para casa arrasados. Tanto a minha mãe quanto o pai dele tiveram de sair mais cedo do trabalho para se reunir com a diretora. Era muita humilhação...

— Rosa, onde é que você estava com a cabeça? — perguntou minha mãe por telefone. — Quer ficar com fama de menina fácil, é isso?

Ela estava brava. Bem brava.

Marcamos de nos encontrar na porta da escola às quinze pras cinco da tarde. Na hora marcada, tio Múcio e minha mãe estavam lá.

A sorte estava lançada.

— Vai dar tudo certo, gente. Vocês estão namorando, não fizeram nada de errado! — o pai do Leo tentou nos acalmar.

— Nada de errado? Porque não é seu filho que vai ficar com má fama. É a minha filha que vai virar a piranha da escola. E ainda vai levar uma suspensão na cara. Isso se não for expulsa!

— Mãe! — bronqueei, nervosa.

— Piranhas não namoram, piranhas passam o rodo, ficam com todo mundo, esse é o ponto. Você nunca se apaixonou, não? Nunca viveu um amor de adolescente? — perguntou o pai do Leo, brincando com fogo.

— Já, mas sempre soube me comportar e nunca fui punida por isso! — respondeu minha mãe, subindo bastante o tom.

Nesse clima ótimo e superamigável fomos chamados à sala da diretora. Novamente, ela foi curta e grossa:

— Terei que tomar uma atitude drástica com esses meninos para dar o exemplo. Suspensão de uma semana. Mais duas suspensões e eles serão expulsos da escola. Fui clara?

— Como é que é? — revoltou-se tio Múcio. — A senhora vai suspender dois adolescentes por causa de um beijo? E por uma semana? Absurdo!

— Absurdo! — ratificou minha mãe, pela primeira vez concordando com o pai do meu namorado.

— Mas é o que deve ser feito. Nos dias de hoje, se uma atitude como

essa não tiver uma pena severa, daqui a pouco a escola vira uma boate. E esta é uma escola séria, meus senhores — explicou dona Madalena.

Tentei prender, mas não consegui. As lágrimas, aos poucos, desciam pelo meu rosto.

— A senhora tem que pensar que nós não estamos mais na década de 50. Os tempos mudaram e as punições também devem ser mudadas — disse tio Múcio.

— Eles não fizeram por mal. Sequer suspeitavam que não podiam se beijar numa sala de aula. Isso, na escola que eu estudei, de freiras, era proibido. Mas era outro tempo, outra mentalidade — completou minha mãe.

— Claro, a juventude mudou e a escola não pode ficar parada no tempo. Estamos no século XXI! — continuou o pai do Leo. — A senhora nem saberia desse beijo se não fosse a internet e o celular que gravou tudo. E celular ligado em sala de aula? Isso é permitido? Não deveria. Isso, sim, tira a atenção da turma, não um casal apaixonado.

Silêncio. As palavras do tio Múcio pareceram mexer com dona Madalena. Ela ouviu tudo atentamente e parecia refletir sobre cada palavra que acabara de ouvir. Eu e Leo estávamos mudos, apenas observando a cena. Eu (que sei ser exagerada ao extremo de vez em quando) me sentia num tribunal, sendo julgada pelo pior dos crimes.

— Muito bem, muito bem... — suspirou a diretora. — O senhor tem alguma razão. A escola realmente não pode parar no tempo. E o uso do celular não pode ser ignorado nessa história toda.

— E a má-fé de quem fez a gravação também não! — disse minha mãe.

— Pois é... — reagiu dona Madalena, fazendo uma longa pausa antes de prosseguir: — Eles continuam correndo o risco de suspensão, mas eu preciso pensar em tudo isso com mais calma. Podemos marcar uma nova reunião amanhã para eu dar o meu veredicto?

"Veredicto"? Caramba, aquela dona Madalena se achava mesmo uma juíza. Juíza frustrada, ela devia ser.

Saímos da sala e andamos em silêncio até o portão da escola, onde paramos para nos despedir.

— Fica tranquila, vai dar tudo certo — disse o tio Múcio à minha mãe, tentando melhorar o clima.

— Tranquila? Tranquila? Tranquila eu não vou conseguir ficar tão cedo, francamente!

Ô-ou...

Aqueles dois realmente não se bicavam.

Fui pra casa bem triste. Por decepcionar minha mãe, por decepcionar meu coordenador fofo e por estar passando por todo aquele drama sem necessidade.

Foi uma noite longa. Liguei pro Leo e trocamos aquelas deliciosas frases de amor. Ele tentou me acalmar, dizendo que tudo acabaria bem, embora o seu tom não passasse tanta certeza assim.

Antes de dormir ainda liguei para a Luana e chorei muito, muito mesmo, ao telefone.

Leo

No dia seguinte, a escola inteira já sabia que eu e a Rosa corríamos risco de ser suspensos. O pior foi chegar na sala de aula e dar de cara com Confusão e Júlia comemorando com Cebola e Tony o vídeo e todo o estrago que ele estava fazendo nas nossas vidas. Que pessoas pequenas, mesquinhas, más. E covardes. Não resisti:

— Olha só, nós podemos até ser suspensos, mas expulsão, que era o que vocês tanto queriam, não vai rolar. Uma pena... — ironizei. — Vocês vão ter que aturar a gente o ano inteiro.

Acho que o meu olhar foi tão firme e tão cheio de desprezo que nenhum deles conseguiu dizer nada. Covardes.

Nossos amigos estavam do nosso lado. Na verdade, ganhamos a simpatia da turma inteira. O grupinho de Júlia e Confusão passou a ser hostilizado pelos outros alunos, que discordavam 100% da atitude do casal.

No meio da aula de Geografia, Tiago cochichou:

— Fica tranquilo, Leo. A gente tá vendo uma maneira de tirar vocês dessa.

— Como?

— Não sei ainda, mas que a gente vai ajudar vocês, ah, vai.

No recreio, eu nem tive ânimo para jogar futebol. Além disso, quis ficar do lado da Rosa, que só sabia choramingar.

— Por quê? Por quê? — ela se perguntava a todo instante.

— Escola careta é isso aí, gente — resumiu Carol. — Rolam umas regras sinistras.

— O pior não são as regras, o pior é não saber quais são as regras! — eu disse.

— A minha mãe falou que essa é uma regra que meio que todo mundo sabe, que rola em toda escola séria, escola não é lugar pra beijar e ponto final — explicou Luana.

— Pô, Rosa, desculpa ter te beijado... — pedi, arrependido de

verdade.

— Leo, apesar de tudo, eu não me arrependo do beijo. Além disso, quando um não quer, dois não beijam, né? — disse ela, me dando um abraço em seguida. — Vai dar tudo certo. E o povo disse que está se mexendo pra ajudar a gente.

Mas o que será que eles estão aprontando? Essa pergunta martelava na minha cabeça. Como nossos amigos poderiam ajudar? Passeata? Piquete? Abaixo-assinado?

Na hora marcada, lá estávamos nós de novo na sala de espera da dona Madalena. Era chegado o momento. Eu e Rosa de mãos dadas sentados no sofá, meu pai na cadeira ao lado e a mãe da Rosa no sofá da frente. Silêncio total e absoluto. Apreensão. Era só esperar aquela porta se abrir para descobrirmos nosso futuro próximo.

— Eu não acredito! Eu não acredito! — resmungou Confusão, abrindo com força a porta da sala em que entraríamos em poucos minutos. — A minha mãe vai me esfolar vivo!

Foi uma surpresa. Mas não maior do que a que veio em seguida.

— Que mundo injusto, cara, tipo, que mundo injusto! — chorava Júlia. — A gente só queria ajudar! Fazer bem pro colégio! — berrava, com os olhos e o rosto vermelhos.

Atônita em meio às lágrimas, ela nem tinha nos visto, mas quando viu, não nos poupou:

— Culpa de vocês! De vocês! Nada disso estaria acontecendo se não fosse o casal mais inútil dessa escola! Odeio vocês! Odeio!

Eu e Rosa nos entreolhamos.

— O que será que aconteceu?

— Boa coisa não foi, né? — disse Rosa.

— A minha vida acabou! Acabou! — ouvimos Júlia gritar no corredor.

— Para, Júlia! Se acalma! — tentava, em vão, Confusão. — Pior sou eu, que não posso mais ser suspenso nenhuma vez este ano, senão sou expulso da escola!

— Tô nem aí pra você! Tô preocupada comigo! Por causa dessa história, meus pais podem simplesmente não me levar pro exterior nas férias. Isso, sim, é tragédia! — berrou Júlia no corredor.

A secretária nos chamou em seguida.

No dia anterior eu e o Leo ficamos longe um do outro durante a reunião, mas naquela tarde decidimos sentar lado a lado e de mãos dadas. Não tínhamos nada para esconder. Éramos namorados e queríamos muito dar força um ao outro.

Dona Madalena começou:

— Eu pensei bem no que vocês disseram ontem. E, ao contrário do que espalham por aí, eu sou, sim, uma pessoa flexível.

— O que aconteceu com a Júlia? Por que ela saiu daqui chorando?

Leo apertou minha mão com força e eu entendi o que ele queria dizer. Era como se ele perguntasse, irritado: "Isso é hora de fazer essa pergunta?" Ele estava certíssimo. A coisa tinha começado superbem e eu lá mudando de assunto por conta da minha incontrolável curiosidade.

— Você já vai saber, Rosa. Mas, como eu ia dizendo... Eu pensei bastante.

Dona Madalena pensou! Pensou bastante! Era uma evolução e tanto para quem queria punir a gente de cara! Então dona Madalena tinha visto o absurdo que era suspender a gente. Dona Madalena sabia ser bacana. Dona Madalena ia fazer um discurso sobre os benefícios de um saudável beijo na boca.

— Eu decidi que...

Nesse exato momento bateram na porta.

— Uns alunos deixaram este DVD aqui, dona Madalena. E disseram que é pra ser visto agora, que diz respeito a essa reunião e que é muito importante — anunciou a secretária.

Com cara de poucos amigos, ela estendeu o braço para pegar o DVD, que trazia escrita a frase: "Para ver e pensar sobre o caso Leo & Rosa."

— Vocês sabem o que tem aqui? — perguntou ela, para mim e para o Leo. Nós fizemos que não com a cabeça.

Com um suspiro entediado e sem alternativa, ela botou o DVD no computador e todos começamos a assistir.

— Dona Madalena, estamos aqui para prestar solidariedade aos nossos amigos, o Leo e a Rosa. Rodamos o colégio com uma câmera na mão para mostrar para a senhora o que acontece por aqui e não é filmado clandestinamente — anunciou Luana. — Todas as pessoas que aparecem neste vídeo autorizaram o uso de suas imagens, ao contrário do que aconteceu com o Leo e a Rosa. Com vocês, a corrente do beijo.

Espremi a mão do Leo com força e desatei a chorar baixinho. Uma espécie de clipe começou a passar. Eram imagens de casais de vários anos, de várias turmas, todos se beijando nas suas salas de aula.

— Se Leo e Rosa vão ser suspensos, nós também merecemos suspensão — disse um casal do terceiro ano antes de se beijar como nos finais dos filmes românticos.

E assim foi. Dez casais, conhecidos nossos ou não, se propuseram a nos ajudar pelo simples prazer de ajudar, por acharem absurda a suspensão por conta de um beijo. Teve um casal mais abusado que pediu, antes de se beijar: "Dona Madalena, suspende a gente aí também!"

A diretora não se movia. E não manifestava nenhum tipo de reação com o rosto. Não sabíamos se ela estava gostando, odiando ou achando engraçado. Mulher fria! Eu ali, chorando de emoção, nossos pais amarradões ao verem o apoio dos outros alunos, e ela lá, estática.

Aquela foi a maior prova de amizade que a gente podia receber. Foi realmente emocionante. O vídeo acabou com todos da nossa turma dizendo em coro: "Beijar é amar, e amor não pode ser proibido."

Eu sei, não precisava dessa frase superbrega, mas eles se empolgaram e nem tudo é perfeito.

Estavam perdoados.

Leo

Enquanto esperávamos o veredicto da diretora, que parecia gostar de um suspense, Rosa não resistiu e cortou o silêncio:

— Seja qual for o resultado, eu vou ficar feliz. Porque acabo de descobrir que os amigos que fiz nessa escola são para sempre. E amigos são a coisa mais importante do mundo, são nossa segunda família. Então, desde já, serei grata à Dinâmica para todo o sempre.

Dona Madalena parecia 100% entediada com o discurso "fofinho" da Rosa. Cá entre nós, ela não podia ter dito isso noutra hora? Sem a diretora presente?

Sem emitir nenhuma palavra sobre o que minha namorada acabara de dizer, dona Madalena respirou fundo antes de dar seu parecer:

— Eu preciso punir os dois. Preciso dar o exemplo, mostrar que esta escola é séria e que tem normas que devem ser cumpridas por todos.

Precisava fazer tanto suspense?

— Suspensão de três dias. Uma semana seria exagero. Além do mais, os dois são bons alunos.

— Três dias? Por que não dois? — perguntou tio Múcio, tentando abrir uma negociação.

Ela fez uma cara pensativa. Viva o meu pai! Ficamos felizes. Mas alegria de pobre dura pouco mesmo.

— Não... Três dias é o que vou dar de suspensão para Leo e Rosa. E também para todos os casais que apareceram neste vídeo.

— Os casais do vídeo vão ser punidos? Não pode ser!

— Rosa, fica quieta! — disse a mãe dela, entre os dentes.

— Mas eles não têm culpa de nada! — insisti.

— Eles se beijaram em sala de aula, assim como vocês. Não posso suspender vocês por esse motivo e deixar o beijo deles sem punição. Seria injusto. Entendo que eles estavam só tentando apoiar vocês, mas terão que sofrer as consequências.

O desapontamento estava escrito na minha testa. E na da Rosa também.

Rosa

Dona Madalena estava séria, mas não parecia brava como no dia anterior. Estava, como diria minha avó, mais serena.

— Também tomei outra importante decisão. A partir de agora vamos imprimir as regras de conduta dos alunos e deixar no mural de cada série, para não haver dúvidas. E a cada ano essas regras serão revistas e, se preciso, atualizadas, como propôs o senhor Múcio.

— Boa, dona Madalena! — comemorou o pai do Leo. — Muito bacana saber que a senhora não é daquelas diretoras irredutíveis. Ouviu o que eu disse, repensou e voltou atrás. Bom ver que meu filho está numa escola em que os pais são ouvidos.

— O mundo está mesmo mudando muito rápido, está difícil acompanhar, senhor Múcio. E o senhor chamou nossa atenção para isso. Quando as nossas normas de conduta foram criadas, não existia nem celular, quanto mais internet. Mas a ordem precisa ser restaurada e mantida, ninguém pode escapar dessa história impunemente. A escola é um lugar sério. Aqui, os alunos precisam aprender que seguir regras é primordial para se viver em sociedade. Temos que dar o exemplo.

— Foi por isso que a Júlia saiu daqui chorando? Ela também foi punida? Porque, na boa, dona Madalena, ela e o Confusão merecem. Agiram de má-fé, foram...

— Rosa, a Júlia e o Rafael foram punidos com suspensão de um dia.

— Sóóó!? — reclamei, sinceramente espantada.

— Rosa! — gritaram o pai do Leo e minha mãe.

— Mas, gente! A Júlia fez esse escândalo todo por causa de um di...

— Rosa! — Minha mãe arregalou os olhos. Eu seria uma menina morta antes de chegar em casa. Morta.

Dona Madalena parecia tão sem paciência comigo quanto os outros presentes. Achei melhor calar a minha boca.

— A partir de agora estão proibidos celulares ligados em sala de aula. Qualquer aluno que ligar um celular na sala de aula ou fizer filmagens dentro da escola também vai ser suspenso por um dia. E os pais terão de entender que só poderão ligar para os filhos na hora do recreio.

— Apoiada! — comemorou tio Múcio. — Sempre achei um absurdo celular em sala de aula. Celular tem internet, tem troca de textos... Assim ninguém consegue prestar atenção às aulas! — comentou ele, que àquela altura parecia conformado com a nossa suspensão.

— Sabem de uma coisa? Acho que a Júlia ficou mais triste com o fato de não poder mais mandar textos pelo celular durante a aula do que com a suspensão em si — disse a diretora, abrindo um leve meio-sorriso.

A minha mãe, ao contrário do pai do Leo, não parecia muito satisfeita com o desfecho da história... Muito séria, perguntou:

— Desculpe, mas a senhora acha realmente justo punir dois adolescentes dessa forma?

— Não sei se é justo, dona Paloma. O que é justo na cabeça de uma pessoa pode ser injusto para outra. O que eu sei é que essa punição se faz necessária. Eu preciso ser dura para que atos como esse não se repitam. Se eu não fosse, daqui a pouco essa escola ia virar uma filial de shopping center, onde esses meninos se agarram à luz do dia como se não houvesse ninguém à volta.

— A Rosa não faz isso, não! — defendeu-me minha mãe.

Beijo em shopping? Claro que eu dava. Todo mundo dava! Minha mãe era muito desatualizada mesmo...

A dona Madalena já tinha dito tudo o que queria para nós, por isso encerrou a reunião antes que a minha mãe criasse um novo caso. Despediu-se dizendo que esperava que não tivéssemos que passar por aquilo tudo de novo.

Saímos da escola e fomos encher a cara de *fast-food*. Na lanchonete, tio Múcio tentou argumentar com minha mãe, que parecia ter acabado de voltar de um enterro:

— Vamos olhar pelo lado bom, Paloma, pelo menos eles não foram suspensos por desrespeitar um professor ou por ter agredido algum colega em sala de aula. Isso, sim, seria grave. E preocupante. Mas... um beijo?

— Múcio, não é simples assim. Isso vai manchar o currículo impecável

da minha filha.

— Que exagero, Paloma! Daqui a um tempo ninguém vai nem se lembrar disso. E sinceramente acho que os dois vão tirar uma bela lição desse episódio.

— Que beijar em sala de aula é proibido? — ironizou minha mãe.

— Que na vida a gente tem que arcar com as consequências das nossas escolhas. Na escola, uma atitude errada pode dar em suspensão. Quando eles virarem adultos, uma escolha errada pode dar em cadeia.

— Cadeia? — espantou-se minha mãe, pronta para outra briga. Mas eu fui mais rápida:

— Manhê! Você entendeu o que ele quis dizer, vai! Boa, tio! É isso aí. Por mais que eu não ache justa a nossa suspensão, entendo que a gente colheu o que a gente plantou. Assim como os casais que se uniram para ajudar a gente, coitados.

Ui! Que frases sérias, adultas. Que frases coerentes. Que frases maduras. Rosa, teu nome é maturidade. Como é bom crescer! E nem dói, como dizem alguns. Apenas consegui ver as coisas com mais clareza. Simples assim.

— Tá, tá bom, entendo tudo, mas... Da próxima vez... nada de sem-vergonhice dentro da escola!

— Mãe! — sorri.

— Ela fala "sem-vegonhice"? É sério isso? — debochou tio Múcio, para irritação da minha mãe, que acabou soltando um sorriso e desanuviando a cara logo depois.

Leo

A professora de Português explicou seu ponto de vista para dona Madalena e, ao contrário do que pensávamos, não rolou nenhum estresse e ela continuou a dar aulas normalmente. E mais, ganhou até elogio da diretora que, agora mais atenta aos tempos atuais, elogiou a professora por procurar entender os jovens e seu universo. Foi um alívio para todos nós, que não queríamos que ela saísse prejudicada devido ao nosso trabalho. E pensar que o rolo todo aconteceu por causa da ideia da Ludimila, aquela criança empolgada e metida a adulta, que, acreditem ou não, às vezes pegava a Rosa no telefone e conversava por meia hora, como se tivessem a mesma idade. Saudades dela.

O ano correu sem mais contratempos estudantis. Quero dizer, no início foi um pouco difícil, com tanta gente suspensa por causa do

nosso famoso beijo. Alguns alunos nos olhavam meio de lado, como se a culpa de tudo tivesse sido só nossa. Mas, com o tempo, tudo acabou esquecido. Sábio tempo...

Os nossos pais é que insistiram muito, demais da conta, ao repetirem incansavelmente a lição de toda aquela confusão: normas existem para serem seguidas por todos, para manter a sociedade em ordem — e que é preciso ter punição para quem não as cumpre. Ouvi esse discurso pelo menos umas 300 vezes.

— Eu já entendi, pai! Já entendi! — dizia eu, de saco cheio com tanta liçãozinha de moral.

Pais são legais, mas sabem ser muito repetitivos. Muito.

Como num passe de mágica, Confusão, Cebola e Tony aquietaram, Júlia (ou MABU, como a Rosa gostava de chamá-la) até ameaçou trocar de escola depois do episódio Fátima, mas nunca levou a ideia adiante (para decepção da minha namorada). No fim do ano, ficou em recuperação pela primeira vez na vida. Não bastasse o inferno astral escolar, ela se distanciou de vez do agora inseparável trio, Luana, Carol e Rosa.

Luana e Homero se pegaram numa festa e estão numa situação indefinida desde então. Faz três meses que não se decidem se são namorados ou ficantes. Pelo que Homero conta pra mim, Luana é meio chatinha. Pelo que a Luana conta pra Rosa, Homero é meio chatinho. Mas, não entendo bem por quê, continuam se pegando.

A Carol decidiu que vai fazer Medicina e só fala em estudo. Diz que tem que se preparar desde já. O problema é que ela está meio psicótica, só fala em doença, só pensa em cadáveres. A gente morre de rir com ela.

Eu e a Rosa... Bem... Eu fico meio sem graça de falar sobre isso, mas a gente está superbem. Uma briguinha ali, outra aqui, ela ciumentinha, eu irritado porque ela às vezes é muito grudenta, ela irritada por conta do meu amor pelo futebol e minha fidelidade às peladas com os amigos... Típico casal de namorados. Muito bom. Alguns amigos meus gostam de ser solteiros. Eu, descobri, gosto mesmo é de namorar.

Nossos pais parecem crianças. Não se bicam. Apenas se aturam e se falam por educação. E pensar que a Rosa chegou a cogitar um namoro entre os dois. Mulheres... Sempre estranhas.

A nossa preocupação agora era o ano seguinte. Primeiro ano do ensino médio, o negócio começava a ficar sério pro nosso lado, o futuro cada vez mais próximo.

Em dezembro, minha mãe veio para o Natal e comentou que eu estava diferente. Que meu olhar estava diferente. Coisa de mãe. Mãe

repara muito.

— Não é não, filho. Você está mais... mais... mais adulto. É isso. Você não é mais meu menino, tá virando um homenzinho — comentou, meio rindo, meio triste.

E me deixou pau da vida. Pô, precisava falar a palavra "homenzinho" na frente da Rosa? Aliás, ela aprovou a Rosa, mas disse que eu era muito novo pra namorar sério.

— Meu amor, ela é ótima, atenciosa, bonitinha e tal, mas não gruda muito nela, não! A hora de passar o rodo é agora. Vai pegar outras meninas, porque depois a gente casa e não pode pegar mais ninguém. E vai que você cresce e fica feio! Pros feios é mais difícil, hein? Aviso logo.

Essa é minha mãe. Eu entendo perfeitamente ela ter casado com o meu pai. Eles são idênticos numa coisa: ambos se acham superengraçados e os melhores conselheiros sentimentais do mundo. Isso é que é ter sorte no quesito pais, viu?

— Ai, meu Deus! Leo, deixa eu ver isso de perto! Ai, meu Deus! Tá nascendo barba! Você tá com barba, Leo! Você tá com barba! Barbaaaa!!! Vem ver, Múcio! — disse minha mãe, um tanto descontrolada, mas com os olhos emocionados.

Eu não disse? É muita, muita sorte ter pais assim. Decidi fazer um curso de fotografia nas férias. Quem sabe um dia eu não tiro fotos iradas como as do meu pai? Da Rosa, eu vou tirar várias, claro. Todas lindas. Porque além de linda ela é bastante fotogênica.

— Vem, meu homenzinho de barbinha. O jantar está na mesa — zoou Rosa, fazendo rir os adultos presentes e me deixando envergonhado no jantar de boas-vindas à minha mãe.

Vergonha à parte, o fato é que eu estava me sentindo meio diferente mesmo. O tempo passara e eu tinha amadurecido. Não estava um homenzinho (ô, palavra ridícula), mas tinha evoluído no ano que passara e estava cada vez mais perto da vida adulta do que da adolescência (embora me achasse — e agisse como — uma criançona de vez em quando).

Mas agora era hora de me preparar para as férias. Primeiras férias longas namorando a Rosa. A minha Rosa.

Sim, eu continuo apaixonado. E, ao contrário do que queria minha mãe, eu tinha certeza de que ia ficar com ela por muito, muito tempo.

Copyright © 2011 *by* Thalita Rebouças

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Conversão para E-book
Freitas Bastos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R242e
Rebouças, Thalita, 1974-
Ela disse, ele disse [recurso eletrônico] / Thalita Rebouças. – Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2011.
recurso digital

Formato: e-PUB
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-64126-69-5 (recurso eletrônico)

1. Adolescência - Ficção. 2. Literatura infantojuvenil brasileira. 3. Livros eletrônicos. I. Título.

11-3961. CDD – 028.5 CDU – 087.5

Thalita Rebouças é carioca de 1974 e, quando criança, se autodenominava "fazedora de livros", pois adorava brincar de escritora. Jornalista de formação, acabou optando por abandonar as redações para se dedicar à literatura. Seus livros *Fala sério, amiga!, Fala sério, mãe!*, *Fala sério, professor!*, *Fala sério, amor!* e *Fala sério, pai!*, publicados pela Editora Rocco, foram lançados em Portugal pela Editorial Presença, assim como *Tudo por um Pop Star*. Thalita já vendeu mais de um milhão de livros e tem mais de 130 mil seguidores no Twitter, onde mantém contato diário com seus leitores.

Visite o site da autora: www.thalita.com